

Como  
você  
investe  
o seu  
din  
din?



Um estudo sobre o comportamento do investidor brasileiro, sob uma ótica bastante plural e inclusiva



# ANBIMA abraçando o Brasil

Muito tem sido estudado acerca do comportamento do brasileiro com o dinheiro, e a própria associação possui um histórico de pesquisa quantitativa sobre a relação dos brasileiros com os investimentos: o Raio X do Investidor vem, ano a ano, trazendo fotografias do momento presente e levantando fatos sobre as decisões financeiras da população.

Agora essa abordagem qualitativa veio somar. Pela primeira vez foi feito um estudo aberto nessa grandeza, não necessariamente com intuito de apontar notícias novas, mas com **o desafio de investigar os porquês.**





Ao longo de 4 meses contínuos, percorremos o país em suas 5 regiões, pelas estradas que ligam realidades tão diversas. Rodamos mais de 10.000 quilômetros no total, passamos por capitais e cidades pequenas, cruzando tantas paisagens e contextos de norte a sul, de leste a oeste.

**Mergulhamos na pluralidade de um país cheio de contrastes, materializando um verdadeiro abraço ANBIMA em pessoas que vivem vidas tão diferentes:** pra muito além de perguntas e respostas, tivemos tempo de ouvir suas histórias, de vivenciar algumas situações do dia a dia delas. Tivemos a chance de entrar em suas casas, de compreender a relação com o dinheiro sob um espectro muito completo.

Pois bem, o resultado de tudo isso não é um simples report de pesquisa convencional, mas a divisão daquilo que pudemos aprender com toda essa experiência vibrante e muito dinâmica.



Um projeto com escopo tão amplo precisa de uma metodologia que consiga **captar os aprendizados e evoluí-los ao longo do processo**. Por isso pensamos em um desenho de campo muito livre, aberto às perspectivas que poderiam aparecer, e que tivesse condições de se aprofundar bem nas questões mais relevantes.

Em essência, a Na Rua desenvolveu esse estudo através do vai-e-vem de uma metodologia própria do instituto, que sempre intercalava 2 fases complementares:



# ANBIMA, Na Rua



## Abordagens espontâneas

entrevistas livres, com o máximo possível de pessoas (foram mais de 700 no total), escolhidas de forma aleatória para trazerem multiplicidade e visões diferentes. Esta etapa é como colocar o dedo no pulso da sociedade e perceber as várias ondas que estão acontecendo no momento presente:

a repetição de informações vai nos apresentando padrões de comportamento, formas comuns de agir e (principalmente) de organizar o dinheiro. É assim que começamos a sentir uma segmentação.



# 2

## Vivências

entrevistas em profundidade, com 35 pessoas escolhidas a dedo por representarem algum padrão de comportamento significativo ao projeto.

Elas foram recrutadas entre os mais de 700 entrevistados da etapa aberta, e aceitaram abrir as portas das suas casas, dos seus negócios, **toparam abrir espaço no dia para que a gente pudesse acompanhar pedaços da rotina, momentos da organização financeira e situações interessantes** - aproveitamos essas oportunidades para mergulhar na realidade de cada pessoa.





# O ônibus do dindim

A ideia de criarmos um “espaço ANBIMA sobre rodas” surgiu no sentido de potencializar todos esses encontros:

se por fora o veículo materializava nosso projeto e chamava a atenção das pessoas ao redor para o assunto da pesquisa (o que estimulava as 700 abordagens de rua),

por dentro ele servia como um espaço seguro para os entrevistados se abrirem em um papo livre e solto sobre dinheiro em seu contexto mais amplo (o da vida), e de pouco a pouco a gente chegava no assunto do investimento de um jeito muito natural e espontâneo.

Muito além de representar uma chancela ANBIMA na investigação de um tema sensível e muito íntimo, **nosso ônibus tornou bastante concreta a proposta da associação de rodar o país e ir de encontro aos brasileiros.**



# Uma dinâmica inclusiva



Não é à toa que dinheiro virou dindim em uma pesquisa sobre investimentos, que é por essência um tema mais sério. Queríamos, desde o início, que a investigação acolhesse a todos, e tivesse uma linguagem simples capaz de fazer rolar uma conversa com todo tipo de gente.

A solução, além da estética mais despojada, foi pensar em uma dinâmica com **estímulos visuais que serviram para conduzir a cadência de assuntos de uma maneira lúdica e ao mesmo tempo assertiva**: esses exercícios (e suas peças) tiveram o poder de fazer o entrevistado pensar, refletir, e conseguir verbalizar informações que muitas vezes estavam fora do repertório pessoal, mas que tomaram forma através desses recursos projetivos.



É essa soma de experiências (mais de 700 conversas livres + imersão profunda na rotina de 35 pessoas) que traz um **material humano muito sensível para confirmar, refutar ou reorientar hipóteses** que haviam sido levantadas durante o briefing desse estudo, trazendo perspectivas interessantes (algumas talvez inéditas) sobre a jornada do investimento:

podemos perceber como o brasileiro está se aproximando do mercado de capitais;

conseguimos identificar os principais agentes influenciadores dessa jornada, e qual o poder de cada um deles no processo de investimento de diferentes públicos;

foi possível coletar, de uma maneira muito viva, as motivações para a diversificação da carteira, e os entraves mais comuns nesse passo a passo para a definição e compra de novos produtos.





# o Brasil fora do filtro do nosso estudo

Esse projeto, que visa compreender o comportamento dos investidores, precisa concentrar a atenção naqueles indivíduos que conseguem - ainda que eventualmente - guardar um pouco de dinheiro e reservar uma certa quantia para as aplicações financeiras.

Ocorre que ao pescarmos esse target em mar aberto, ou seja, ao irmos de encontro a sociedade a fim de separarmos apenas aquelas pessoas no filtro do nosso estudo, fomos impactados pela grandeza da parcela da população que não consegue juntar qualquer dinheiro, ou que pensa investimento fora da esfera do mercado financeiro.

Precisamos começar falando dessas pessoas, não para jogarmos luz sobre elas, mas para chamar atenção sobre a (ainda) tímida dimensão do nosso público-alvo na realidade econômica brasileira.

Grande parte da população não consegue fechar o mês no azul:

# falta dinheiro para o básico

A maioria das pessoas abordadas (e isso fora da soma dos 700 entrevistados dentro do filtro) relatava não ter posse de qualquer quantia guardada, e também a impossibilidade de reservar parte da renda para algum plano de médio ou longo prazos, porque todo o recurso que entra não é suficiente, sequer, para suprir os gastos mensais pessoais ou da família.

**Faltando dinheiro para manter as contas no positivo, esses brasileiros vão fazendo um malabarismo com as dívidas e contas atrasadas,** quitando aquelas mais urgentes e jogando para frente as outras que são menos impactantes para o bem-estar da casa e de quem mora nela.





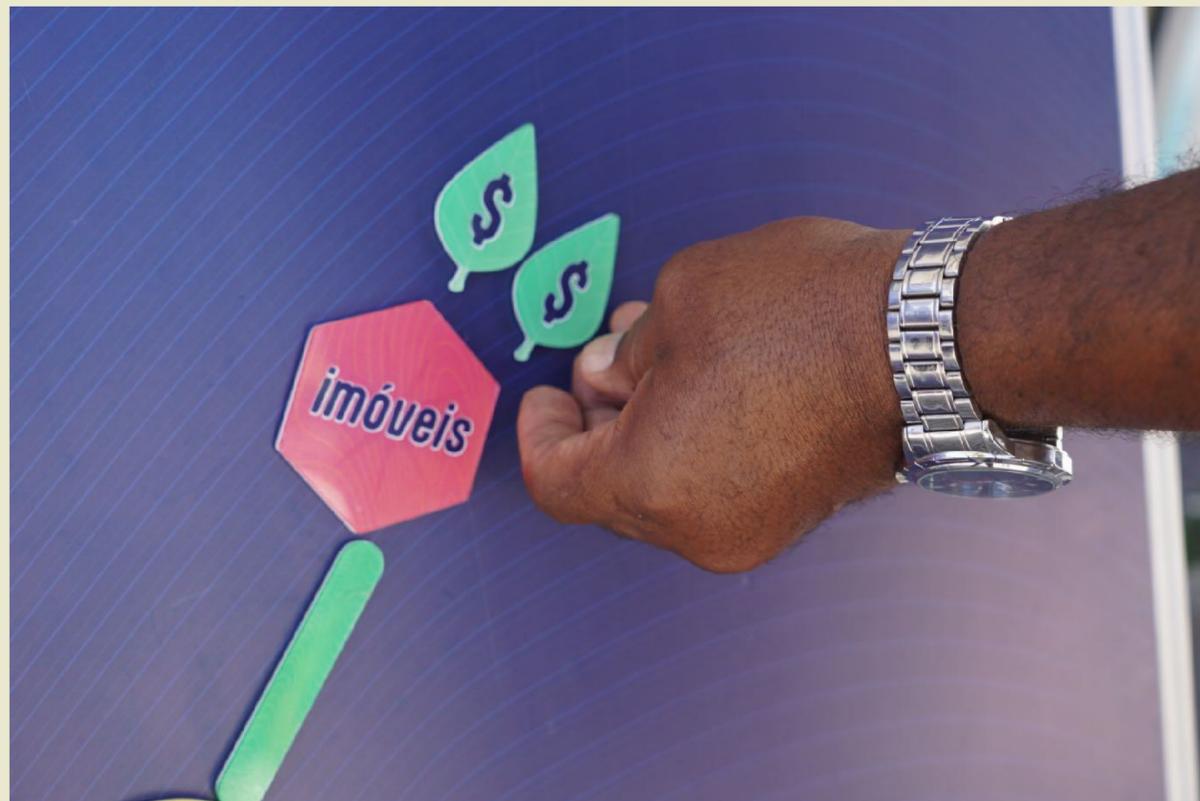
*“A gente vive apertado, sem dinheiro para as necessidades. Se não sobra pra pagar as dívidas, não sobra nadinha pra fazer um pé de meia. Tem mês que você precisa escolher o que vai pagar, porque o salário não dá para todas as contas. Eu deixo de pagar a de água, porque eles demoram mais a cortar. E aí você vai jogando assim”*

— Rita, 66, aposentada · São Bernardo [SP]

Grande parte da população não consegue fechar o mês no azul:

# falta dinheiro para o básico





Culturalmente, está muito arraigada a crença de que o patrimônio só cresce mesmo através de investimentos concretos, à margem do mercado financeiro

Existe uma valorização do patrimônio físico, aquilo que é tangível, concreto, que se pode ver crescer (ou melhorar) aos olhos nus, aquilo que é material e que se aprimora com empenho do trabalho, com suor, de modo a ganhar mais valor a partir do esforço de uma construção real, sólida, palpável.







*“Se eu ganhasse na loteria hoje, eu compraria várias casas pra eu alugar e viver com essa renda. Compraria fazenda boa para criar gado, engordar e vender depois.*

*Tem que investir naquilo que fica no seu nome, registrado em cartório. Tem que investir naquilo que você sabe mexer pra valorizar mais e mais”*

*— Suzane, 55, massagista · Rio de Janeiro (RJ)*



## formação

Estudo (principalmente universitário ou profissionalizante) e educação como uma alavanca para subir degraus na escala social.

o diploma da faculdade;  
o curso de inglês



## negócio próprio

Estruturação de uma atividade comercial (geralmente familiar).

maquinário e capital de giro para produzir produtos; carreta para transporte de carga; ponto físico para revenda de produtos



## imóvel

Propriedade que se valoriza com o tempo ou com benfeitorias, ou propriedade para fins comerciais.

lote em áreas de crescimento; casa para aluguel; reforma para agregar a família e dividir as contas; terra (sítio, fazenda) para produção



## bens duráveis

Veículos, eletrônicos e eletrodomésticos,

conserto e revenda de veículos; comércio de produtos em grupos e sites de classificados



## animais

Criação para engorda e abate,

rebanho de gado; venda de produtos derivados (leite, queijo, ovos); comércio de pets



# O que é investimento para o brasileiro, na ideia mais popular sobre como fazer o dinheiro crescer



*“Se você colocar 200 reais na minha mão,  
no final do dia eu tenho R\$ 400. Esse é o  
investimento do pobre, a gente faz rolo com  
o que pode e dá um jeito de ganhar dinheiro”*

*— Raimunda, 50 anos, comerciante · Belém (PA)*

# Desconhecimento sobre o mercado de capitais, e desconfiança no sistema financeiro

E na contramão da popularização dos produtos financeiros formais, contribui para esse sentimento (de investimento estar ligado sempre a algo concreto) a idéia de que banco não é parceiro ou amigo verdadeiro - exatamente o oposto, **banco ou instituições financeiras são corporações a serem evitadas.**

Sendo assim existe, de maneira geral e sobretudo nas camadas mais baixas da sociedade, um desconhecimento acerca dos serviços bancários para além do pacote normal da conta e de alguns tipos de empréstimos.





*“Então você quer me dizer que o banco que me esfolia nos juros do cartão todos os meses é uma empresa que está interessada em me ajudar a ganhar dinheiro? De banco eu só quero distância, quanto mais eu puder ficar longe dele, quanto menos eu depender dele pra qualquer coisa, melhor”*

*— Valério, 53 anos, luthier · Recife (PE)*





famílias com dificuldade em fazer as contas caberem no ganho mensal



concepção de que investimento financeiro significa empregar esforço ou dedicação em bens concretos



desconfiança nas instituições financeiras, histórico de uma relação complicada (e muitas vezes abusiva)



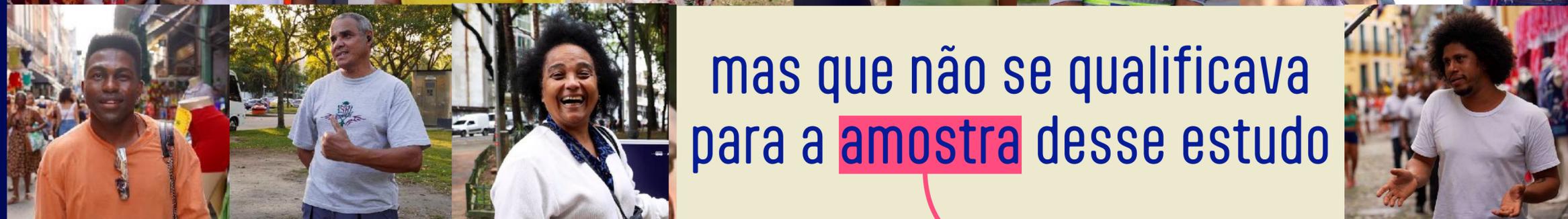
desconhecimento sobre o mercado de capitais e suas oportunidades



um monte de gente que foi abordada durante o campo,



mas que não se qualificava para a amostra desse estudo



peças que chegam ao fim do mês com algum dinheiro sobrando, e que possuem o hábito - ainda que eventualmente - de aplicar em algum tipo de produto financeiro



# Apesar dos grandes avanços, o mercado de capitais ainda tem um Brasil enorme para conquistar

Não é exagero dizer que, de fato, o mercado financeiro se transformou nos últimos anos - e é sobre essa aproximação com as pessoas o foco desse estudo e os aprendizados que serão divididos a seguir.

Mas também é igualmente nítido **o desafio das instituições em tornar ainda mais acessível o caminho entre a população e o mercado de capitais**, ensinando que é possível se beneficiar de um sistema que, ao longo dos anos, sempre representou mais ameaças do que oportunidades relevantes para a maioria dos Brasileiros.



# como o brasileiro investe seu dinheiro?

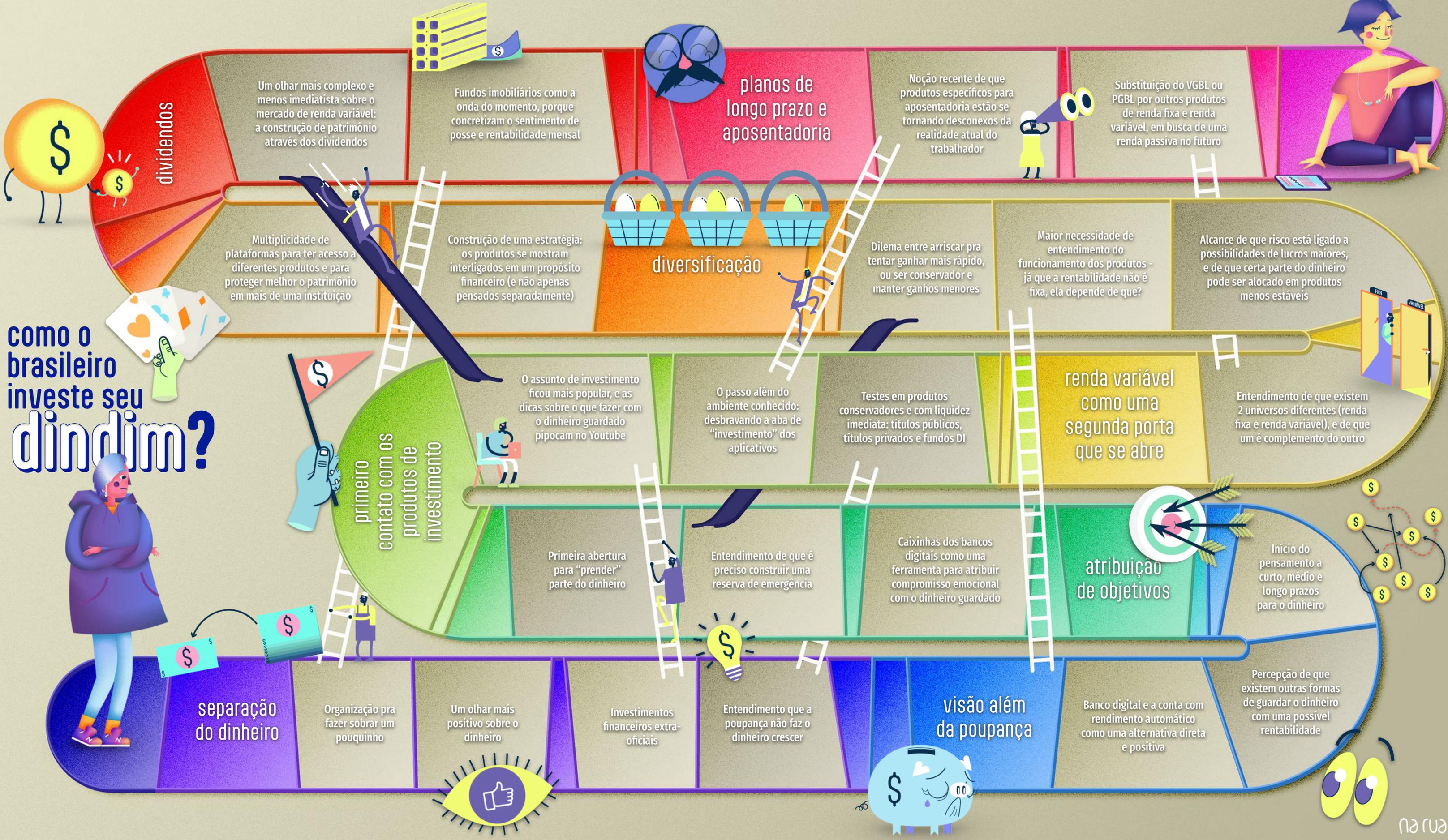
É óbvio que o processo de aprendizagem e a aproximação com o mercado de capitais é diferente de pessoa para pessoa. Também está claro que o passo a passo do caminho rumo aos produtos financeiros (desde a consideração até a definição) é muito particular. Todavia, o contato com as mais de 700 pessoas, e a observação de aspectos dessa trajetória, nos permitiu perceber uma **repetição da maneira como elas percorrem essa trilha, e uma conduta recorrente que merece ser explicada** (mesmo que isso pareça simplificar demais uma sequência de etapas que, por vezes, é tida como bem complexa e difícil).



brasileiro  
brasileiro

brasileiro

# como o brasileiro investe seu dindim?





# separação do dinheiro

O início de tudo é quando a pessoa sente a necessidade de fazer sobrar e decide separar o dinheiro do mês: aquilo que ela precisa para as contas e compras ordinárias; e aquilo que pode ficar reservado (ainda que momentaneamente).

Parece um momento desimportante, mas é uma virada de chave. Desmembrar a parte do dinheiro extra - mas que se não for distinguido (e apartado!) acaba indo embora no consumo mensal - é a forma de se perceber o potencial que cada pessoa tem para acumular.

É preciso que esse dinheiro seja guardado longe das vistas, e a principal motivação da conta-poupança é ser um cofrinho externo, que retira da conta corrente o valor a ser conservado.

Ou seja, **nesse primeiro momento a poupança funciona mais para impedir os gastos por impulso do que para fazer o dinheiro crescer** - ela tem uma função meramente organizacional



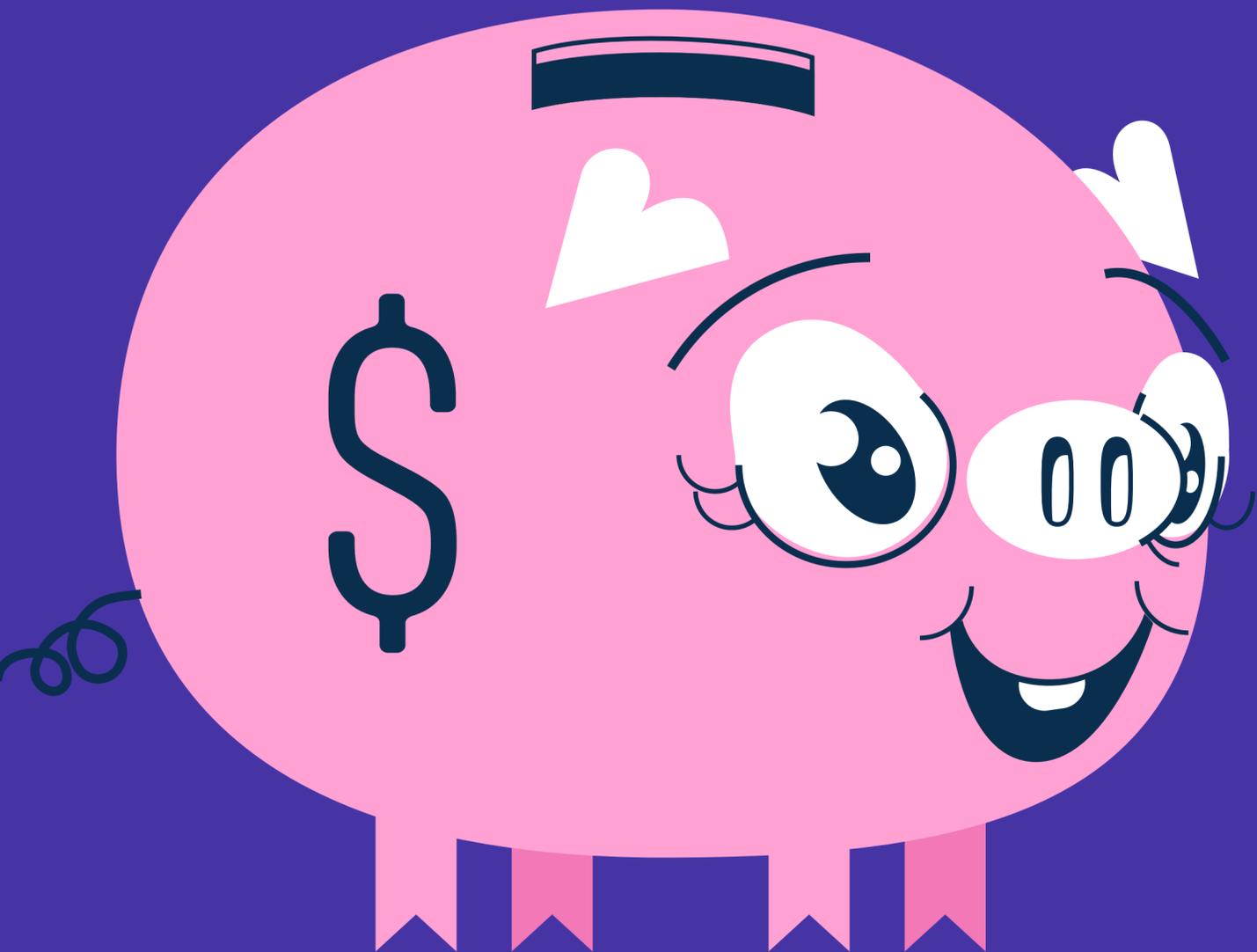
*“Eu saio de casa e deixo o cartão da poupança lá guardadinho, dentro do armário. Porque se eu não estou com ele eu não gasto com aquilo que eu vejo (e que dá vontade de comprar). Se eu precisar mesmo, tenho que voltar e pegar. Se eu não voltar é porque não era essencial”*

*—Gisele, 39 anos,  
comerciante · Belém  
(PA)*



# poupança

Guardar dinheiro na poupança é um hábito que o brasileiro carrega por tradicionalismo: é muito recorrente um costume popular de se fazer uma caderneta para dar de presente às crianças, e isso faz acontecer um apego emocional com essa forma de guardar “valores preciosos”.



*“Eu tenho uma conta poupança que meus avós fizeram pra mim, que ficou anos parada e um dia eu resolvi mexer. Acho que isso já aconteceu com todo mundo, né?”*

*— Laura, 40 anos, médica  
· Porto Alegre (RS)*



Existe, muito forte, uma crença de que esse dinheiro está protegido no lugar mais seguro possível - uma conta que pode não crescer, mas jamais vai ficar negativa ou perder valor.



“Quando você tem dívida, o banco pode tirar dinheiro da sua conta. Mas não pode tirar dinheiro da sua poupança. Então é uma forma de você ter segurança, porque quem é pobre sabe o que é entrar na conta corrente e ver que o banco comeu o seu dinheiro”

— Márcia, 46, aux. escola  
· S. Bernardo (SP)

O paradoxo é que, ao mesmo tempo, quem tem mais de 40 se lembra bem do **confisco da poupança**, e de como essa ação do governo **traumatizou as pessoas** que tiveram seu dinheiro retido.

Nas ruas não foi difícil encontrar pessoas que contaram histórias sobre as dificuldades que passaram nessa época, e como isso mexeu com a confiança no sistema financeiro.

Embora isso ainda esteja vivo na memória de muita gente, é praticamente impossível viver à margem dos bancos e instituições que possibilitam a circulação do dinheiro entre as pessoas, principalmente de forma digital.

*“Eu vivi o confisco da poupança e sei o prejuízo que isso causou à minha família. Mas vai fazer o que? Vai viver sem colocar dinheiro no banco? Vai sair com dinheiro no bolso para ser assaltado? A Poupança é a segurança que a gente tem, mesmo com o trauma”*

— Elton, 55, eletricista · Rio de Janeiro (RJ)



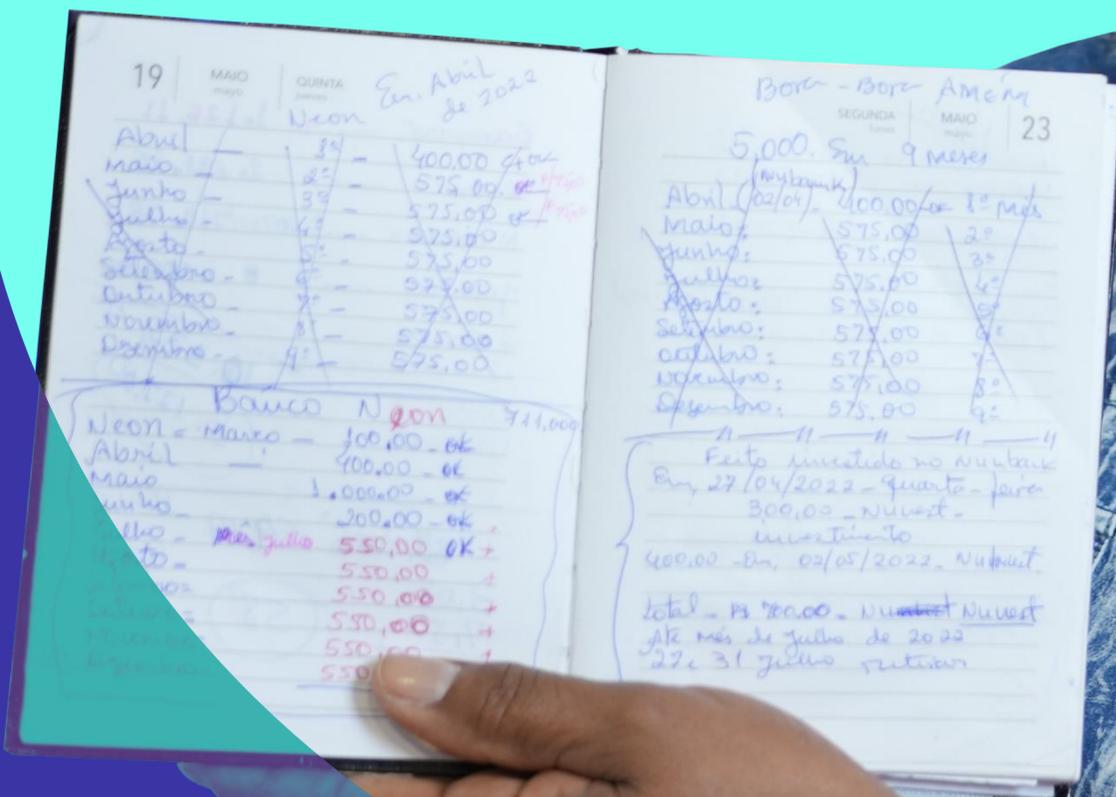
# aprender a juntar

Criar o hábito de poupar exige construir uma nova relação com o dinheiro:

é preciso perceber que o mais importante não está na quantia a ser economizada, mas sim a constância dessa economia na rotina. A maioria das pessoas não têm consciência do seu poder de economia porque menosprezam que os pequenos gastos possam se somar em quantias significativas com o passar do tempo. Entender a importância dos valores mínimos parece ter sido o pontapé inicial de vários dos nossos entrevistados para começarem a visualizar o dinheiro que não precisava ir embora junto com os gastos do mês.

“Chega uma hora que você percebe que 20 reais é dinheiro. Sobrou 20 reais? É tudo o que você pode guardar? Então guarde 20 todos os meses e no fim do ano você vai ter, pelo menos, 240. A dica é tentar ir vendo como aumentar esses 20, ir vendo se o dinheiro escorre sem necessidade e ir crescendo esse bolo”

— Ivete, 61, professora aposentada · Belém (PA)



e também é preciso revisitar os valores morais. Desconstruir uma relação negativa com o dinheiro, que muitas vezes é transmitida em família e nas interações sociais. Ouvimos, com muita frequência e especialmente de pessoas das classes mais desfavorecidas economicamente, a idéia de que dinheiro está ligado a ganância, a desunião e (em última análise) ao pecado.

**Ainda é um tabu conversar sobre dinheiro em várias casas, e em alguns redutos religiosos, enriquecer é recriminado e está carregado de significados ruins.** Inclusive, existe uma porcentagem expressiva da população que dedica parte do salário para a igreja, e o pagamento do dízimo é tido como um compromisso mais importante do que a reserva para o investimento.



*“A gente nunca falou de dinheiro lá em casa. Acho que minha mãe nem sabia ao certo o quanto meu pai ganhava. Eu vim entender isso só agora, depois de adulta”*

— Laura, 40 anos, médica ·  
Porto Alegre (RS)



*“Deus provém. Os 10% que eu dou pra igreja, sobre o meu salário, é o maior investimento que a pessoa pode ter”*

— Charlis, 35 anos,  
porteiro · São Paulo (SP)



*“Eu cresci aprendendo que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus. Você escuta isso desde pequeno e fica pensando que a prosperidade não é pra você”*

*—Jorge, 25, vendedor · Goiânia (GO)*

# educação financeira

Quem passa por esse processo percebe que educação financeira é um assunto que - muitas vezes - chega atrasado na vida das pessoas, quando elas já deixaram passar várias oportunidades e não possuem tempo suficiente para retomá-las. Sobram pra elas a chance de reorientar a rota tardiamente, mas sem condições de reaver as oportunidades perdidas.

De forma que foi extremamente comum ouvir, em campo e de pessoas de realidades econômicas diversas, que esse tema deveria ser abordado na escola, como parte da formação curricular.

O desconhecimento sobre o funcionamento do sistema financeiro faz com que as pessoas não reconheçam o lado positivo que ele pode possibilitar, e ao contrário, facilita que elas sejam vítimas do lado negativo que ele causa em uma população que não sabe usar seus serviços adequadamente.



*“Quando eu olho pra trás, eu penso em tudo que eu poderia ter feito e não fiz por falta de orientação mesmo. A sensação é de ter perdido tempo, de ter começado a me organizar financeiramente muito tarde e fora da janela de oportunidades”*

*— Nádia, 33, confeitadeira · São Paulo [SP]*

# investimentos financeiros extra-oficiais

O curioso é que, embora boa parte da população não tenha familiaridade com os conceitos da economia formal e com os produtos do mercado financeiro, intuitivamente elas lidam com iniciativas populares que pegam emprestado algumas dinâmicas oficiais e as reaplicam em um formato e linguagem acessíveis.

É o caso da “caixinha”, um tipo de investimento financeiro que funciona às margens do mercado de capitais, e é extremamente comum no norte do país:





os colegas de trabalho,  
amigos ou vizinhos se  
reunem em um grupo  
fechado





os colegas de trabalho,  
amigos ou vizinhos se  
reunem em um grupo  
fechado



Uma pessoa é indicada  
como “organizadora”





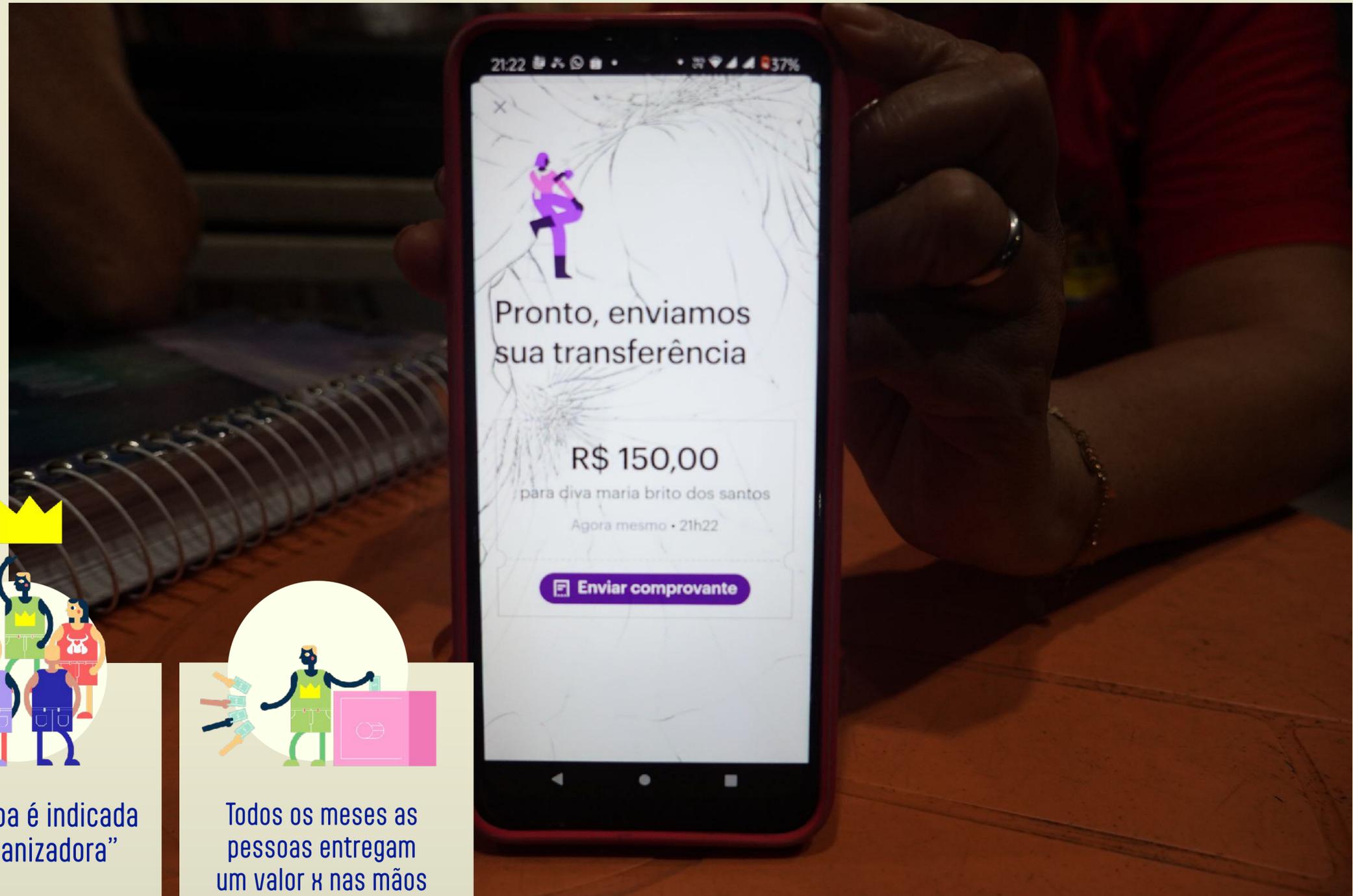
os colegas de trabalho,  
amigos ou vizinhos se  
reunem em um grupo  
fechado



Uma pessoa é indicada  
como “organizadora”



Todos os meses as  
pessoas entregam  
um valor x nas mãos  
desse organizador





os colegas de trabalho,  
amigos ou vizinhos se  
reunem em um grupo  
fechado



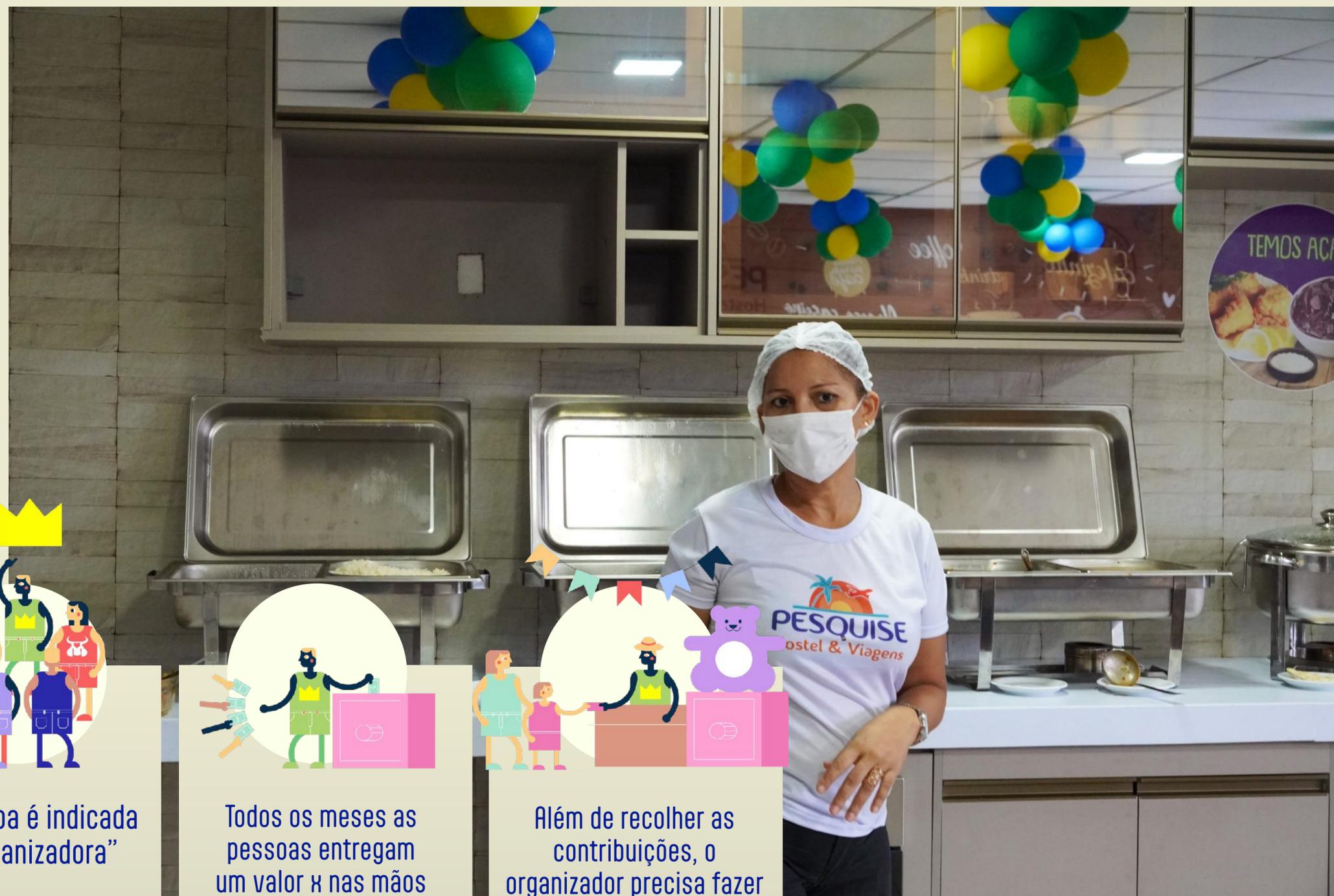
Uma pessoa é indicada  
como “organizadora”

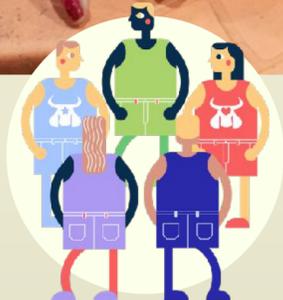


Todos os meses as  
pessoas entregam  
um valor x nas mãos  
desse organizador



Além de recolher as  
contribuições, o  
organizador precisa fazer  
ações para o dinheiro  
crescer: rifas, festas,  
viagens e outras formas  
de arrecadar dinheiro





os colegas de trabalho,  
amigos ou vizinhos se  
reunem em um grupo  
fechado



Uma pessoa é indicada  
como “organizadora”



Todos os meses as  
pessoas entregam  
um valor x nas mãos  
desse organizador



Além de recolher as  
contribuições, o  
organizador precisa fazer  
ações para o dinheiro  
crescer: rifas, festas,  
viagens e outras formas  
de arrecadar dinheiro



Todos os integrantes são  
obrigados a pegar  
dinheiro emprestado da  
caixinha, pagando uma  
porcentagem de juros



os colegas de trabalho, amigos ou vizinhos se reúnem em um grupo fechado



Uma pessoa é indicada como “organizadora”



Todos os meses as pessoas entregam um valor x nas mãos desse organizador



Além de recolher as contribuições, o organizador precisa fazer ações para o dinheiro crescer: rifas, festas, viagens e outras formas de arrecadar dinheiro



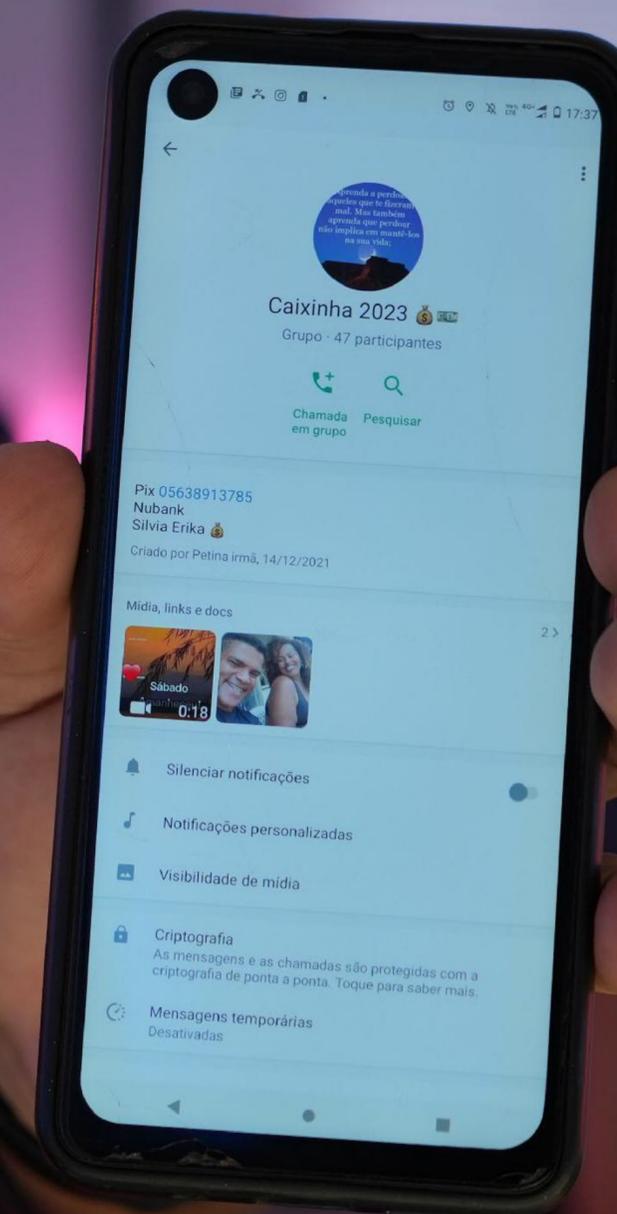
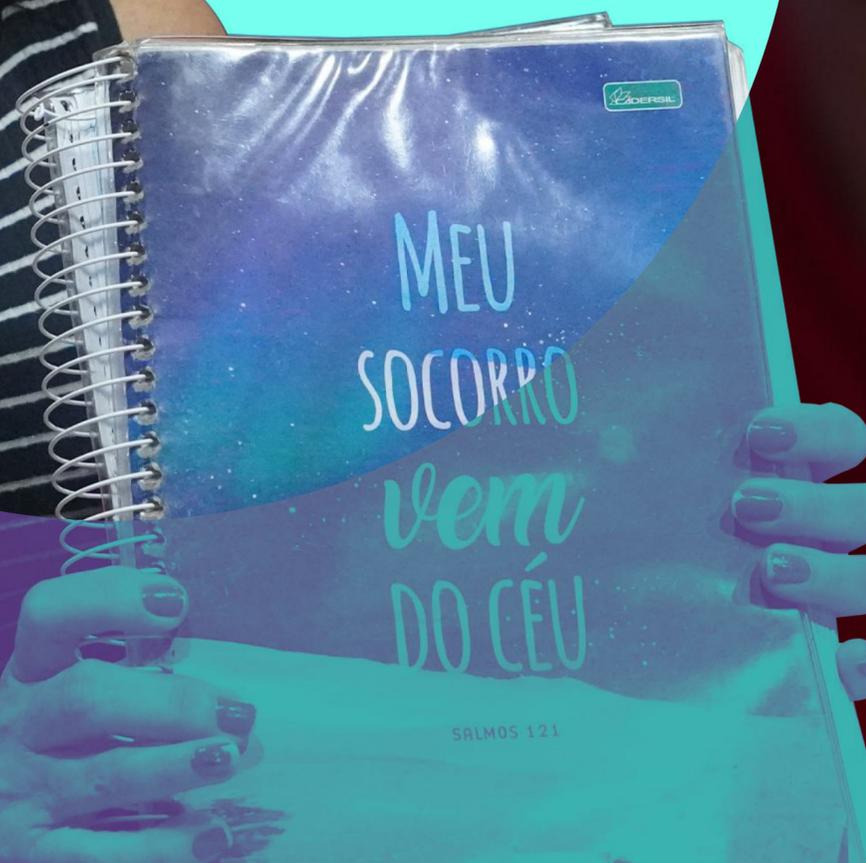
Todos os integrantes são obrigados a pegar dinheiro emprestado da caixinha, pagando uma porcentagem de juros



Ao fim do ano essa caixinha é aberta e o dinheiro é dividido como um 14º salário. O organizador recebe uma porcentagem pela administração

*“Eu organizo uma caixinha há muitos anos, e ela ajuda muito as pessoas. Tem umas caixinhas que são melhores do que as outras, tudo depende da estratégia do organizador. As minhas têm até briga pra entrar”*

*— Diva, 58 anos, comerciante · Belém (PA)*





*“A caixinha é uma coisa cultural. Aqui em Belém toda empresa costuma ter uma caixinha em cada departamento, toda rua tem algum morador que organiza a caixinha do bairro”*

*— Elder, 47, funcionário público · Belém (PA)*

# visão além da poupança

POUCA GENTE SABE DISSO

SAIA DA  
POUPANÇA  
AGORA!!!



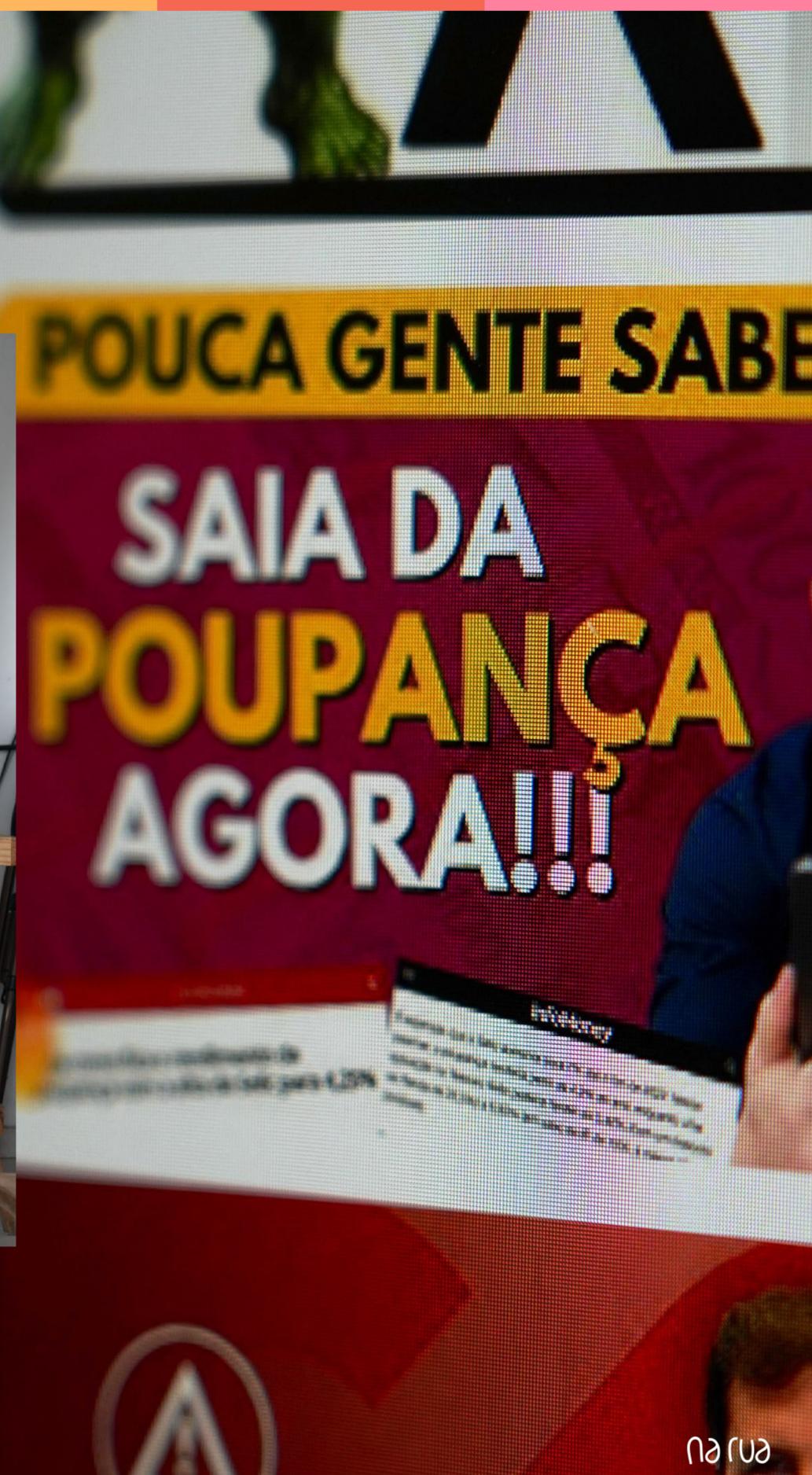
Depois de aprender a separar o dinheiro, e a manter essa reserva a salvo dos impulsos e gastos supérfluos do dia a dia, vem a dúvida se a poupança é mesmo o melhor lugar para deixar o dinheiro guardado:

as pessoas têm sido impactadas por notícias de que a rentabilidade da caderneta muitas vezes não supera a inflação, mas **a grande pulga atrás da orelha é colocada pelos YouTubers que bradam de forma categórica que quem coloca as economias na poupança está perdendo dinheiro!**

Inúmeros vídeos usam esse tom alarmista para chocar as pessoas e gerar fluxo para os seus canais, e foram recorrentes os relatos de entrevistados que começaram a se atentar à rentabilidade do dinheiro reservado (que até então estava apenas guardado, sem foco no crescimento) a partir desse estímulo.

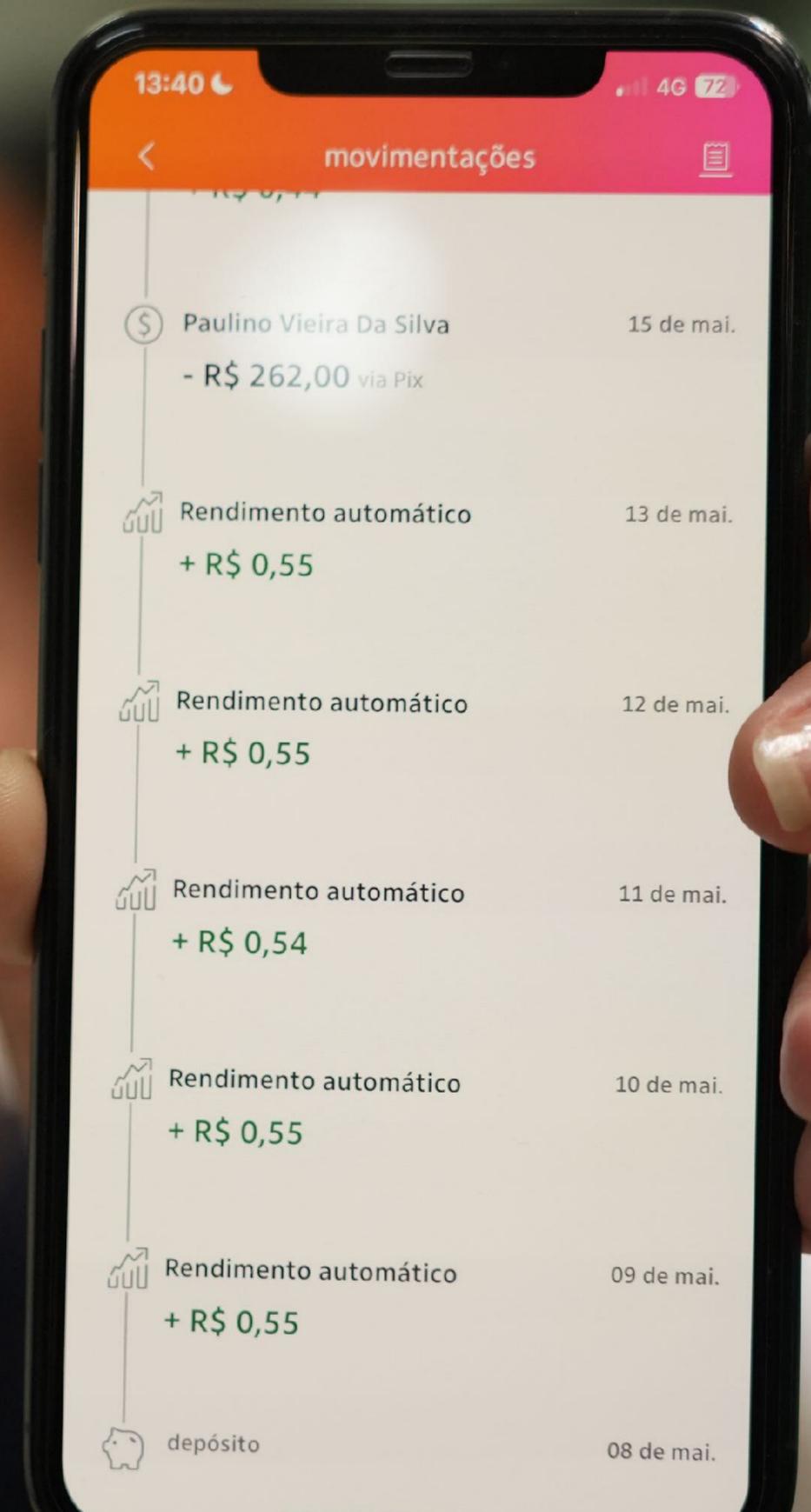
“De repente você tá lá no Youtube e vem uma propaganda dizendo: Cuidado! Você está perdendo dinheiro no poupança!”. Você leva um susto e começa a seguir para ver qual é a recomendação. E foi assim que eu comecei a perceber que eu tinha que pensar em não só deixar guardado, mas também a ganhar um pouquinho por ter ele guardado no banco”

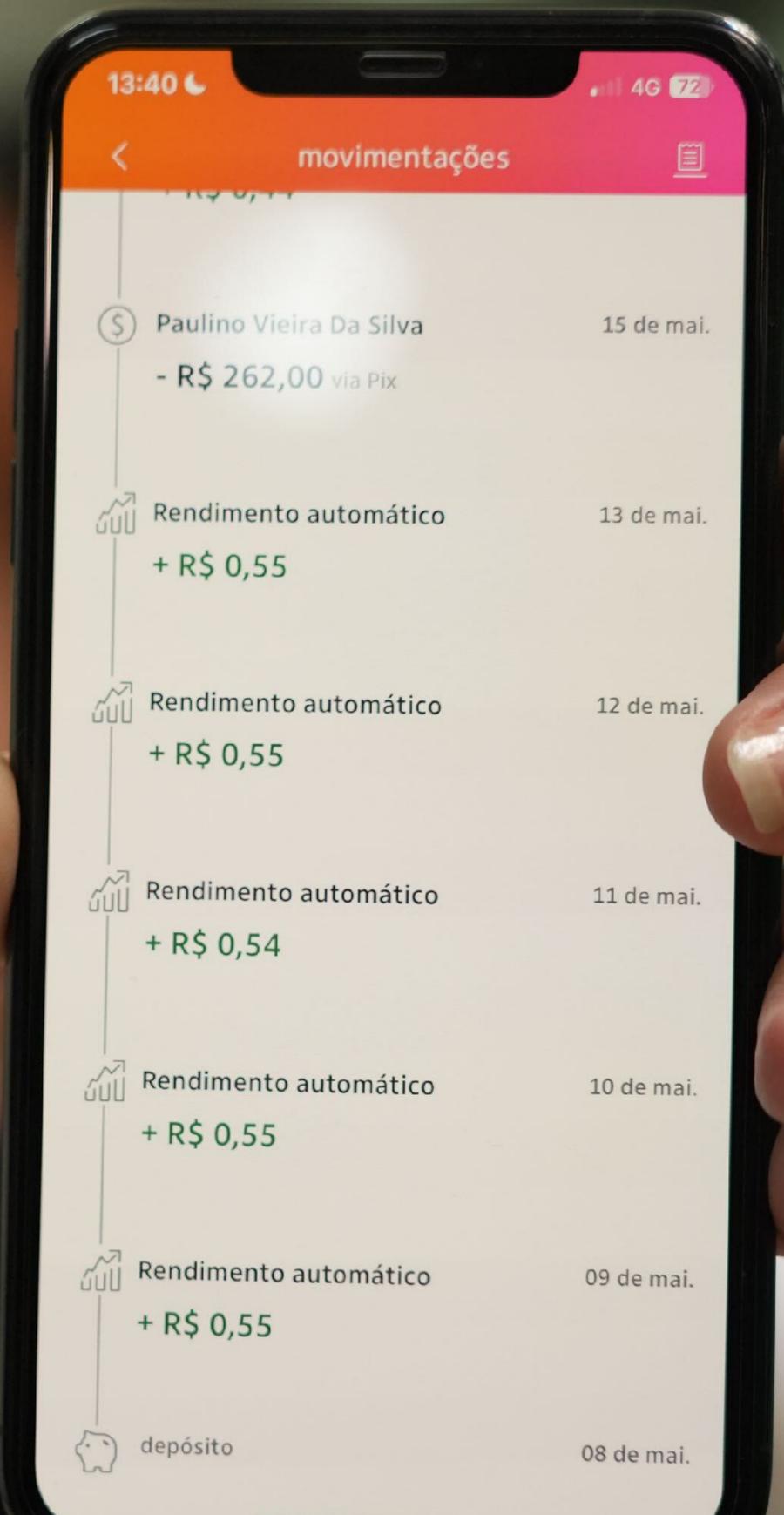
—Bruno, 47, Designer - Rio de Janeiro (RJ)



# conta com rendimento automático

Os bancos digitais se tornaram um caminho fácil para o brasileiro conseguir uma rentabilidade mais perceptível: o valor fica na conta e vai crescendo só de permanecer ali. Esse aumento, mesmo que seja de centavos, é acompanhado pelas pessoas através de um contador - e isso é explorado pelos aplicativos de forma lúdica, fácil de ser visualizada, e muitas vezes de forma a gerar engajamento.





“Eu tenho conta em um banco e minha esposa tem conta em outro banco. A gente já até fez o teste de colocar o mesmo dinheiro em cada uma das 2 contas pra ver qual rende mais”

— Cristiano, 49, comerciante · Porto Alegre (RS)





“Eu entro lá no aplicativo todo dia, pra ver o quanto o meu dinheiro rendeu. E rende mesmo, não sei quantos por cento do CDI. Nem sei o que é isso mas sei que o dinheiro vai ficando maior a cada dia”

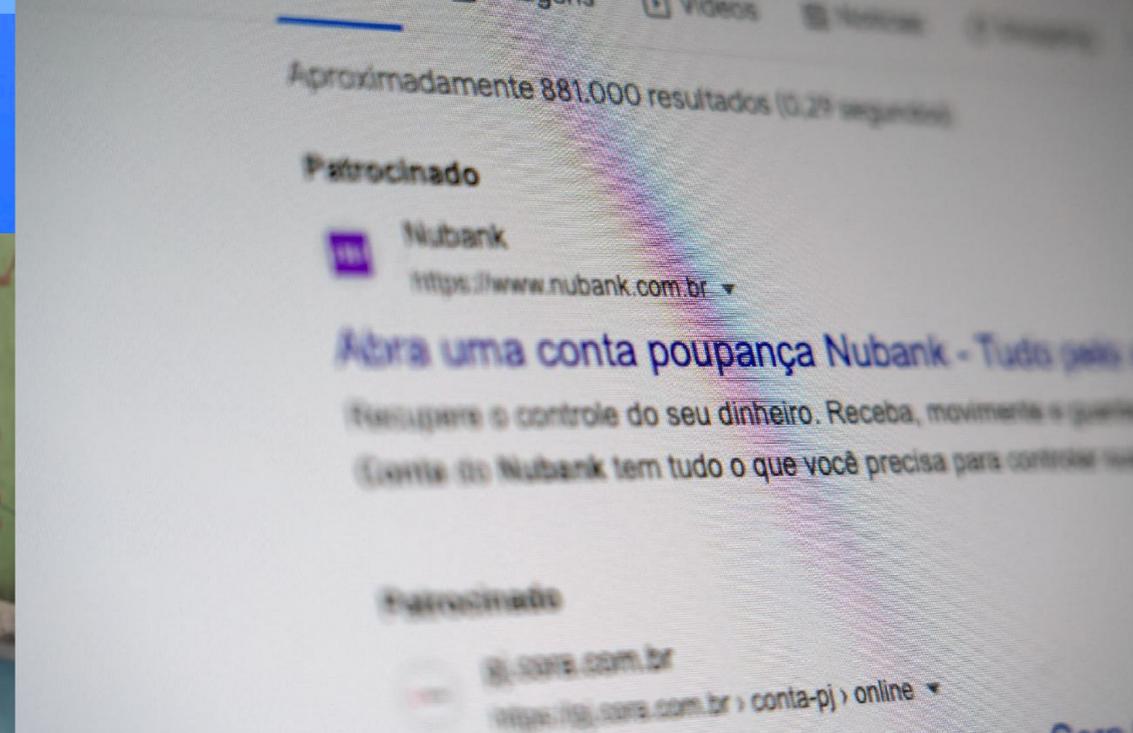
— Carolina, 22, professora · Blumenau (SC)

Talvez não seja exagero afirmar que as contas com rendimento automático estejam se tornando a “nova poupança” do brasileiro. **Existe uma certa confusão sobre o nome desse tipo de conta, e muita gente se refere a ela como “poupança”,** porque de fato elas usam com o fim de poupar e organizar os valores.

A própria comunicação das instituições favorece e se beneficia desse equívoco.

A pergunta que fica é:

No Raio X do Investidor, quantas pessoas dizem guardar dinheiro na poupança, quando na verdade estão guardando em conta corrente com rendimento automático? Será que a caderneta ainda tem o poder que a gente acha que tem?



*“Todo mês eu guardo um pouquinho na poupança. A minha poupança é em um banco digital, desses novos que você entra pelo celular”*

*— Bruna, 27 anos, bartender · Salvador (BA)*



# a relação com os bancos está diferente

A sensação é de que o eixo mudou: se antes as pessoas precisavam ser aceitas pelos bancos para abrir uma conta, agora são os bancos (especialmente em seus formatos digitais) que correm atrás das pessoas com diferentes benefícios para tentar conquistá-las, e a rentabilidade do rendimento automático é um deles.

Isso faz com que seja cada vez mais comum a pulverização de contas - gente que tem muitos cartões de banco dentro das carteiras, e usam essas contas para:

aumentar o poder de consumo  
através do crédito em várias instituições diferentes

*“Eu tenho vários bancos porque cada um me dá um pouco de limite no cartão e eu vou somando eles”*

— Renata, 35, lojista · Recife (PE)

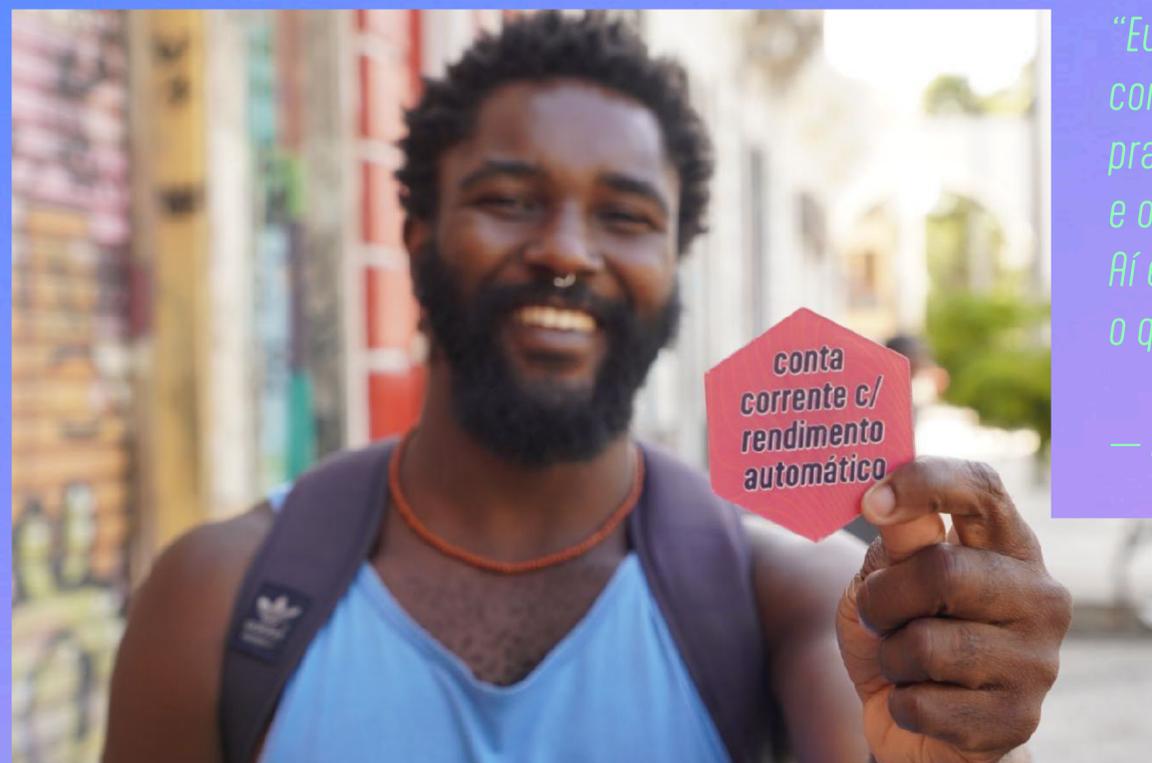


ou simplesmente como uma  
ferramenta de organização financeira

usam contas e cartões como forma de controlar os gastos, delimitando a finalidade de cada um e observando essas movimentações de forma separada

*“Eu uso um banco pra pagar comida e supermercado, outro pra pagar as contas da casa, e outro pra usar para o lazer. Aí eu vou monitorando melhor o que eu tô gastando”*

— André, 28, Ator · Rio de Janeiro (RJ)



Esse entrosamento maior com os bancos (especialmente de forma autônoma, através dos aplicativos) vai, pouco a pouco, deixando transparecer para o público que **existe uma briga das instituições pelo dinheiro que o cliente economiza e coloca em cada um deles**; e que existem formas diferentes de deixar guardado e organizar esses valores - não apenas como sempre era o de costume, em uma conta só, com um rendimento básico da poupança:

agora a situação é mais vantajosa, as instituições financeiras se desafiam oferecendo taxas distintas (algumas melhores que outras). As pessoas começam a enxergar que dá para dividir essa economia e guardar com intenções diferentes, e muitas vezes até em mais de um banco.



*“Eu fui abrir uma conta digital e vi que tinham vários bancos novos, pedi indicação para os meus amigos e cada um falava que o banco tal era melhor porque rendia mais. Aí eu abri conta em 2 deles e fui separando o dinheiro que antes ficava na poupança”*

— Hiago, 29, Comerciante  
• Goiânia (GO)



# (parênteses)

É claro que ouvimos muitos questionamentos acerca da segurança de se ter dinheiro em uma instituição financeira que seja apenas digital, sem agências físicas:

muita gente fica com pé atrás e se pergunta sobre o que fazer no caso de algum problema mais sério, que mereça ser tratado pessoalmente. Também existe a dificuldade dessas instituições em lidar com o dinheiro físico, já que os suportes dessa “digitalização” ainda são muito trabalhosos (através de boletos em lotérica, por exemplo).

Porém, há que se ter em mente que **a população carente - sobretudo no interior do país e nas comunidades periféricas - já é acostumada com essa ausência das agências físicas** (dos bancos tradicionais) nas proximidades de casa, e até com a inexistência delas nessas regiões. A conta digital, muitas vezes, é a opção mais viável e menos burocrática.



*“Pra gente ir ao banco, daqui, é preciso  
pegar 40 minutos de barco até a cidade.  
Fora a distância, tem o custo do  
transporte, e aí fica caro demais”*

*—Anderson, 46 anos, coletor de açaí  
· Ilha do Combu (PA)*



# atribuição de objetivos



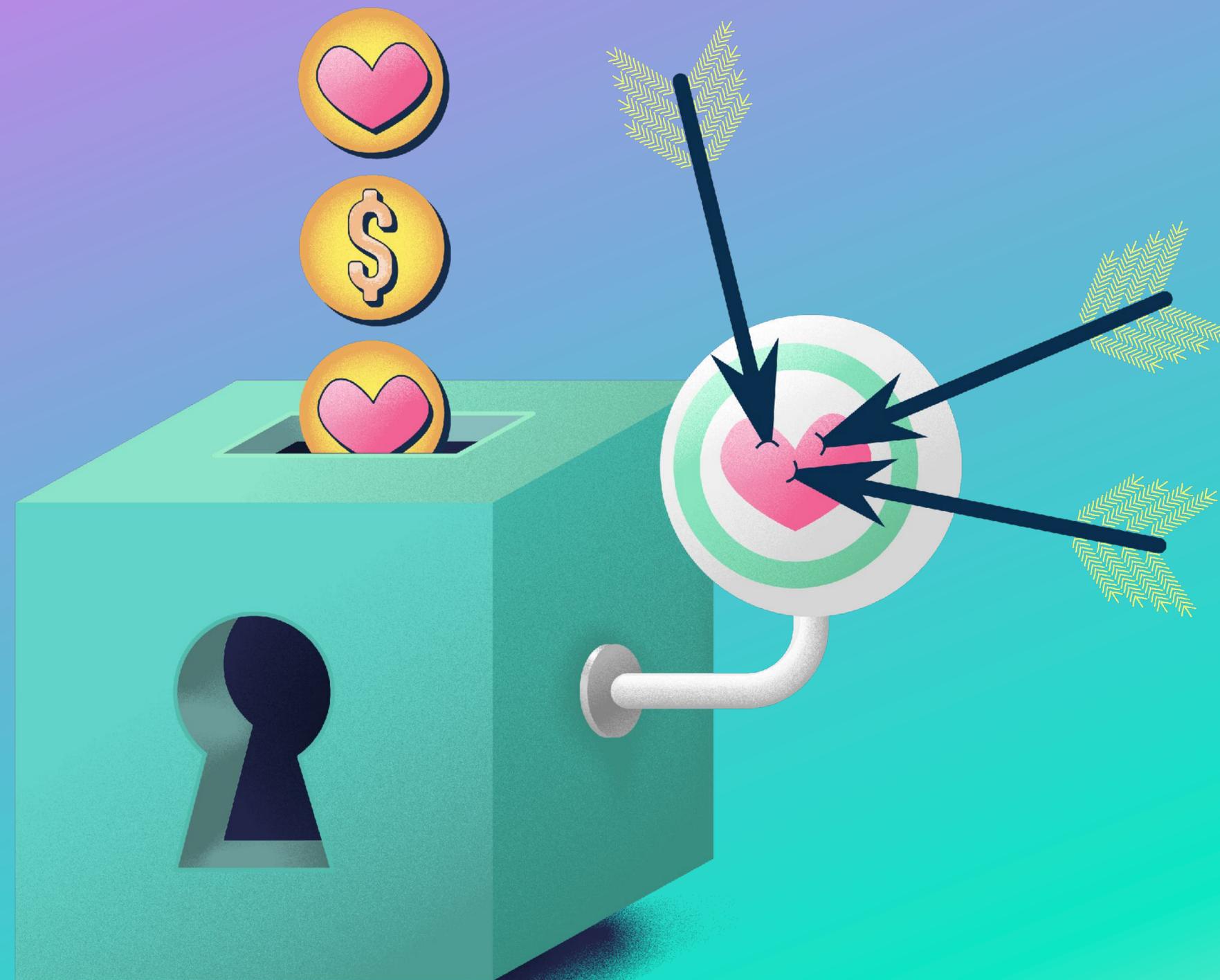
Quando o dinheiro, que antes estava concentrado, se divide em contas (ou bancos) diferentes, ele também acaba ganhando uma intenção mais definida, um propósito.

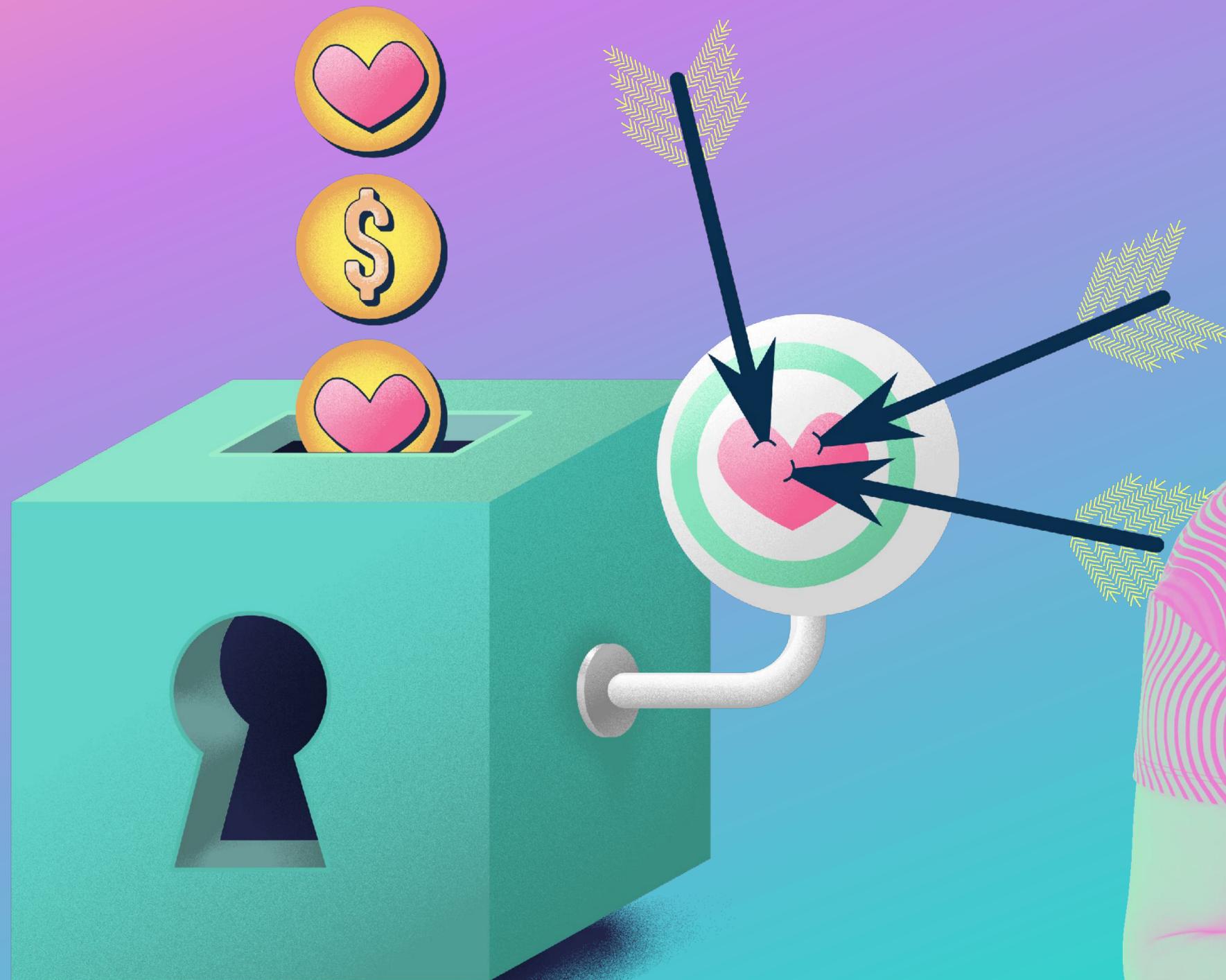
E como cada propósito tem um prazo, um momento certo pra acontecer, esse dinheiro também começa a ser hierarquizado em relação às prioridades. Então, **toda aquela economia que sempre foi tratada como um bolo só, começa a ser observada de acordo com os objetivos, e assim, inicia-se (ainda que intuitivamente) um pensamento de curto, médio ou longo prazos** para esses valores guardados.

# o coração tá na “caixinha”

Estabelecer objetivos para o dinheiro faz criar uma dimensão emocional muito forte em cima dos valores guardados. Pra muito além da questão prática da mera organização, existe sobretudo essa carga subjetiva capaz de potencializar um vínculo afetivo (o dinheiro fica ligado a algum projeto ou causa), e isso gera um compromisso maior com essas quantias.

E é assim que a inovação dos bancos digitais - que permitiram a subdivisão do dinheiro da conta corrente em “caixinhas” ou “metas” - estão conseguindo impactar tão forte o brasileiro: elas trazem o coração para dentro do ambiente financeiro (que sempre foi tão frio e impessoal), e conseguem apresentar, de maneira extremamente fácil e acessível, o conceito de investimento financeiro para um número enorme de pessoas.





*“Essa caixinha foi a melhor coisa porque eu não preciso mais usar muitos bancos ou contas pra separar o dinheiro de forma a visualizar melhor os gastos. Em uma conta só eu consigo estruturar as despesas e as prioridades”*

*— Livia, 36, enfermeira  
· Porto Alegre (RS)*



“A ‘caixinha’ faz a pessoa ter um apego maior, né? Fiz lá uma ‘caixinha’ para o aniversário do meu filho, e toda vez que eu preciso botar a mão nesse dinheiro eu faço isso chateada da vida. E depois eu sempre reponho”

— Ana Cleide, 29, Comerciante · Belém (PA)

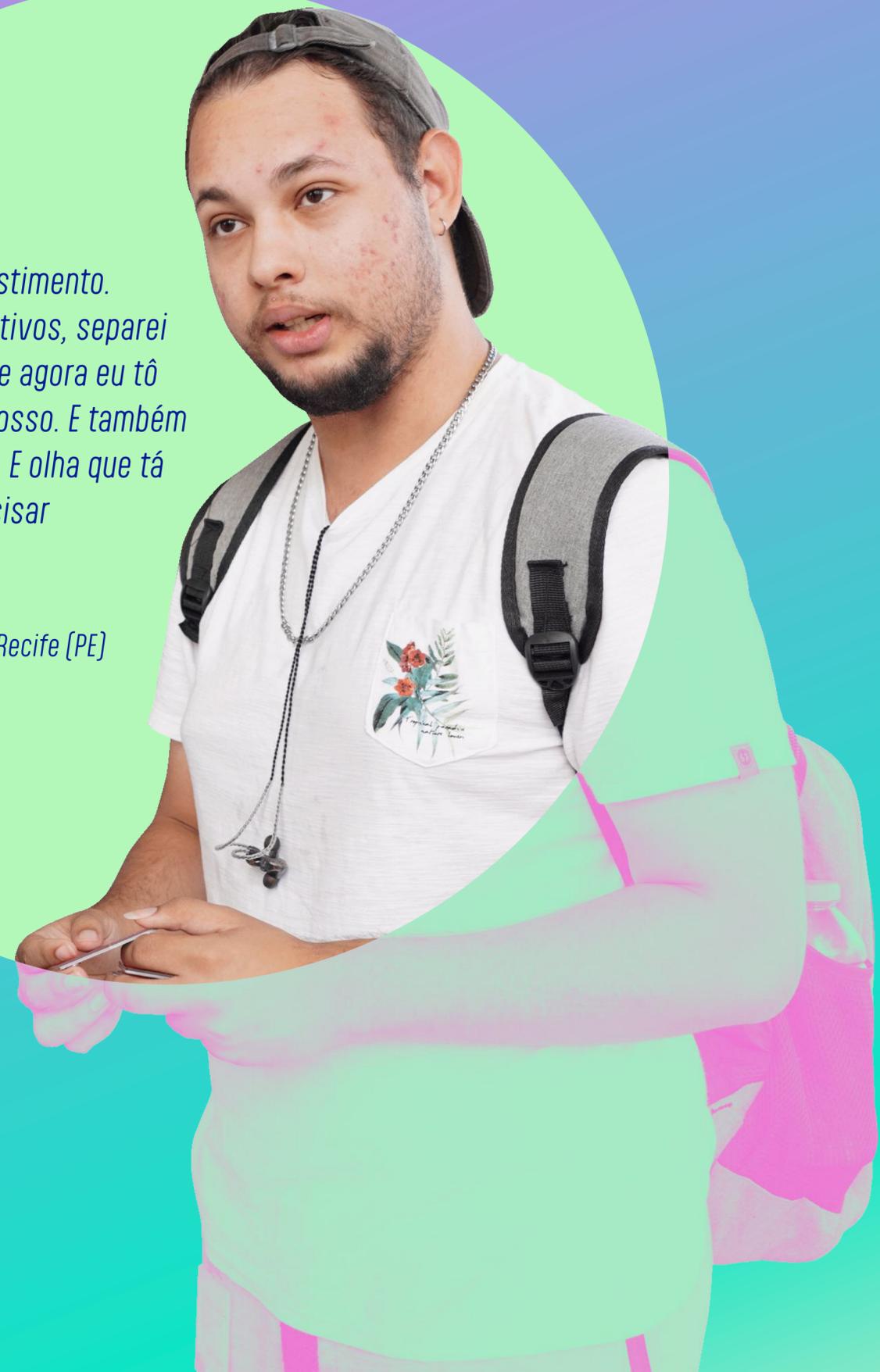
# ponto de conforto

Importante dizer que as “caixinhas” ou “metas” (e em parte, as próprias contas com rendimento automático) parecem resolver tão bem a necessidade de organização, aliada a um sentimento de rentabilidade, que **entrevistamos muita gente que estaciona nesse produto.**

Não só as pessoas que possuem pouca familiaridade com os produtos de investimento, mas também muita gente que já teve contato com títulos de renda fixa e que, ao fazerem as contas, percebem que muitas vezes a rentabilidade se iguala (ou é até superada) sem o esforço de passar pelo processo de aplicação.

*“Pra mim isso é investimento. Eu dei o nome aos objetivos, separei o dinheiro nas “metas” e agora eu tô colocando sempre que posso. E também o dinheiro rende todo dia. E olha que tá tudo na conta, se eu precisar eu posso pegar”*

*— Lucas, 20, estudante · Recife (PE)*



# hierarquizar as necessidades

É com essa separação do dinheiro (seja ela sendo feita através da poupança; seja ela sendo feita em contas/ bancos diferentes; ou seja ela sendo feita utilizando as “caixinhas”/ “metas”) que começa a nascer uma ideia de reserva de emergência: aquele dinheiro que precisa estar guardado para gastos inesperados que sejam essenciais e imorrogáveis.

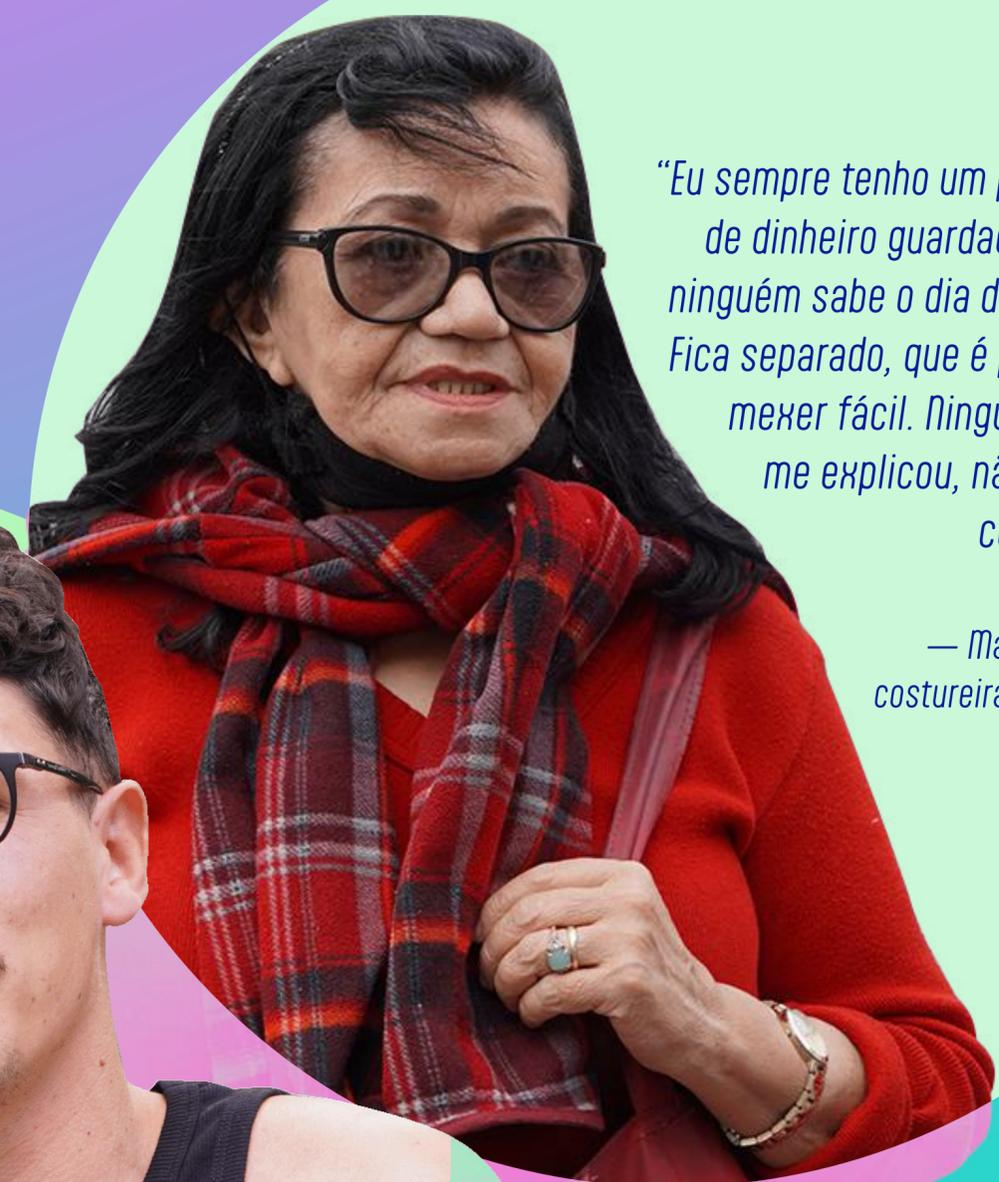
**Mas têm sido os YouTubers os grandes responsáveis por conceituar essa reserva e transformar as economias para as emergências em um gol** - ter, pelo menos, 3 meses de gastos mensais sempre guardados para uma eventualidade.

Em tempos de preços altos, vimos que muitos entrevistados (principalmente nas abordagens de rua) sentem dificuldades em manter esses 3 meses sempre intactos, porque as emergências ficaram mais frequentes com tanta instabilidade.



*“Na internet eles falam que você precisa ter um dinheiro reservado para o caso de perder o emprego ou ficar doente. Eu tento não mexer nesse dinheiro, mas muitas vezes não dá”*

— José, 32, Designer  
· Porto Alegre (RS)



*“Eu sempre tenho um pouquinho de dinheiro guardado, porque ninguém sabe o dia de amanhã. Fica separado, que é pra eu não mexer fácil. Ninguém nunca me explicou, não. Aprendi com a vida”*

— Maria, 66 anos,  
costureira · São Paulo  
(SP)

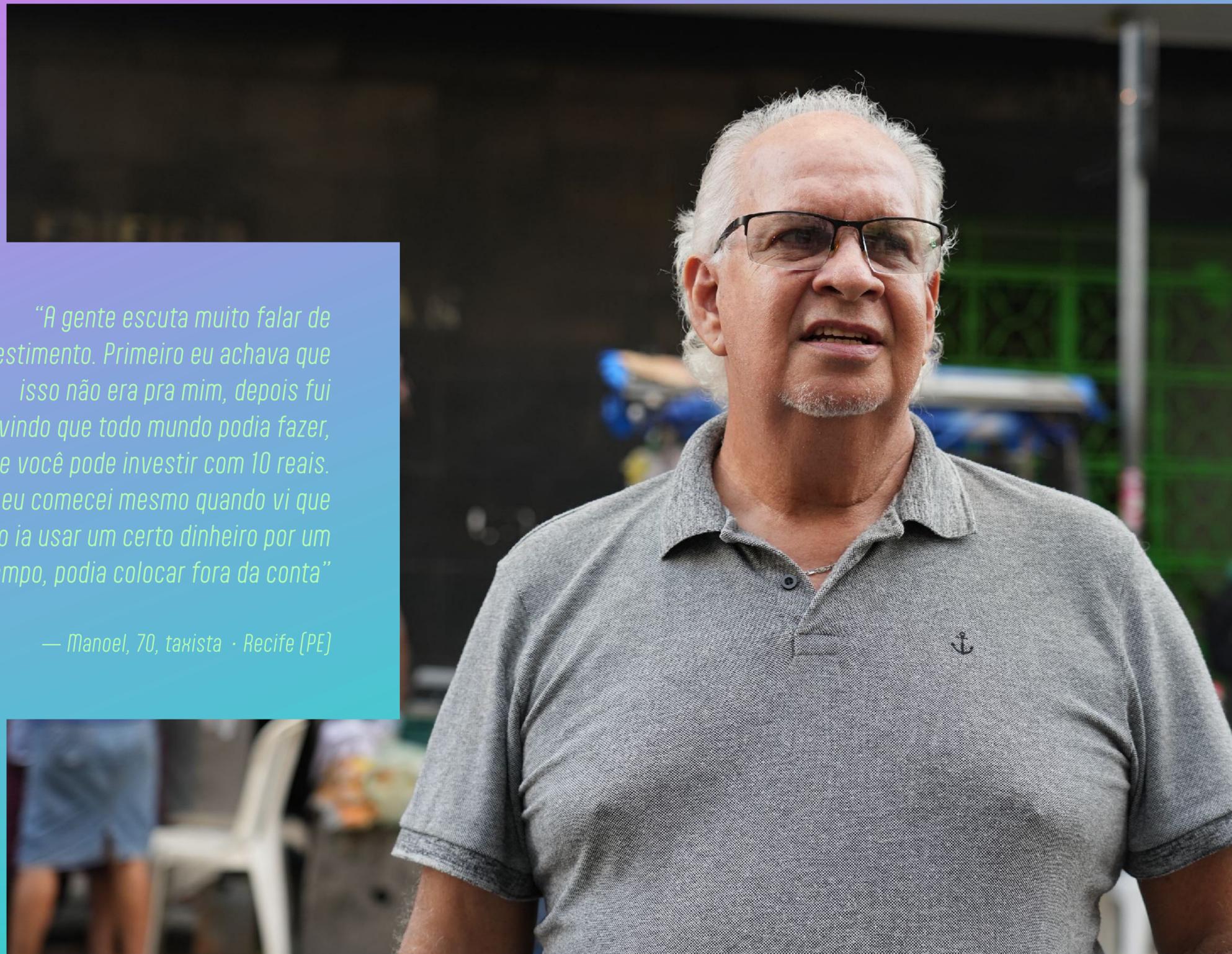
# fora da conta

E é nesse ponto que, pra alguns, essa jornada avança para um próximo nível: quando o dinheiro das economias está minimamente separado, hierarquizado de acordo com a importância das necessidades e gastos por vir, **é nesse momento que se tem o estalo de que parte do dinheiro guardado não tem precisão de ficar totalmente disponível**, na conta corrente, na “caixinha” ou na poupança.

Têm-se, portanto, uma primeira abertura a usar o dinheiro para um investimento. Não que a pessoa vá direto nos investimentos que travam o dinheiro, mas é que muitas vezes elas não têm noção de que é possível investir com liquidez imediata, e também (geralmente) elas começam tateando com uma quantia tida como “extra”, que não coloque em risco o pagamento das contas importantes.

*“A gente escuta muito falar de investimento. Primeiro eu achava que isso não era pra mim, depois fui ouvindo que todo mundo podia fazer, que você pode investir com 10 reais. Mas eu comecei mesmo quando vi que eu não ia usar um certo dinheiro por um tempo, podia colocar fora da conta”*

— Manoel, 70, taxista · Recife (PE)



# primeiro contato com os produtos de investimento

Poder “tirar o dinheiro da conta”, ou seja, não precisar contar 100% com ele (mesmo que momentaneamente) parece ter sido o gatilho para a maioria dos nossos entrevistados se abrirem a produtos de investimento.

Investimento é um tema que já não está mais tão fora do radar, virou conversa dos amigos do trabalho, o assunto pipoca entre os vídeos do YouTube e nas redes sociais e está agora mais presente na vida do brasileiro do que sempre esteve. Então, se existe uma disposição em experimentar, em entrar um pouco nesse universo, tem sempre alguém pra dar uma primeira mão (o vizinho, o primo, ou algum vídeo de influenciador digital).

# não é cassino!

Nesse primeiro contato com os produtos, a grande (e motivadora) descoberta é que investimento não precisa ser uma coisa arriscada, e também não precisa prender o dinheiro. Pelo contrário:

Se animam com o fato de que dá pra investir de forma segura, com um crescimento calculado do dinheiro (mais ou menos como é a poupança ou a conta com rendimento automático);

Percebem que existem oportunidades que, embora fora da conta normal, o dinheiro não fica impedido e pode ser resgatado no mesmo dia, caso seja necessário.

Essa é uma revelação muito empolgante, porque a pessoa percebe que não precisa investir apenas aquilo que sobra totalmente, mas pode investir também outros valores que não haviam sido considerados inicialmente.



*“Eu pensava que fosse uma roleta russa, e fui vendo que dava pra fazer de forma segura, até podendo tirar o dinheiro no mesmo dia se eu quisesse. Isso a gente não sabe, todo mundo acha que é uma coisa de sorte”*

— Rafael, 26, eletricista · São Paulo (SP)

# ambiente desconhecido

Ao mesmo tempo que a descoberta da previsibilidade (não ser absolutamente arriscado) e liquidez (não precisar prender o dinheiro) é muito esclarecedora no sentido de apresentar oportunidades estáveis, **o processo pra se chegar aos produtos é complicado e gera muitas dúvidas**, mesmo com a ajuda de vídeos.

Geralmente a tela dos investimentos faz parte de um ambiente secundário dos aplicativos - e diferente da interface conhecida no dia a dia, navegar nesse espaço ainda pouco explorado, dá muito medo e insegurança.

Os nomes dos produtos, tão pouco amigáveis, parecem uma sopa de letrinhas sem sentido e a sensação é de que qualquer descuido pode-se colocar tudo a perder.



*“Eu já tinha visto vários vídeos e já tinha me convencido a colocar um dinheiro em um investimento. Mas quando eu cliquei em “investir” o aplicativo me levou pra uma página que eu nunca tinha ido e quase morri de medo. Você vê o video, vai achando que é fácil, mas na hora H não é!”*

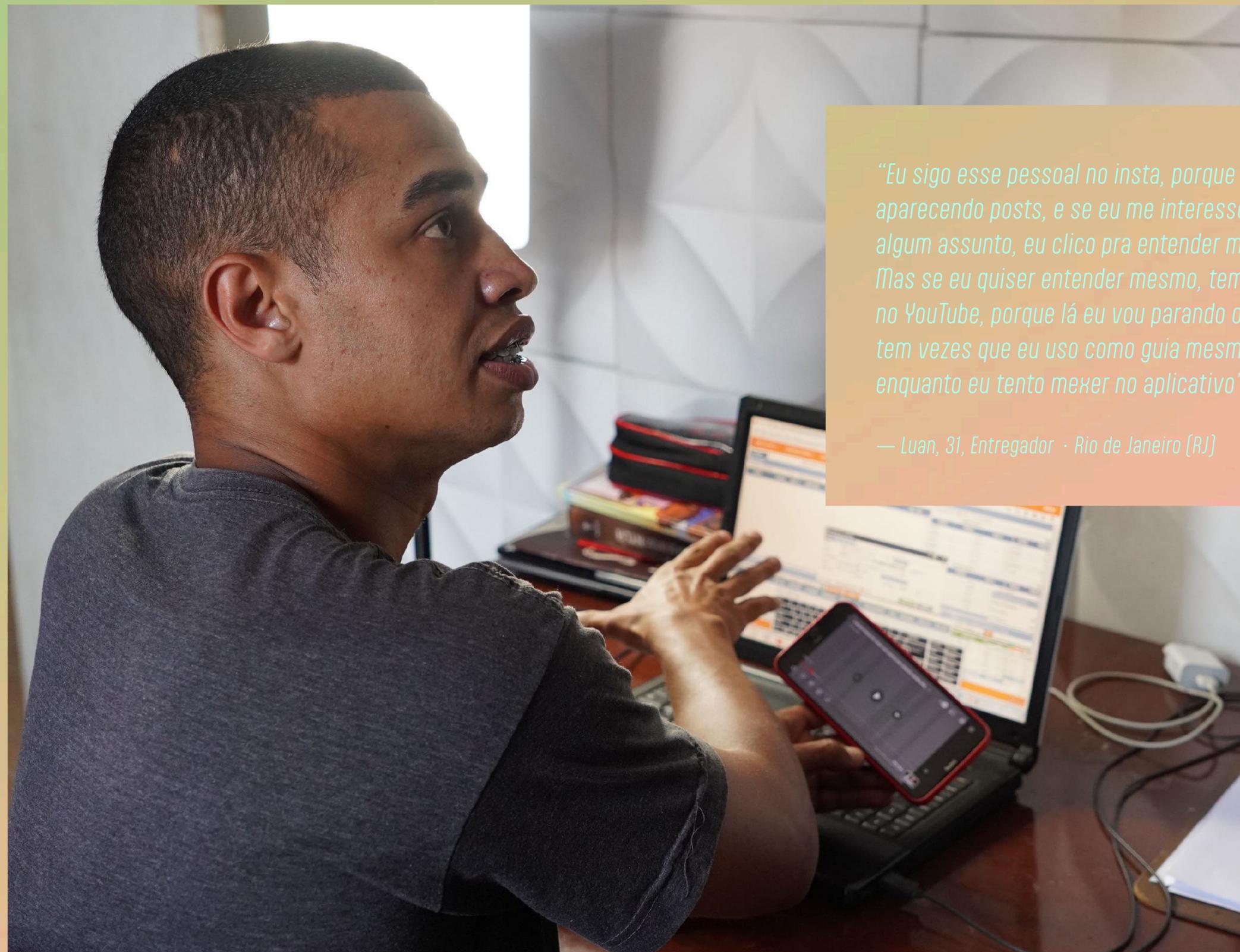
*— Aline, 30, transgênero · Recife (PE)*

# vídeo

O grande agente influenciador desse start, sem dúvidas, tem sido os criadores de conteúdo no YouTube. Embora as outras redes sociais também despertem a curiosidade e levem a bola dos investimentos (como é o caso do Instagram e do TikTok), **é em vídeos longos que as pessoas conseguem entender o assunto de forma aprofundada, e ir seguindo o passo a passo - pausando quantas vezes for necessário.**

E são muitos os criadores que se dedicam a explicar esse universo e a indicar estratégias. Em campo ouvimos vários nomes, desde os mais conhecidos até aqueles com influência mais regional, e fomos sentindo também como é importante (para o investidor iniciante) a identificação com o estilo de vida do Youtuber, do Instagrammer, do Tiktoker - e também como a rede de pessoas que se concentra nos comentários vai sendo um espelho dessa identidade e participa replicando comentários e relatando experiências pessoais.

Dessa forma, para além de nomes como Nathália Arcuri e Thiago Nigro (mais conhecido como Primo Rico), sempre apareciam “personagens” mais nichados como Nath Finanças, O Primo Pobre, Favelado Investidor, entre tantos outros.



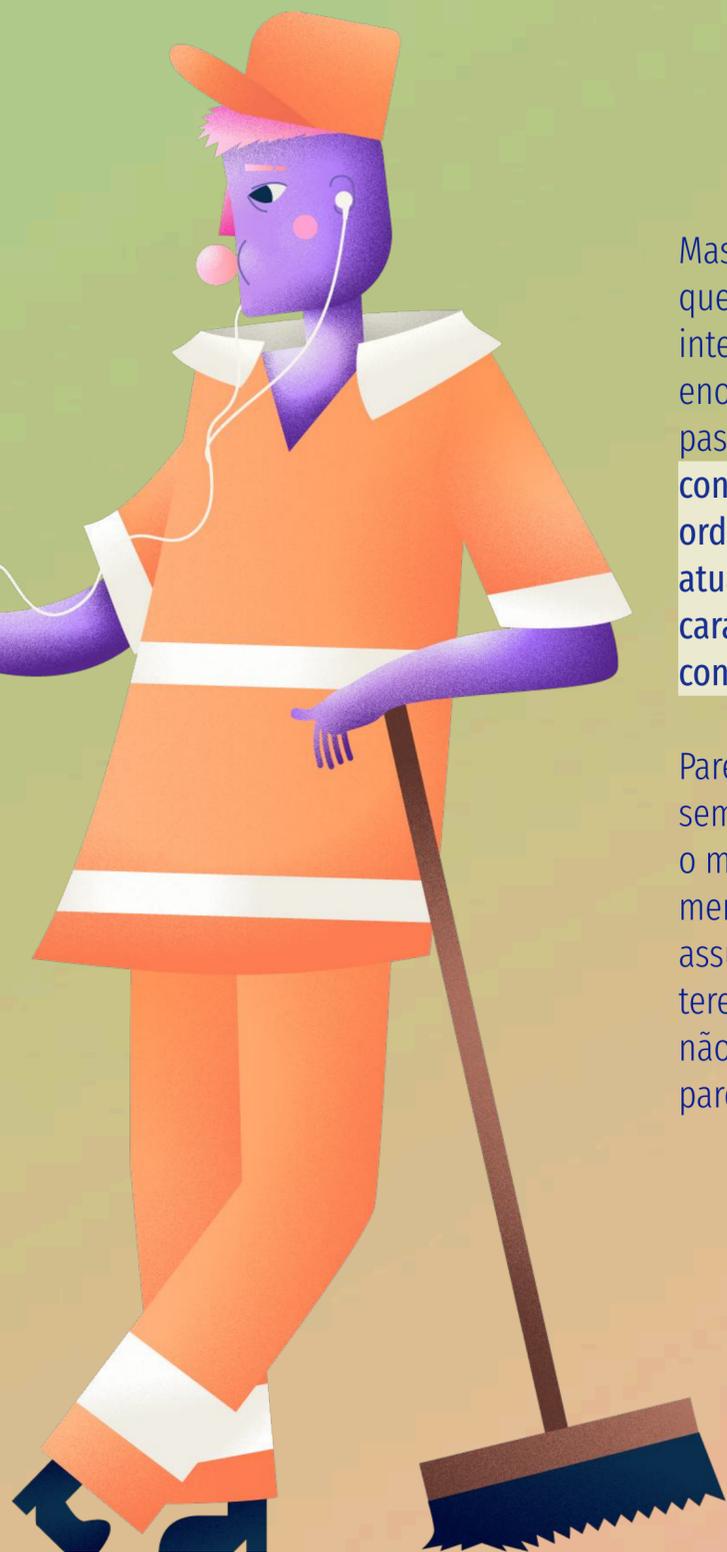
*“Eu sigo esse pessoal no insta, porque aí vão aparecendo posts, e se eu me interessar em algum assunto, eu clico pra entender melhor. Mas se eu quiser entender mesmo, tem que ser no YouTube, porque lá eu vou parando o vídeo e tem vezes que eu uso como guia mesmo, enquanto eu tento mexer no aplicativo”*

*— Luan, 31, Entregador · Rio de Janeiro (RJ)*



*“Eu gosto de um influenciador que é de uma comunidade igual à minha. O cara vive em uma realidade parecida com a que eu vivo aqui, e isso é muito bacana porque eu me vejo nele, parece que é aquele tipo de coisa que se ele conseguiu eu também posso conseguir”*

*— Thiago, 24 anos , estagiário - Belém (PA)*



Mas apesar das pessoas reconhecerem que a informação é abundante na internet, sempre existe uma dificuldade enorme (e uma insegurança) em dar os passos porque **é difícil elencar tanto conteúdo disponível, colocar em uma ordem e descobrir se as informações são atuais para um mercado que tem a característica de se modificar constantemente:**

Parece faltar um meio fácil, que tenha sempre as informações atualizadas para o momento presente, que apresente o mercado de capitais em uma cadência de assuntos de forma a fazer as pessoas terem mais ciência da figura completa - e não apenas de fragmentos dela, como parece acontecer hoje.



*“Tá lá no vídeo: invista em tesouro direto, porque é a melhor coisa do mundo. Daí você olha a data e vê que o vídeo tem 5 anos, que o Brasil já virou de ponta cabeça, depois virou mais uma vez, e você fica sem saber se continua sendo a melhor coisa ou se já é a pior”*

*— Vinicius, 32, técnico de segurança - Porto Alegre (RS)*



*“Sabe quando você vai a um restaurante e o cardápio é tão grande que você não sabe o que vai pedir? É assim que eu me sinto olhando esses conteúdos sobre investimento. Parece que tá tudo ali, mas eu não consigo colocar em uma ordem, saber me localizar ali dentro e me sinto pouco inteligente”*

*— Cristina Miranda, 52, assistente social · Salvador (BA)*

# falta um farol

Parece haver oportunidade para um farol, **algum agente que possa concentrar as informações, atualizá-las a todo tempo, se tornar uma referência para pessoas que estão buscando uma rota inicial** nesse momento em que tantos brasileiros estão se interessando pelo assunto dos investimentos mas não sabem por onde começar. Ao mesmo tempo é preciso que esse “guia” se mostre isento, sem interesses comerciais e tenha, por isso, respeito de todo o mercado.

Quando questionadas sobre quem poderia assumir esse papel, muita gente dizia que isso teria que ser uma ação do governo, e muita gente também sugeriu que pudesse ser a “Bolsa de Valores”, por esta parecer ser uma entidade diretamente associada ao tema de investimentos - e por aparentar uma certa “isenção”. A ANBIMA não é uma associação conhecida entre as pessoas comuns, mas entre os investidores que a conheciam, seu nome foi identificado como uma entidade capaz de tomar essa responsabilidade.



*“Eu nem tô pedindo que seja alguém pra pegar na mão e ajudar a fazer os investimentos, se bem que isso seria ótimo e talvez até possível agora com essa onda de inteligência artificial. Mas queria que, pelo menos, tivesse um site central, que você pudesse olhar, entender, e ter certeza de que as informações estão atualizadas”*

*— Sibebe, 23, Sargento · Goiânia (GO)*



*“O meu caso é assim: eu já entendi que o dinheiro na poupança não rende nada, já entendi que é necessário investir, já vi um monte de vídeo e gente falando sobre investimento assim e assado, mas me sinto sozinha para começar. Simplesmente não sei escolher”*

*— Drielly, 35 anos, gari · Rio de Janeiro (RJ)*

xpinvestimentos Patrocinado

**Selic se manteve estável...**  
E os CDBs da XP continuam rendendo muito.

**CDB 200%** do CDI bruto  
Rende o **dobro da poupança** com liquidez diária.

**CDB 130%** do CDI bruto  
Invista até **R\$ 100 MIL** com liquidez diária.

**Abra sua conta!**

\*Confira as condições e regulamento em [lp.xpi.com.br/ccb-130-200](http://lp.xpi.com.br/ccb-130-200). Emissor: Banco XP e carência de 1 dia.

Saiba mais >

# o app bonitinho, que pega na mão para os títulos privados...

Na falta de um farol, não é arriscado dizer que quem está guiando os primeiros passos seja a recomendação dos próprios aplicativos das instituições (principalmente os bancos digitais).

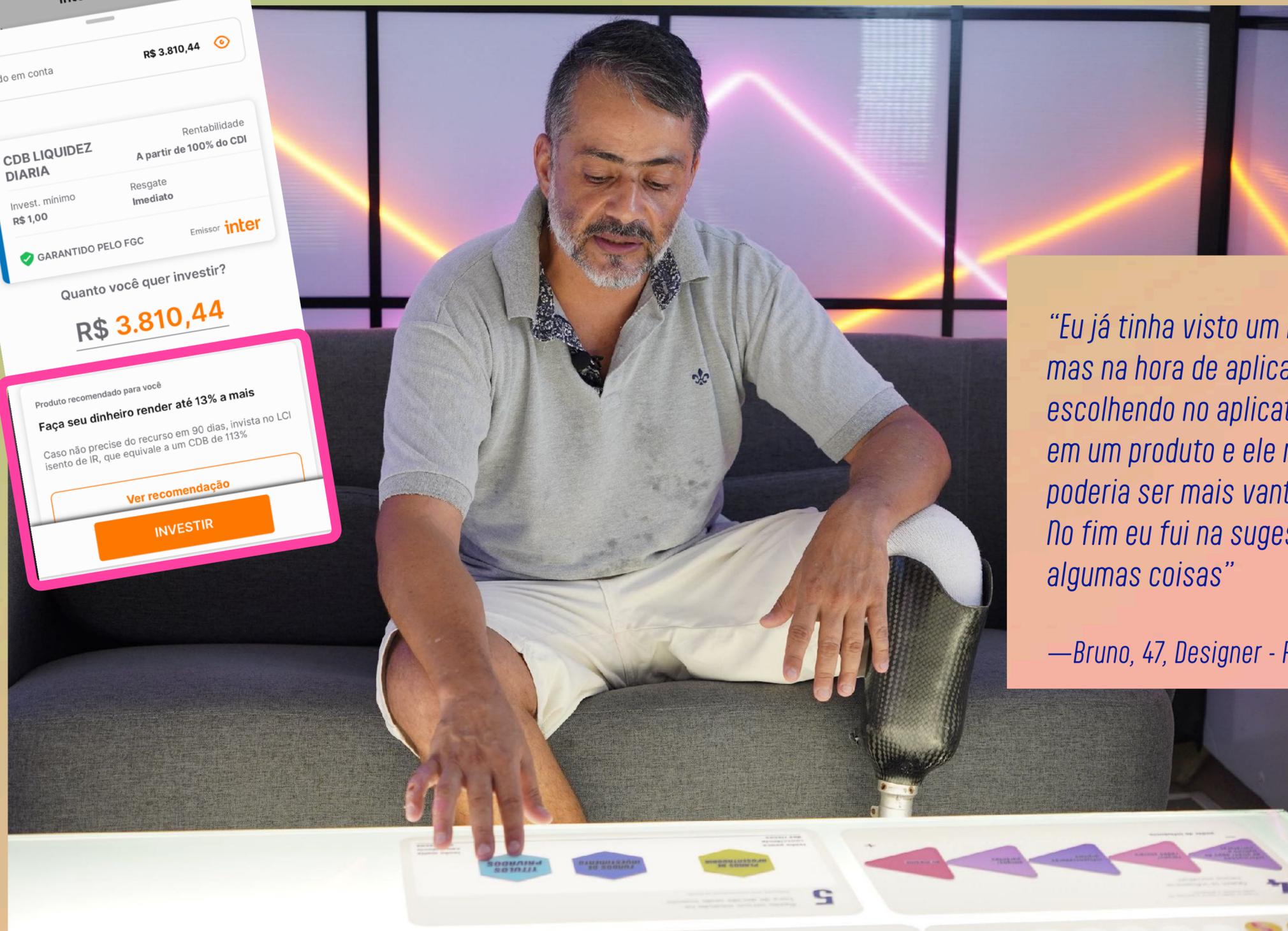
Com interfaces um pouco mais amigáveis, os aplicativos estão ajudando a conduzir o movimento de aplicação em renda fixa - apresentando produtos conservadores, e mostrando que eles rendem mais do que a poupança e que o dinheiro está disponível para retirada a qualquer momento.

São essas 3 informações que trazem paz aos corações angustiados dos investidores de primeira viagem: estabilidade, liquidez imediata e taxa (que as pessoas não entendem bem, mas que parecem ser melhores do que nada e por isso valerem a tentativa). Outras informações como impostos que incidem, ou prazo para alíquotas diferentes de imposto não ficam totalmente claras, mas isso não chega a ser questionado pelo público iniciante.

Muitas vezes esses apps até fazem certas sugestões: “e se em vez de você aplicar no CDB X, você aplicar em uma LC X que rende ainda mais porque não incide imposto de renda?”

Com uma linguagem descomplicada os bancos estão guiando esse primeiro passeio pelos produtos e propondo opções (que essas pessoas não sabem bem comparar, mas a indicação de serem “seguras” estimulam um teste).

Nessas alternativas apresentadas, geralmente as instituições têm usado como taxa de comparação o CDI (90% do CDI; CDI + 2%...) e a maioria das pessoas não faz ideia do que seja o tal de CDI, mas sabe que ele existe porque é um índice presente na comunicação com o cliente, usado nas brigas de rendimento entre um banco e outro.



“Eu já tinha visto um monte de vídeos, mas na hora de aplicar mesmo eu fui escolhendo no aplicativo. Eu entrava em um produto e ele me dizia que outro poderia ser mais vantagem. No fim eu fui na sugestão dele pra algumas coisas”

—Bruno, 47, Designer - Rio de Janeiro (RJ)

# ...mas evidenciam menos os títulos públicos

Estimulados principalmente pelos influenciadores, o passo depois da descoberta dos títulos privados são os títulos públicos - um processo de investimento um pouco menos intuitivo porque estão em uma parte dos aplicativos que (geralmente) fica menos exposta, só funcionam nos horários de mercado aberto e - causando um pouquinho mais de tensão - é preciso fazer um cadastro e dar aceite nos termos para acessar os produtos.

O que é muito motivador é a sensação de segurança de ter o governo como devedor - e isso passa a sensação de estabilidade e confiança pra quem está começando a investir e quer ir tateando esse universo com o máximo possível de cautela.

*“Dizem que é fácil aplicar no tesouro direto, mas eu achei meio esquisito porque me pediram até cadastro, dá um pouco de medo. E aí parece que é tudo muito pro futuro, tem que deixar o dinheiro preso”*

*— Thaís, 24, vendedora · São Paulo (SP)*



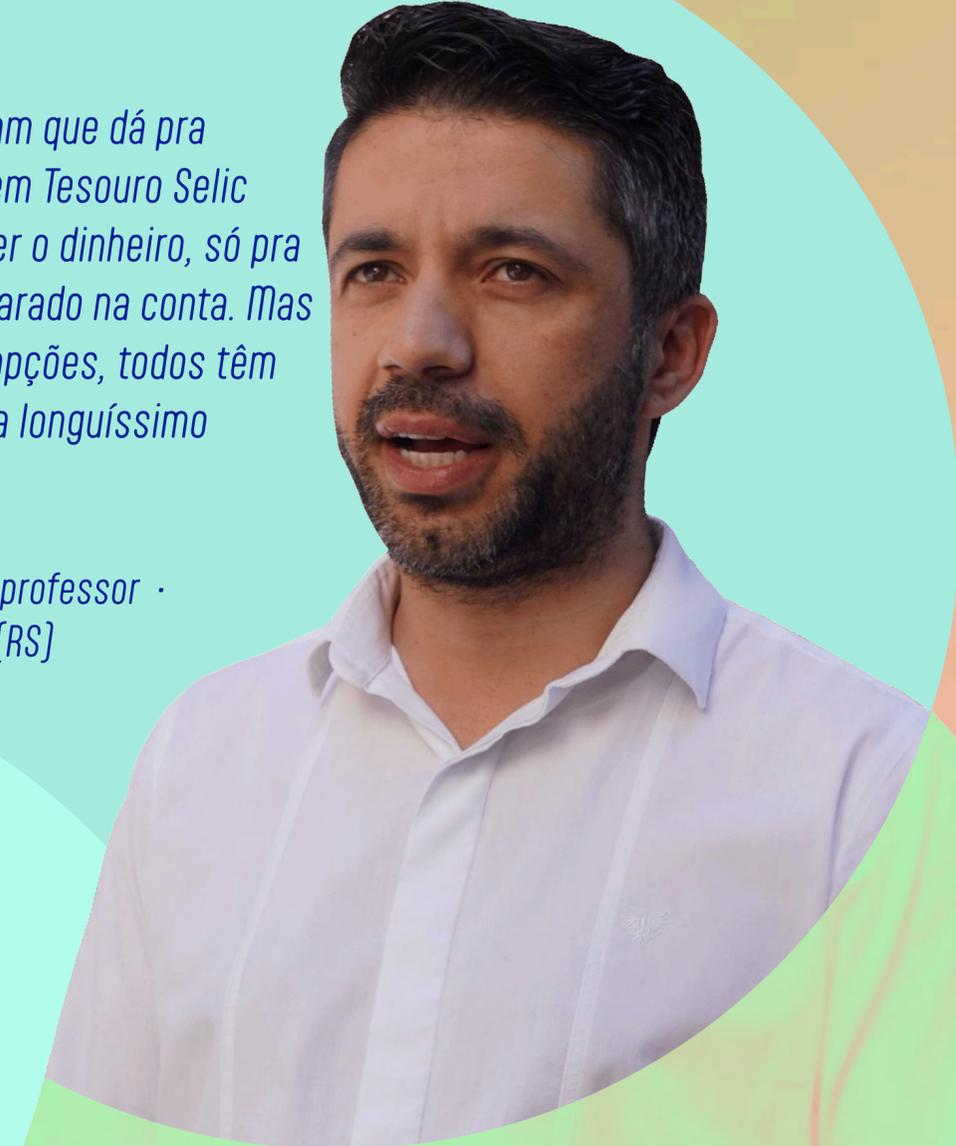


*“E aí me falaram que o Tesouro Selic vai render praticamente o mesmo do CDI, e minha conta corrente com rendimento automático rende até mais que isso. Gente, esse perrengue todo pra render a mesma coisa?”*

*— Antônio 61, aposentado · Marechal Deodoro (AL)*

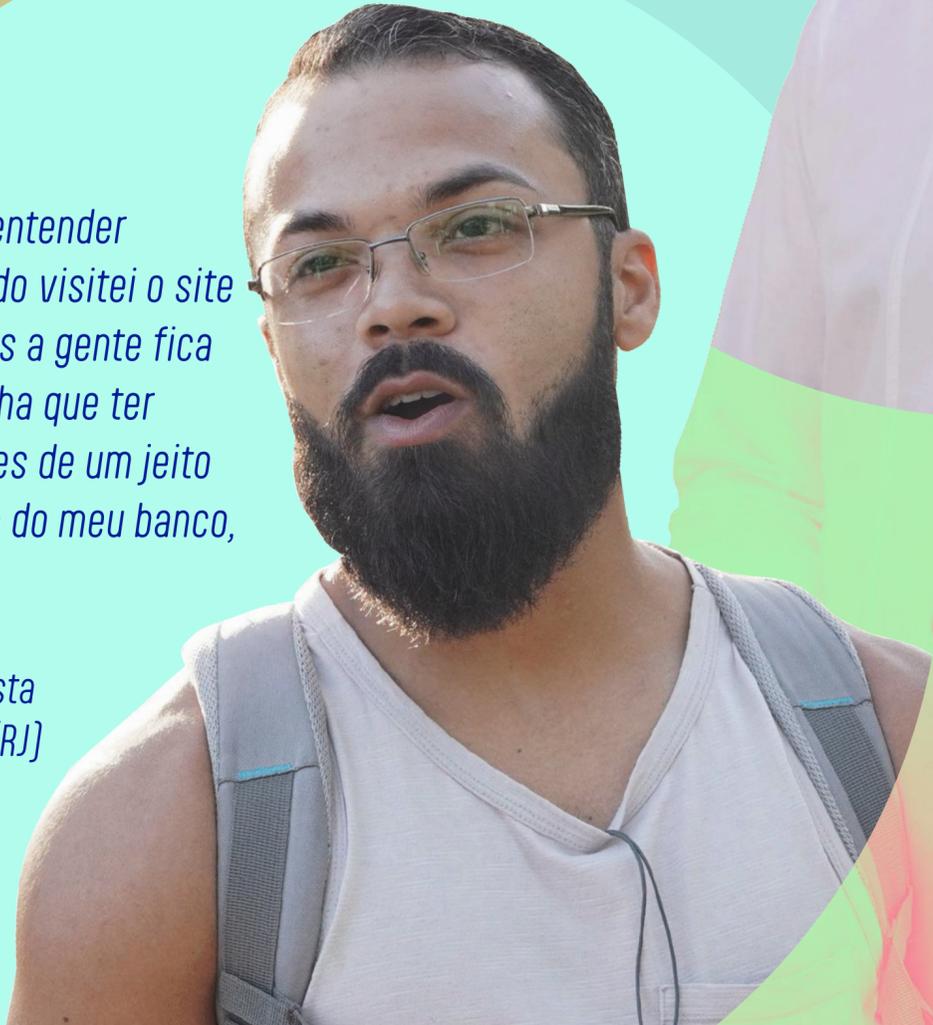
Vimos também que **investir em Tesouro Selic causa uma certa confusão porque o título tem uma data de vencimento e, seguindo a lógica dos títulos públicos, fica parecendo que o dinheiro fica comprometido até essa data (apesar da liquidez ser diária).**

O site do Tesouro Direto é bastante esclarecedor e ajuda a entender melhor o caminho até o investimento. Porém o fato de ser um recurso externo ao aplicativo do banco causa um certo desconforto em quem está aprendendo a investir, e um medo de fazer errado, fora do domínio da instituição financeira que ele está mais acostumado a lidar.



*“Falaram que dá pra investir em Tesouro Selic sem prender o dinheiro, só pra não deixar parado na conta. Mas olha aqui as opções, todos têm vencimentos a longuíssimo prazo!”*

*— Carlos, 46, professor · Porto Alegre (RS)*



*“Eu só fui entender mesmo quando visitei o site do Tesouro. Mas a gente fica desconfiado, tinha que ter essas informações de um jeito fácil no aplicativo do meu banco, e não tem”*

*— Lucas, 34, barista · Rio de Janeiro (RJ)*

# pé na renda fixa: de pouco em pouco, tateando

E assim vai acontecendo a experiência na renda fixa: as pessoas vão aprendendo a se orientar através das próprias plataformas, e uma certa sensação de segurança (no sentido desses produtos prometerem uma rentabilidade mais previsível) vai permitindo novas experimentações, abrindo mão da liquidez em certo volume de dinheiro, alongando prazos em busca de uma maior rentabilidade - mesmo que esse investidor não entenda exatamente o conceito por trás de cada produto. **Parece que não é tão necessário saber as siglas e o que elas representam, se a taxa de retorno é combinada no ato da aplicação.**

Importante citar que o campo desse estudo aconteceu em um momento de juros altos, com muita informação vindo de todos os cantos sobre o poder da renda fixa na situação presente, coisa que de certa forma acomoda os investidores nesses produtos “mais simples” e desencorajam o passo para a renda variável ou opções mais instáveis.



*“CDB não sei o quê IPCA e o escambau. Não sei te dizer o que é isso, só sei que tá lá o cálculo do que eu vou receber no final, e assim a gente vai indo, mesmo sem entender muito”*

*— Édipo, 33, publicitário - Belém (PA)*



*“Eu entro no site do Tesouro Direto e tem um cálculo do dinheiro que você tem agora e o quanto ele vai valer daqui um tempo. Pra que eu iria correr risco com esses investimentos que variam e estão variando pra baixo nesse momento? Vou ficar aqui, quietinho na renda fixa mesmo!”*

*— Mayk, 26, Advogado · Rio de Janeiro (RJ)*

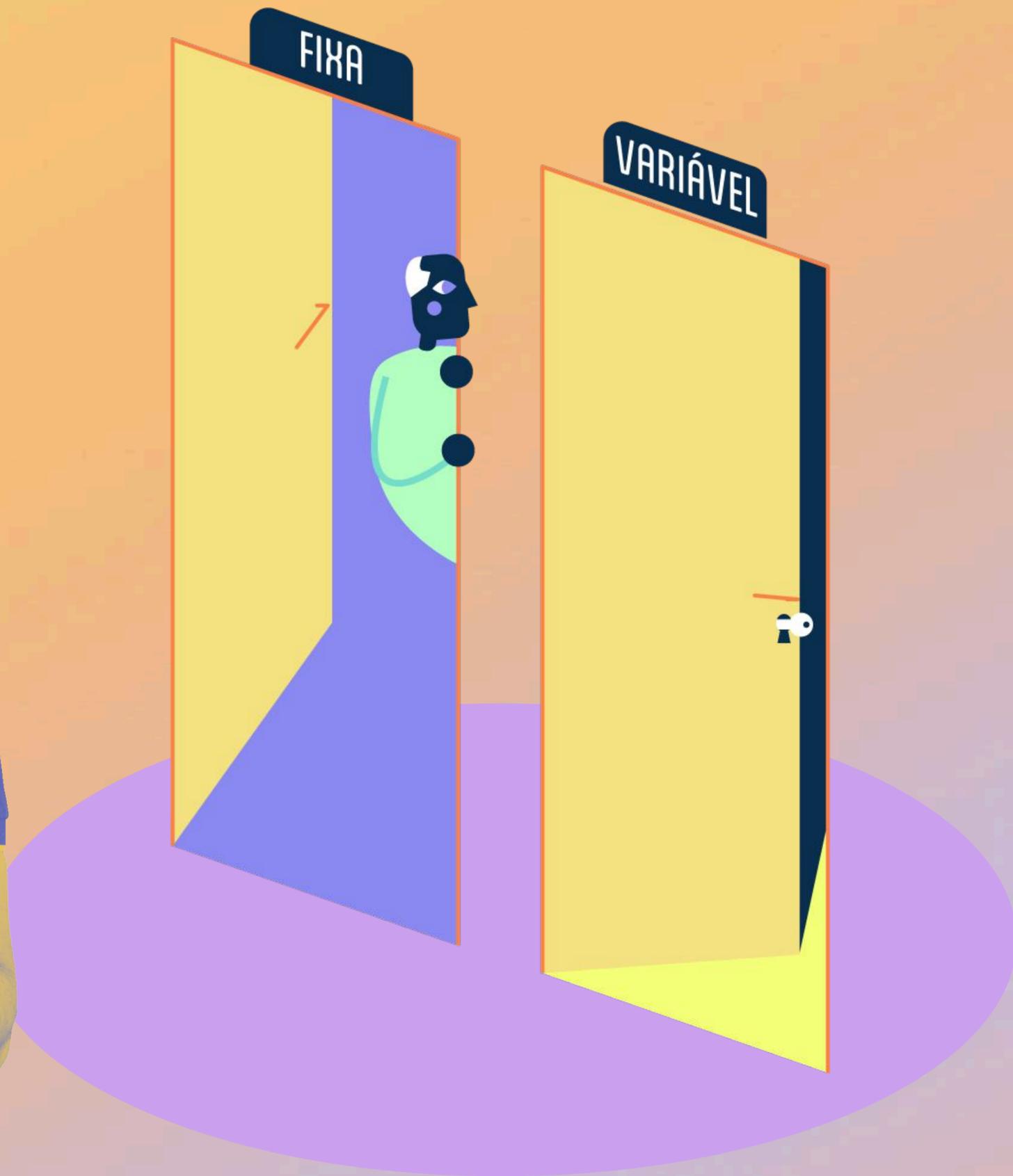
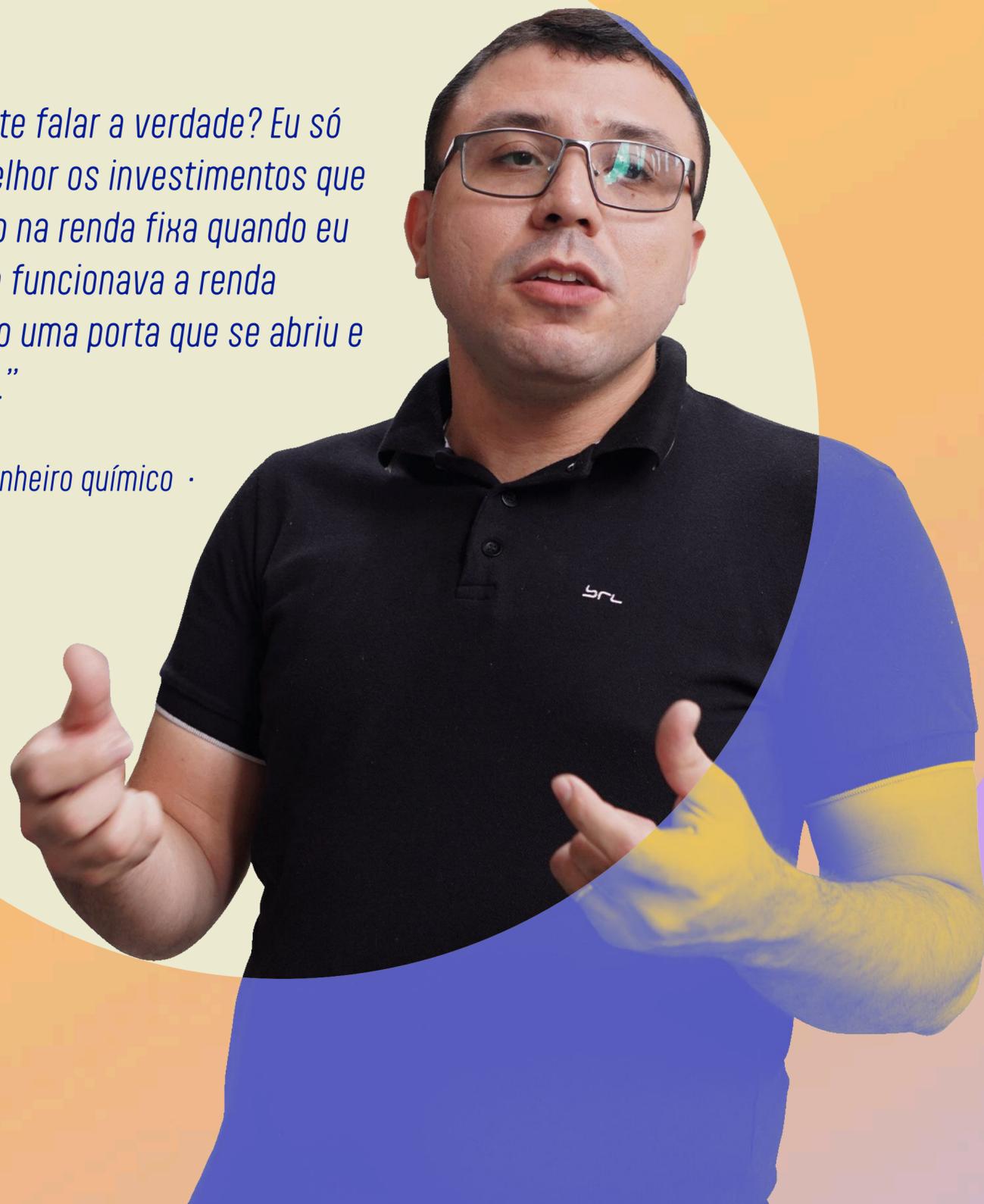
# a 2ª porta: o mundo da renda variável

É um click muito motivador quando o investidor percebe que existe uma outra lógica de investimentos, um raciocínio que abre mão da estabilidade para apostar na oferta e demanda de produtos. Entender isso é um pouco complicado, mas quando essa compreensão acontece de fato (ainda que pela prática), ela inaugura uma visão ampla sobre o mercado: **descobrir o mecanismo da renda variável é também uma forma de renovar o olhar sobre a renda fixa e tomar consciência do que está por trás das 2 coisas.**

Ou seja, quando o investidor iniciante entende a renda variável, cai a ficha sobre o funcionamento da renda fixa - que ele já investia sem entender bem como funcionava.

*“Posso te falar a verdade? Eu só entendi melhor os investimentos que eu tinha feito na renda fixa quando eu descobri como funcionava a renda variável. Foi tipo uma porta que se abriu e eu disse: saquei.”*

*— Daniel, 27, engenheiro químico · Rio de Janeiro (RJ)*



# influenciadores iluminando o caminho que é bem escuro

Os influenciadores estão tendo um papel de enorme importância, não só apresentando o universo da renda variável às pessoas, mas principalmente as conduzindo nesse processo inicial:

se na renda fixa os investidores conseguem (bem ou mal) se guiar pelos aplicativos, **esse primeiro passeio pela renda variável precisa de alguém que pegue na mão e oriente esse percurso, passo a passo. Por isso o meio vídeo é tão importante nessa hora**, porque mesmo que a informação inicial tenha vindo por algum amigo, por posts, reels ou tiktok, é no YouTube que as pessoas vão buscar mais entendimento, abusando do pause para absorver os pontos mais essenciais.

Nesse aspecto, as recomendações que os YouTubers trazem têm um peso enorme para os marinheiros de primeira viagem, e nas primeiras aplicações (principalmente ações).

*“Olha, eu vou te falar que eu tive que ver o vídeo várias vezes. Porque nem no aplicativo normal você fica mais, você vai pra um outro aplicativo que se chama home broker e, meu filho, sem ajuda você não consegue entender nada. Eu tive que ir copiando e fazendo igual ao vídeo. Mesmo assim, não foi fácil”*

— Wallace, 41 anos, gari · Rio de Janeiro



# o impacto gera *like*,

Geralmente essa apresentação da renda variável tem um tom otimista e superestimado, porque é assim quem os influenciadores digitais conseguem fisgar a atenção do público. Embora exista uma explicação de que a rentabilidade não é previsível, e de que esses investimentos envolvem riscos, essa parte de perigos e vulnerabilidades fica menos em evidência do que a possibilidade de ganhos mais altos que a renda fixa.

Conversando com os investidores, pudemos notar que eles percebem que os influenciadores douram a pílula e geram altas expectativas a ponto das pessoas sentirem que estão perdendo tempo com investimentos mais conservadores. É assim que muita gente começa no mundo das ações, das moedas digitais e dos fundos de investimento (principalmente os imobiliários), mais com a “sensação de ganho rápido” do que com consciência de que os ganhos vêm com estratégias de longo prazo - e vão confiando nas orientações desses influencers.

# a promessa de rentabilidade gera impacto



*“Quando eu comecei a entrar nos vídeos sobre renda variável, me deu uma sensação de urgência. Eles falam como se você tivesse perdendo tempo na renda fixa, ou como se você estivesse perdendo um bonde que tá passando. Aí eu fiz as primeiras tentativas e fiquei frustrado porque me dei mal”*

— Bruno, 25, universitário · Belém (PA)

# conhecimento necessário

Mas embora esse início demande a ajuda de algum influenciador digital, pudemos notar que logo as pessoas percebem que a renda variável não é um caminho que se possa trilhar sem estudo, apenas na cola de alguém. Pelo contrário, é um mundo que exige um certo conhecimento - e uma mínima dedicação - que a renda fixa, até então, não exigia:

porque a maior segurança da renda fixa permite que o investidor aplique sem conhecer muito do produto, pois dá pra “confiar” nas taxas combinadas. Mas **na renda variável a rentabilidade depende do funcionamento de uma engrenagem que precisa ser decifrada, mesmo que muito por cima.**

Vários dos nossos entrevistados, mesmo aqueles que investem com a ajuda de um assessor, passaram a pesquisar mais sobre o assunto de investimentos depois de terem dado o passo da renda variável (através da Bolsa ou Fundos, principalmente).

*“Foi a partir da renda variável que eu comecei a estudar mais, a buscar mais informação. Porque é uma coisa que você precisa entender como funciona, pelo menos o básico”*

*— Elder, 47, servidor público  
· Belém (PA)*





*“Até então (na renda fixa) eu não estava muito preocupada em estudar. O assessor me disse pra aplicar tanto, que ia render a uma taxa de tanto, e tudo bem. Eu não precisava ir a fundo. Mas quando eu comecei a investir em ações, e o dinheiro não iria aparecer automaticamente, eu vi que precisava entender um pouquinho disso”*

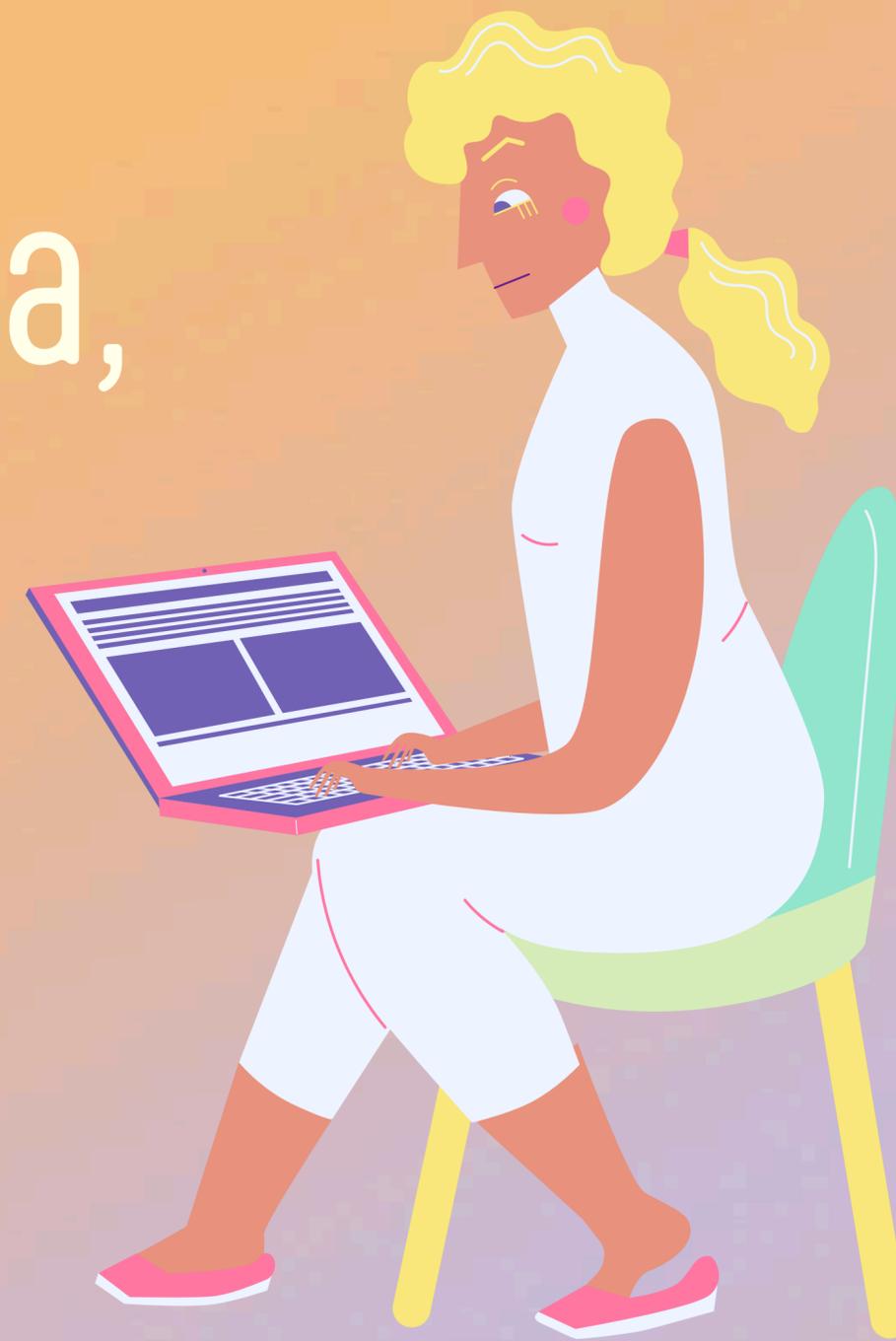
*— Luísa, 30, bióloga · Porto Alegre (RS)*

# se a valorização não é fixa, ela depende do quê?

Essa parece ter sido a principal dúvida dos investidores que entrevistamos, e se transforma em um ponto de partida para se entender o vai-e-vem da Bolsa de Valores - e os produtos comercializados através dela.

Nessa etapa da jornada do investidor, as pessoas começam a descobrir que **a Bolsa não comercializa apenas ações, intermedia outros tipos de investimentos que dependem da equação oferta x procura, e que isso não tem só a ver com a matemática mas também com toda uma subjetividade** nas percepções sobre o mercado.

De forma que é partir desse ponto que existe uma noção de que esse tipo de investimento está intrinsecamente ligado aos acontecimentos do mundo, e que é importante acompanhar as notícias e os temas atuais para posicionar bem as decisões financeiras.





*“Chega em um ponto que pra você investir bem, você não tem só que ficar ligado nos assuntos financeiros. Tem que saber o que está acontecendo ao redor. Tudo interfere, a guerra na Ucrânia afeta a ação que você compra aqui no Brasil. Então tem que saber ler o gráfico, mas também ler o jornal”*

*— Alexandre, 56, microempreendedor · Recife (PE)*

# outra dimensão da influência: o reconhecimento ideológico

Quando o papo sobre investimento não tem só a ver com a teoria, e passa a absorver também uma visão de mundo, existe aí um questionamento maior sobre o repertório dos influenciadores digitais: o investidor se abre a novas fontes, busca outros nomes mais alinhados com suas perspectivas e (muitas vezes) vai se relacionando a algum grupo com entendimentos semelhantes sobre produtos, sobre a economia e também sobre posicionamento político.

É quando existe, de fato, uma pulverização de personalidades a serem seguidas (aqueles YouTubers mais óbvios começam a dividir espaço com pessoas de influência mais segmentada), e também é quando os livros, sites e cursos passam a fazer parte dessa jornada.



*“Indo mais a fundo na renda variável, principalmente nas ações, eu fui percebendo a necessidade de encontrar mais informações específicas. Fui conhecendo outros canais e fui me aprofundando nos assuntos que me interessavam, e não mais naquela explicação tão genérica”*

— Paulo, 36 anos, médico · Porto Alegre (RS)

# livros, cursos e referências

A quantidade de informação que transborda na internet até pode ser mais que suficiente, mas chega desordenada e muitas vezes de forma pontual, sem um contexto maior por trás. **É tanta coisa, e parece tudo tão poluído que muitas vezes existe a necessidade de buscar um raciocínio externo que ajude a amarrar todo esse emaranhado de opiniões soltas** (e desconexas).

Os livros e os cursos trazem um panorama mais completo, muitas vezes até filosófico no sentido do estilo de vida a se perseguir. Os grandes nomes (à la Barsi ou Buffet) se transformam em uma inspiração e definem paradigmas:

é quando o olhar para os investimentos deixa de ser uma questão econômica, meramente organizacional do dinheiro, para se tornar um tema maior, atitudinal, que invade outros campos da vida e passa a fazer parte da rotina como um todo.



*“Investimentos pra mim era chegar no fim do mês e aplicar o que tinha sobrado na conta. Aí você vai vendo vídeos, depois vai estudando, vai ler livros como “O Investidor Inteligente”, vai entendendo o que se passa na cabeça dos grandes caras, e isso vira um jeito de viver, de fazer as escolhas do dia a dia”*

*— André Luiz, 34, policial militar · Salvador (BA)*

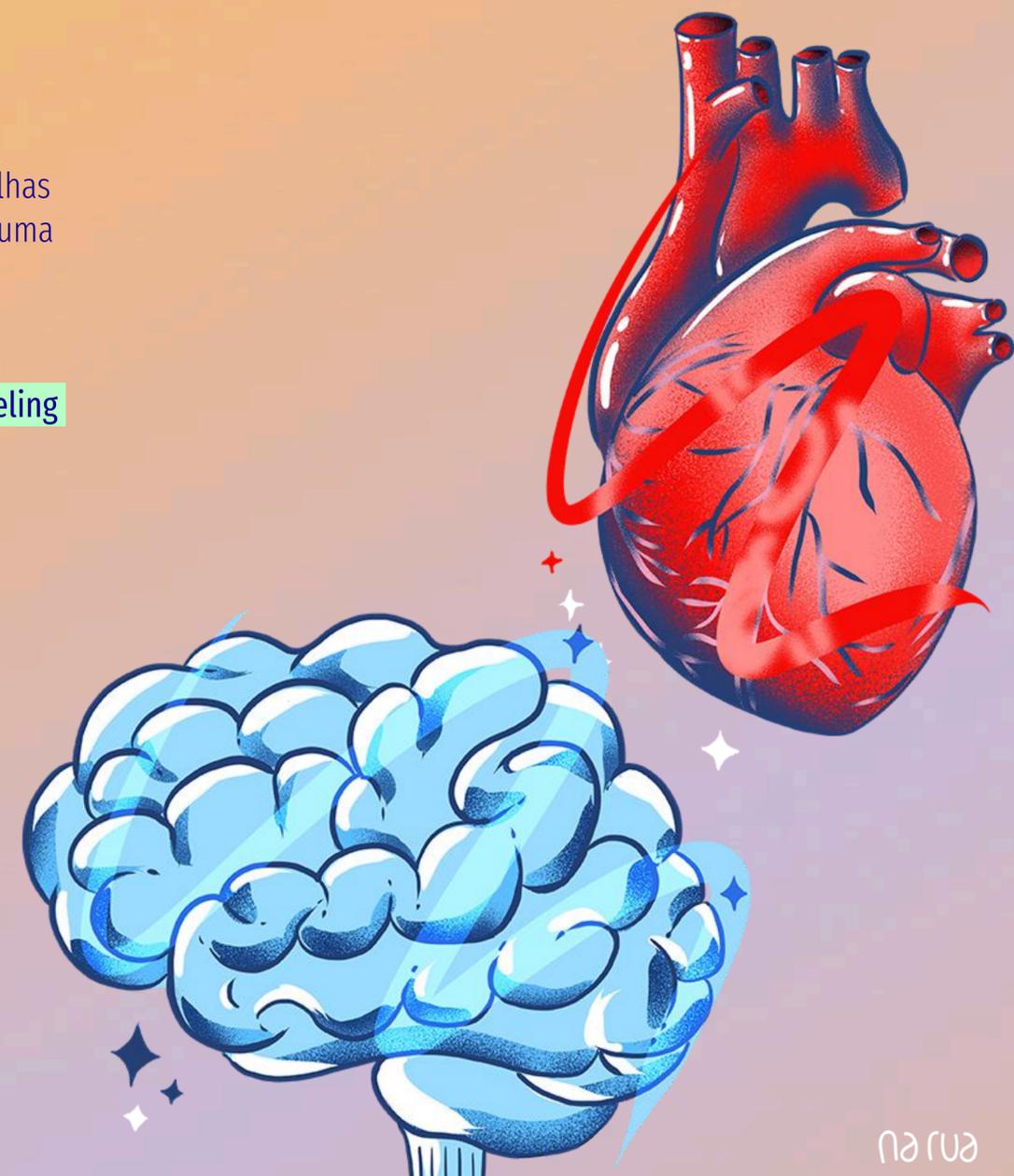


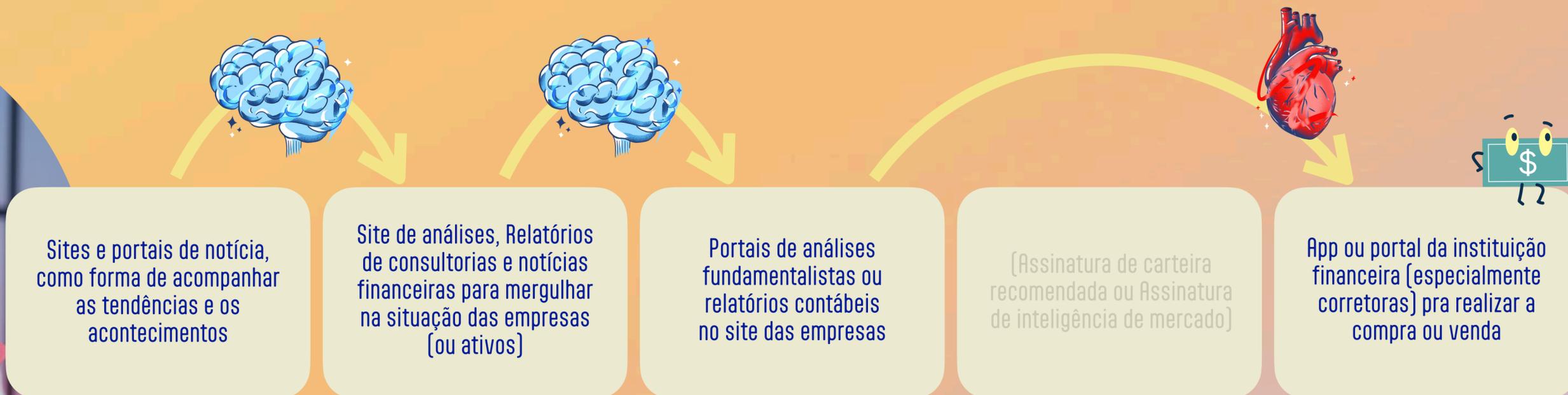


# cabeça e coração

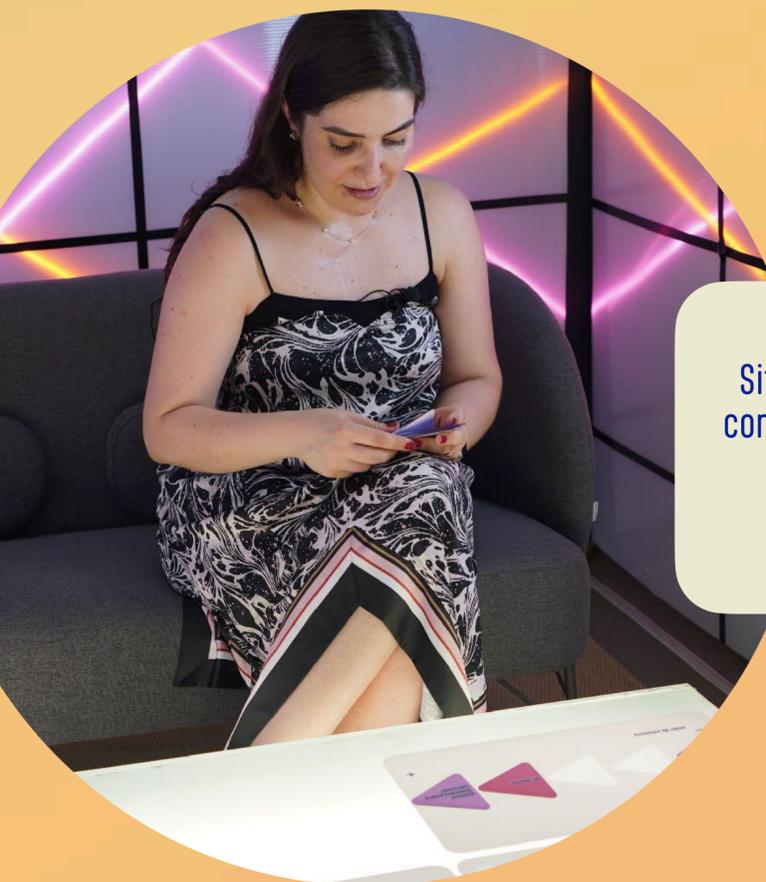
Quando investir se torna parte do estilo de vida, as escolhas também carregam um viés pessoal e a intuição se torna uma ferramenta importante.

Então, ao conversar com os entrevistados que costumam investir em ações, eles **reconhecem a importância do feeling ao mesmo tempo que utilizam instrumentos para ir medindo seus passos** na renda variável:





O Edson é operador de caixa de um pequeno comércio de verduras, e segue esse caminho para fundamentar as aplicações em ações de empresa que ele tem simpatia e acredita no negócio



Sites e portais de notícia, como forma de acompanhar as tendências e os acontecimentos

Site de análises, Relatórios de consultorias e notícias financeiras para mergulhar na situação das empresas (ou ativos)

Portais de análises fundamentalistas ou relatórios contábeis no site das empresas

(Assinatura de carteira recomendada ou Assinatura de inteligência de mercado)

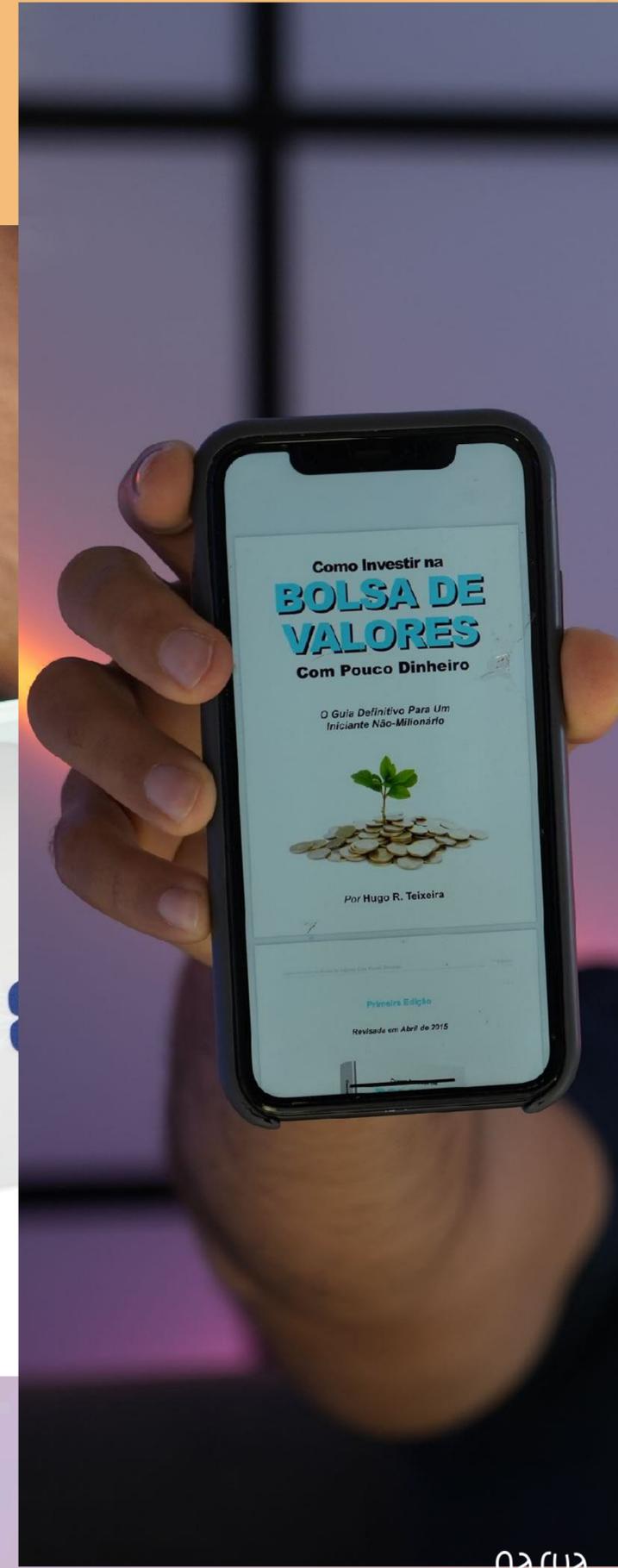
App ou portal da instituição financeira (especialmente corretoras) pra realizar a compra ou venda

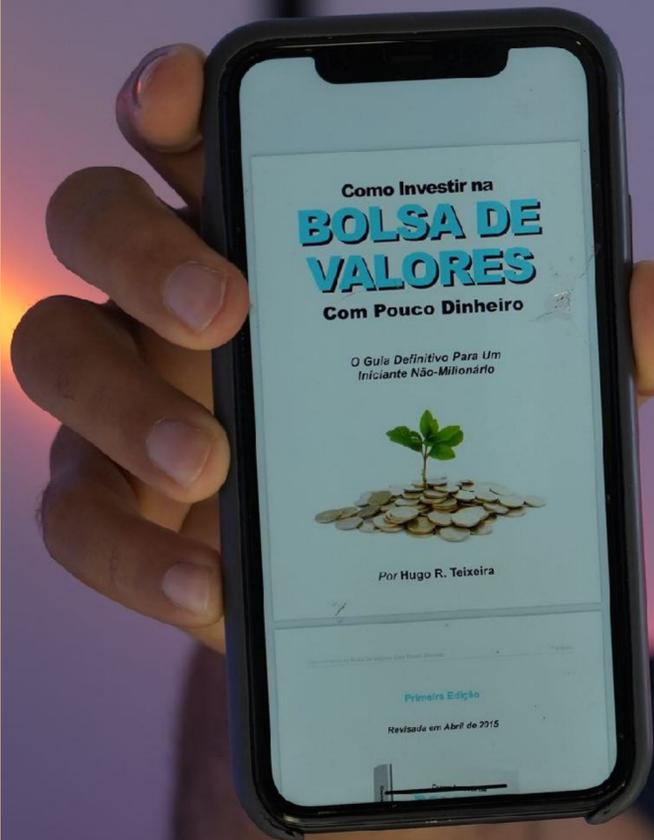
A Laura, médica de Porto Alegre, segue (através da assessora financeira) uma carteira recomendada, mas se orienta pelos jornais e sites de notícia para tomar as decisões.

# cai, cai, balão

Para alguns, existe um momento em que eles sentem que já aprenderam o suficiente e se desgrudam um pouco dos influenciadores e das referências literárias. É uma fase de autoconfiança, em que o investidor tenta caminhar sozinho e fazer algumas apostas mais “arriscadas”. O entusiasmo com o universo da renda variável (Ações, Fundos, Criptomoedas) e a possibilidade de ganhos expressivos, vai se confrontando com a segurança da renda fixa e a sensação de ganhos menores nesses investimentos mais conservadores (CDBs, LCs, Tesouro Direto). Muitas vezes a pressa e a ambição falam mais alto e essas pessoas fazem a manobra agressiva de desbalancear uma equação capaz de trazer uma certa segurança financeira: e geralmente é aí que esses investidores levam um tombo.

Nas nossas entrevistas foi expressivo o número de investidores que nos contaram sobre como uma sensação de euforia que os levaram a ter experiências negativas e a **necessidade de um recomeço mais sustentável, olhando para a renda variável não como uma substituta da renda fixa, mas como um complemento.**





*“Teve uma hora que eu me empolguei demais, achei que já sabia o bastante e pufffff! Caí de cara no chão, perdi dinheiro e precisei recomeçar, só que dessa vez olhando a Bolsa como uma investimento complementar”*

*— André Luiz, 34, policial militar · Salvador (BA)*

# a diversificação



Infelizmente são muitos os relatos de pessoas que levam algum tombo até verdadeiramente compreenderem a importância da diversificação nos investimentos.

Porque, por mais que essa palavra seja conhecida (e muito falada) desde o início do processo, **é complexo chegar ao entendimento amplo de que os vários produtos não devem ser vistos de forma individual, mas sempre pensados sob um olhar integrado, em que todos eles se entrelaçam e se complementam em uma estratégia maior.**

Essa estratégia maior depende de um propósito financeiro bem estruturado, longe de aventuras desnecessárias e com um pensamento estabelecido em prazos diferentes para os diferentes objetivos. Essa é uma clareza que demanda certa maturidade em um processo que, de forma geral, o brasileiro ainda está se familiarizando. Até esse pensamento se amalgamar, a pessoa pode ter o dinheiro separado em cestas diferentes, mas sem compreender -realmente- o valor dessa diversificação.

*“Tem que por os ovos em cestas diferentes e bla-bla-blá! A gente escuta isso mas não entende isso de verdade. Vou te dizer que eu demorei a me dar conta do que essa diversificação significa. Ela não é uma simples separação, ela é um projeto que você precisa criar”*

*— Lucio, 29 anos, dentista · Belém (PA)*



# raio x do propósito financeiro

A construção de uma estratégia diversificada, ou seja, uma estratégia que amarre vários investimentos em produtos diferentes, com múltiplas características de rendimento, risco e liquidez, é um desafio que precisa nascer de uma organização interna: as responsabilidades financeiras, os sonhos e as metas carecem de uma mínima projeção de tempo, e um compromisso precisa ser estabelecido.

**Essa organização pessoal é muito difícil de ser pensada - principalmente em tempos tão turbulentos.** Vimos, por exemplo, que aqueles que possuem uma relação de trabalho mais estruturada (salário fixo e estável) conseguem usar melhor os produtos de renda fixa com longos vencimentos, e perceber vantagem no juros compostos;

Porém, a realidade é que cada vez mais e mais pessoas estão fora do regime CLT, precisam lidar com a inconstância das entradas mensais, e relatam extrema dificuldade de se comprometer a longo prazo - sem os juros compostos sobram pra elas o sonho de conseguirem um salto correndo riscos na renda variável.

*“A minha assessora financeira demorou algum tempo até me oferecer um produto com vencimento a longo prazo, ela quis me testar e ver se eu não ia mesmo entrar no dinheiro que eu disse que estava disponível para investir”*

— Cris, 38, fisioterapeuta · Rio Claro (SP)

*“Sem saber o meu salário de amanhã, eu tenho dificuldade de fazer planos a longo prazo, e isso é sempre um desafio na hora de diversificar os investimentos porque tenho medo de prender parte do dinheiro”*

— Marcelo, 33, microempreendedor · Recife (PE)

# diversificar produtos e plataformas

Aqueles que conseguem, de fato, fazer o exercício de se organizar financeiramente e dividir os recursos em produtos diversos, com prazos diversos, também tendem a diversificar as instituições financeiras.

Quase sempre essas pessoas possuem mais de um “ambiente” para os investimentos. Muitas vezes elas possuem conta em mais de um banco, **misturam investimentos entre instituições tradicionais e digitais, alocam produtos mais complexos em corretoras, e fazem comparações de oportunidades entre elas.**

A grosso modo, os investimentos parecem ser distribuídos seguindo uma mesma visão:



## Poupança e CDB

tendem a ficar no banco tradicional, por parecerem instituições mais consolidadas (se bem que os bancos digitais estão facilitando muito a experiência em CDB e outros investimentos de R Fixa)



## Reserva de emergência e dinheiro a ser gasto no mês

tendem a ficar na conta com rendimento automático de um banco digital, que também está agressivo em rentabilidade para renda fixa, e tornando o processo mais intuitivo (o target está fazendo testes pra sentir se pode confiar mesmo nessas marcas novas)



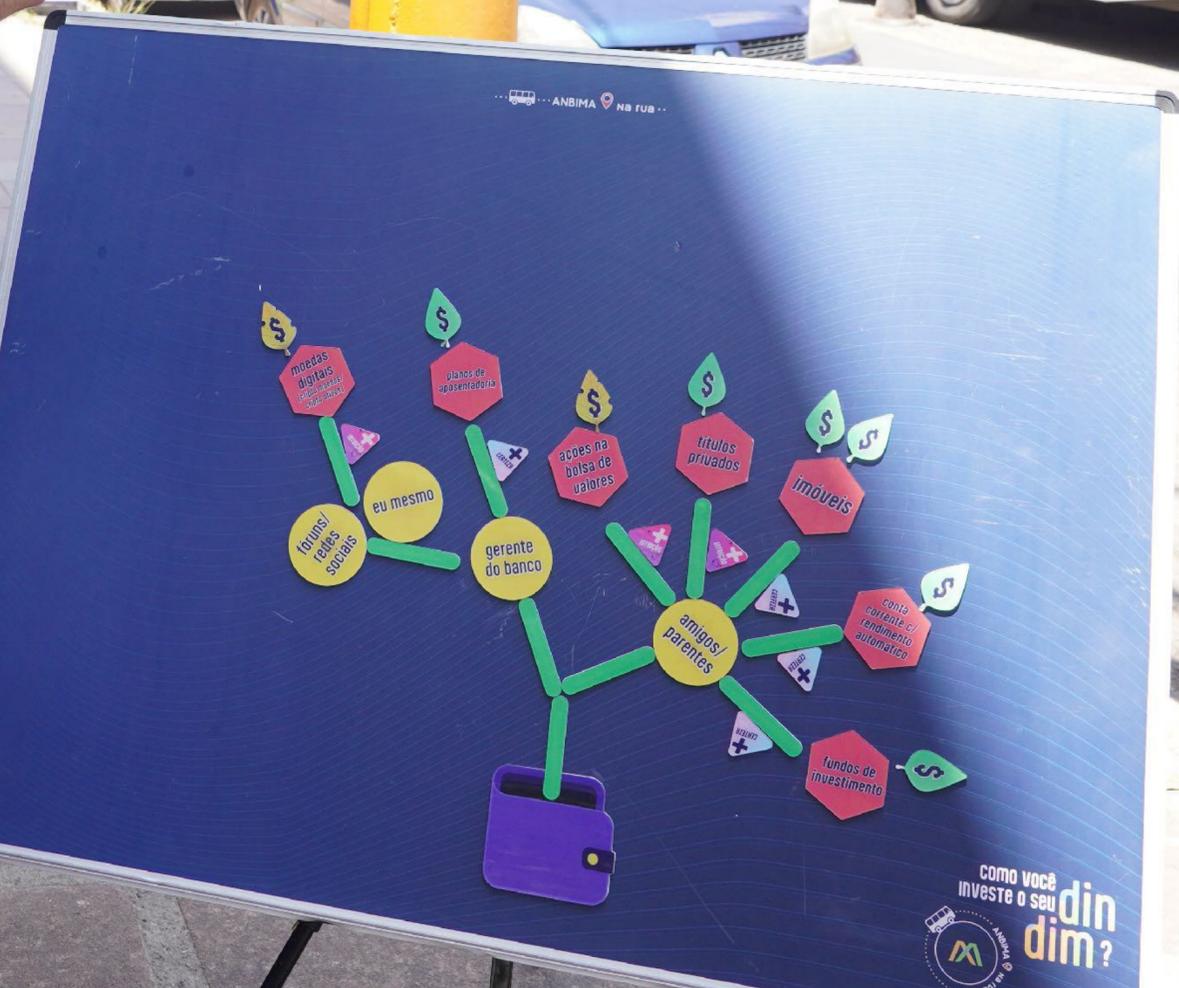
## Ações, Fundos de Investimento e produtos de renda fixa com vencimentos mais longos

tendem a ficar em corretoras, muito pelo fato de que essas plataformas garantem uma experiência de home broker com mais eficiência e estabilidade, e um cardápio maior de produtos de investimentos

# um investidor, várias instituições

Pudemos notar que o Brasileiro está, sim, usando várias instituições financeiras ao mesmo tempo, e que o investidor que consegue diversificar seus investimentos também **se sente aproveitando de uma briga inédita entre bancos tradicionais e as fintechs** (sejam elas bancos digitais ou corretoras).

Esse movimento faz surgir oportunidades espalhadas, e os recursos vão se pulverizando em ambientes financeiros diferentes, muitas vezes em marcas novas que (ainda) não inspiram confiança total.



a diversificação

· um investidor, várias instituições



“Nos últimos anos eu fui desconcentrando o dinheiro. Ele ficava todo investido no meu banco, e depois eu fui vendo que esses bancos digitais têm taxas muito boas no CDB. Eu vou jogando um pouquinho aqui, um pouquinho ali, nem sei quantos lugares eu tenho dinheiro guardado, hoje”

— Yuri, 34, chefe de cozinha · Porto Alegre (RS)



*“Você vai comparando e vai vendo que os bancos menores têm até investimentos melhores. Se você respeitar o limite do FGC, você tá garantido, mesmo sendo um banco que você não conheça bem”*

*— Arthur, 22, estudante de mecatrônica · São Paulo [SP]*

# dividendos

Quando o investidor começa a aplicar em renda variável, a motivação imediata é o sobe e desce no preço dos ativos - o que abre possibilidades para ganhos rápidos. Esse continua sendo o principal estímulo para as pessoas que estão dando passos iniciais nessa grande jornada que estamos descrevendo aqui.

Entretanto, uma visão um pouco mais refinada está mexendo com o investidor mas atento, principalmente aquele que já tomou consciência de que a melhor forma de lidar com a oscilação dos ativos é tê-los em uma estratégia de longo prazo: existe um entendimento recente (e que está na crista da onda!) de que mais importante que o preço das ações ou dos fundos imobiliários são os dividendos que eles geram.

Isso muda todo o conceito popular que se tem sobre a renda variável, porque **saem de lado a impulsividade, a urgência, a instantaneidade; e entra em cena um sentimento de constância a partir do pinga-pinga de proventos e repartição de lucros.**

Pudemos observar o quanto essa lógica parece estar mexendo com os investidores mais “experientes” por se mostrar mais adequada para uma construção de capital sustentável e pensada de forma durável ao longo do tempo:

mesmo quem há pouco tempo estava envolvido pela ideia de conseguir um salto repentino através do daytrade, hoje manifesta sua atração por essa maneira de lidar com os investimentos com foco nos dividendos.

Se há um “espírito do tempo presente”, **essa é a febre que vimos contagiando pessoas de diversas idades, de norte a sul: investir em busca de dividendos e reaplicar esses dividendos para fazer crescer o patrimônio.**



*“Eu fazia até scalper trade, você sabe o que é isso? Tem ideia de como era frenético? Larguei tudo isso, mudei de vida e agora tô entendendo que o negócio é focar nos dividendos. Fazer dinheiro devagar, mas com constância pra chegar lá sem perder os cabelos que me restaram”*

*— Carlos Eduardo, 47,  
advogado · Goiânia (GO)*



*“Tudo o que eu recebo de dividendos eu reaplico. Faço isso pra gerar o dobro de dividendos, depois reaplico de novo e de novo. É assim que penso em construir um patrimônio bom”*

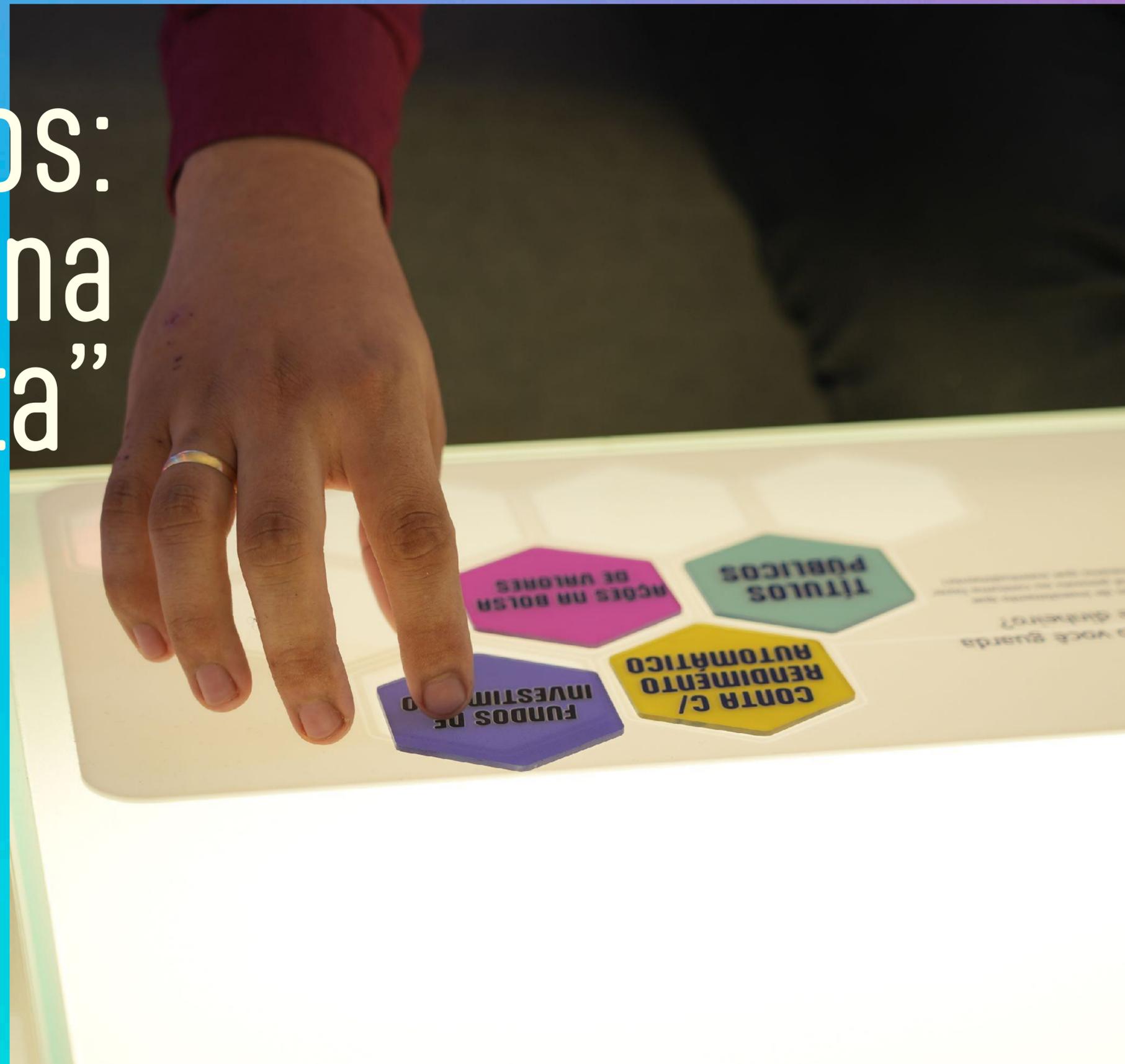
*— Felipe, 23, estudante · Rio de Janeiro (RJ)*

# Fundos Imobiliários: dividendos na forma “concreta”

Nenhum outro produto concretiza tão bem essa estratégia de construção de patrimônio através de dividendos quanto os Fundos Imobiliários. Isso porque eles conseguem tangibilizar essa noção de distribuição de rendimentos, que pode ser simbolizada através do conceito de “aluguéis”, o que é compreendido e tido como muito motivador.

Fica claro, até para o investidor mais inexperiente, o mecanismo por trás desse tipo de investimento, e **cria uma perspectiva de segurança por sugerir que o fundo se materializa em um prédio, um shopping - e essa imagem vem totalmente de encontro ao ideal de solidez do brasileiro**, que sempre vê os imóveis como uma opção muito duradoura, confiável e robusta de investimento.

Os Fundos Imobiliários, em última análise, são percebidos como uma forma de acesso ao setor da construção, especialmente por indivíduos que não conseguiriam participar desse mercado não fosse a opção de compra coletiva - que é como ele enxerga esse produto (e foi condicionado a enxergar, pelos influenciadores digitais).



“Você sabia que eu sou dono de um shopping? Olhe pra mim, essa pessoa que é dona de um lugar chique desses”

— Tiago, 24 anos, estagiário · Belém (PA)





“Se eu tivesse dinheiro eu compraria um imóvel comercial para eu ter uma renda extra com os aluguéis. Como eu não posso, eu invisto nos Fundos Imobiliários, e aí eu posso ter um pedacinho de um prédio”

— Edson, 27, operador de caixa · Recife (PE)

# viver de renda passiva

Se ganhar uma bolada de dinheiro com Day Trade foi o sonho de ontem, viver de renda passiva está se tornando a grande ambição hoje em dia.

Os influenciadores digitais, em seus mais variados domínios sociais nas redes, levantaram a ideia de que é possível usar os investimentos que pagam dividendos como uma fonte de renda extra. Criaram a imagem de que é factível se atingir o ponto de viver sem trabalhar, contando apenas com os proventos desses tipos de investimento que dividem os lucros entre os acionistas ou cotistas.

Os dividendos, que até pouco tempo faziam parte de um pensamento complexo para quem conseguia chegar ao topo da jornada do investimento, **começaram a se tornar assunto popular, argumento de influencers e assessores financeiros para orientar - de forma simplista - pessoas que estão começando a ingressar no caminho dos investimentos.**





*“Viver de renda, ou poder usar essa renda passiva como um suporte para eu trabalhar menos é um gol que eu queria atingir. E se você entrar no YouTube vai ter um monte de canais dando dicas de que isso é possível!”*

— Luan, 31, motoboy • Rio de Janeiro (RJ)

# planos de longo prazo & aposentadoria

Viver de renda (ou ter uma renda extra pra amenizar o trabalho) entrou na pauta do investidor médio e está interferindo na forma como as pessoas se programam para o futuro - especialmente para a aposentadoria.

O fato é que **produtos específicos como o PGBL e o VGBL estão se tornando desconexos da realidade de trabalho atual do brasileiro, cada dia mais fora do esquema CLT e tendo entradas menos certas e mais flutuantes.** O modelo de aposentadoria tradicional se baseia, muitas vezes, em uma estrutura de co-participação das empresas empregadoras na contribuição para os Fundos de Previdência, e isso está deixando de acontecer em uma população que está sendo levada a prestar serviços como MEI ou PME.

Inegavelmente, diante dessa situação, a maior parte das pessoas sente a falta de amparo do Estado nessa questão, e vislumbram a aposentadoria como um desafio pessoal. Ou seja, elas entendem que vai depender exclusivamente delas uma organização para o momento de encerramento da atividade laboral, ainda que essa preparação, essa orquestração individual, não esteja em curso.

*“VGBL não serve pra mim, não vejo sentido me comprometer com um valor de aplicação mensal se eu não sei o quanto eu vou ganhar no mês. E já ouvi dizer que isso cresce mais devagar do que outros rendimentos”*

— Douglas, 26, MEI · Porto Alegre (RS)

planos de  
aposentadoria



# menos fundos de aposentadoria, mais “carteira de investimentos”

Foi possível observar que muitos entrevistados pensam na **composição da carteira de investimentos como um compromisso que possa substituir um produto específico para a aposentadoria.**

O próprio site do Tesouro Direto apresenta uma solução de títulos públicos com esse foco específico - o “Tesouro Renda Mais” (que foi citado no fim do nosso campo, por ter sido lançado em janeiro).

Entretanto, apesar da renda fixa também somar nessa conta de longo prazo (através dos juros compostos), percebemos que a onda é apostar nas ações e fundos: é pensar nos dividendos como forma de se construir patrimônio suficiente para gerar renda passiva na terceira idade.

## TESOURO RENDA+

Planeje a sua aposentadoria com o novo título do Tesouro Direto.

[Conheça o RendA+ e comece a investir](#)

planos de longo prazo  
& aposentadoria

· menos fundos de aposentadoria, mais “carteira de investimentos”

RO DIRETO

Novidade

RendA+

Como investir

Conheça

Títulos

Simulador

Central de Atendimento

LOGIN

# TESOURO RENDA+

Planeje a sua aposentadoria com o novo título do Tesouro Direto.

Conheça o RendA+ e comece a investir

*“Meu plano é ter uma carteira de investimentos que me dê rentabilidade na aposentadoria. Acho que isso é mais vantagem do que aplicar em um VGBL ou PGBL que são produtos muito caretas, burocráticos demais, travados e que não tem uma rentabilidade tão boa quanto outros produtos”*

— Mateus, 17, estudante ·  
Porto Alegre (RS)

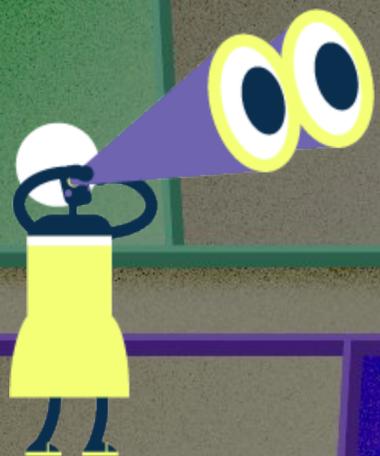




*“Eu tô apostando nos Fundos Imobiliários e em ações que geram bons dividendos. É assim que eu tô construindo um pensamento pro futuro, e a minha aposentadoria vai ter que vir disso também”*

*— Guilherme, 33, engenheiro elétrico · Blumenau [SC]*

**a jornada é um caminho médio  
e representa a cadência do conhecimento.  
Mas a verdade é que tem muita gente  
que pega atalhos e pula etapas**



# da poupança para o *scalp-day-swing* trade



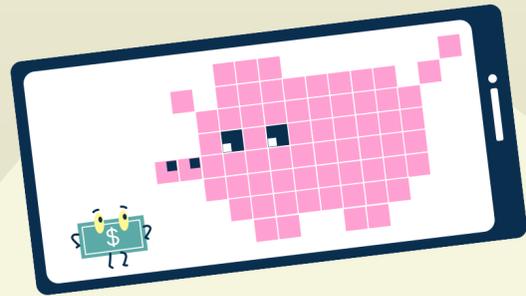
Ao mesmo tempo que os influenciadores digitais têm sido importantes para popularizar o mercado de capitais entre os brasileiros - e demonstrar na prática a maior facilidade de acesso aos produtos e navegação nas plataformas - boa parte deles também procura relevância ao abusarem do otimismo e criarem cenários extravagantes (ou, pra dizer o mínimo, superestimados) de modo a atrair clicks de um público em busca de dinheiro rápido.

Nas abordagens livres, muito numerosas, ouvimos muitas histórias de pessoas que começaram a se interessar por investimentos e foram diretamente do zero à bolsa de valores ou ao comércio de criptomoedas: gente que acreditou em vídeos impactantes do YouTube, e que começou a apostar em aplicações muito agressivas - sem, ao menos, compreender o mercado ou o conceito por trás dos vários tipos de produtos disponíveis.

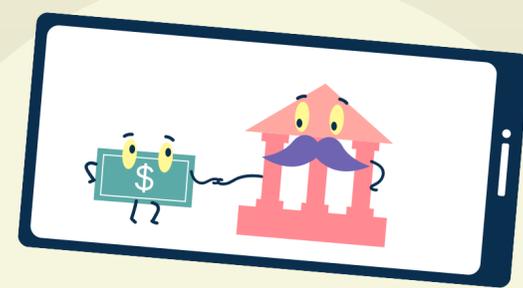
# o mecânico Daniel e o estoquista Fábio

Queremos apresentar 2 dessas  
pessoas, personagens que seguimos  
de perto para entender como essa  
dinâmica de investimentos acontece  
na vida deles”





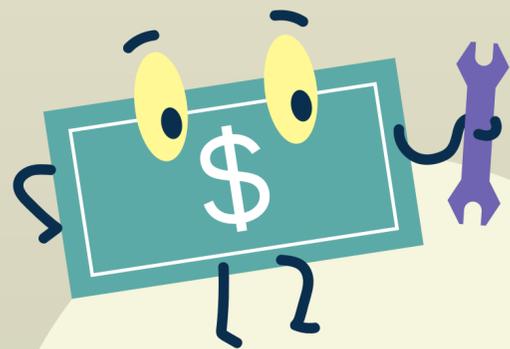
Ele usa a conta poupança em uma banco tradicional para digitalizar o dinheiro, depois faz a transferência para um banco digital X



Ali ele concentra o dinheiro em rendimento automático, e vai criando relacionamento para pegar empréstimos



Com parte do salário + empréstimo, ele transfere o dinheiro para outro banco digital Y, que dá acesso ao Home Broker. Lá ele negocia ações fazendo swing trade



Daniel trabalha em uma mecânica e ganha pouco mais de um salário mínimo, em dinheiro vivo

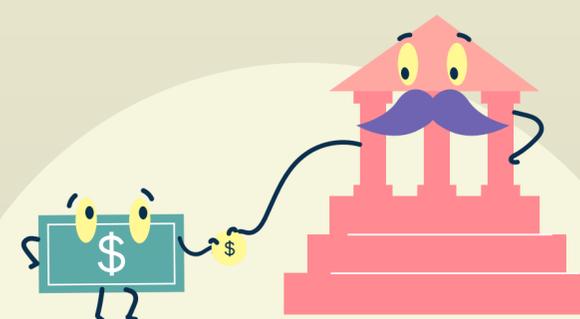


Além de correr risco alavancando, ele também não possui qualquer investimento de renda fixa. Reinveste o que ganha em mais Ações e um pouco em Fundos Imobiliários

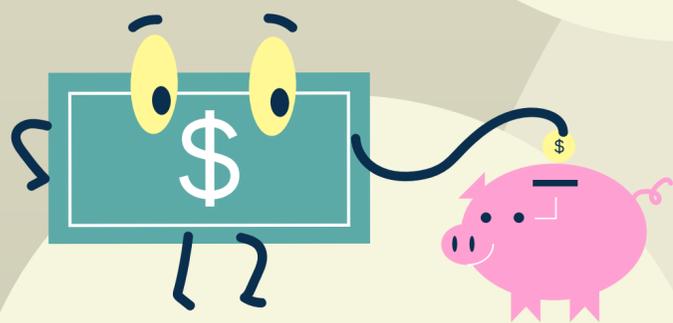


Começou a ver no YouTube vários vídeos que prometiam ganhos muito expressivos em pouco tempo, e que tinham a ver com aplicações na bolsa de valores

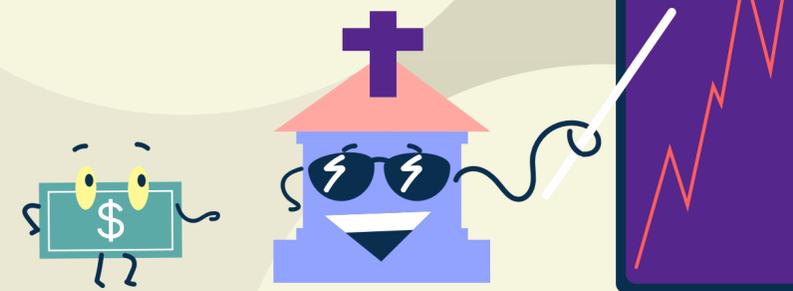
No grupo da igreja, conheceu uma pessoa que prometeu seus serviços como trader - coisa que o Fábio não tinha nem tempo e nem experiência para fazer



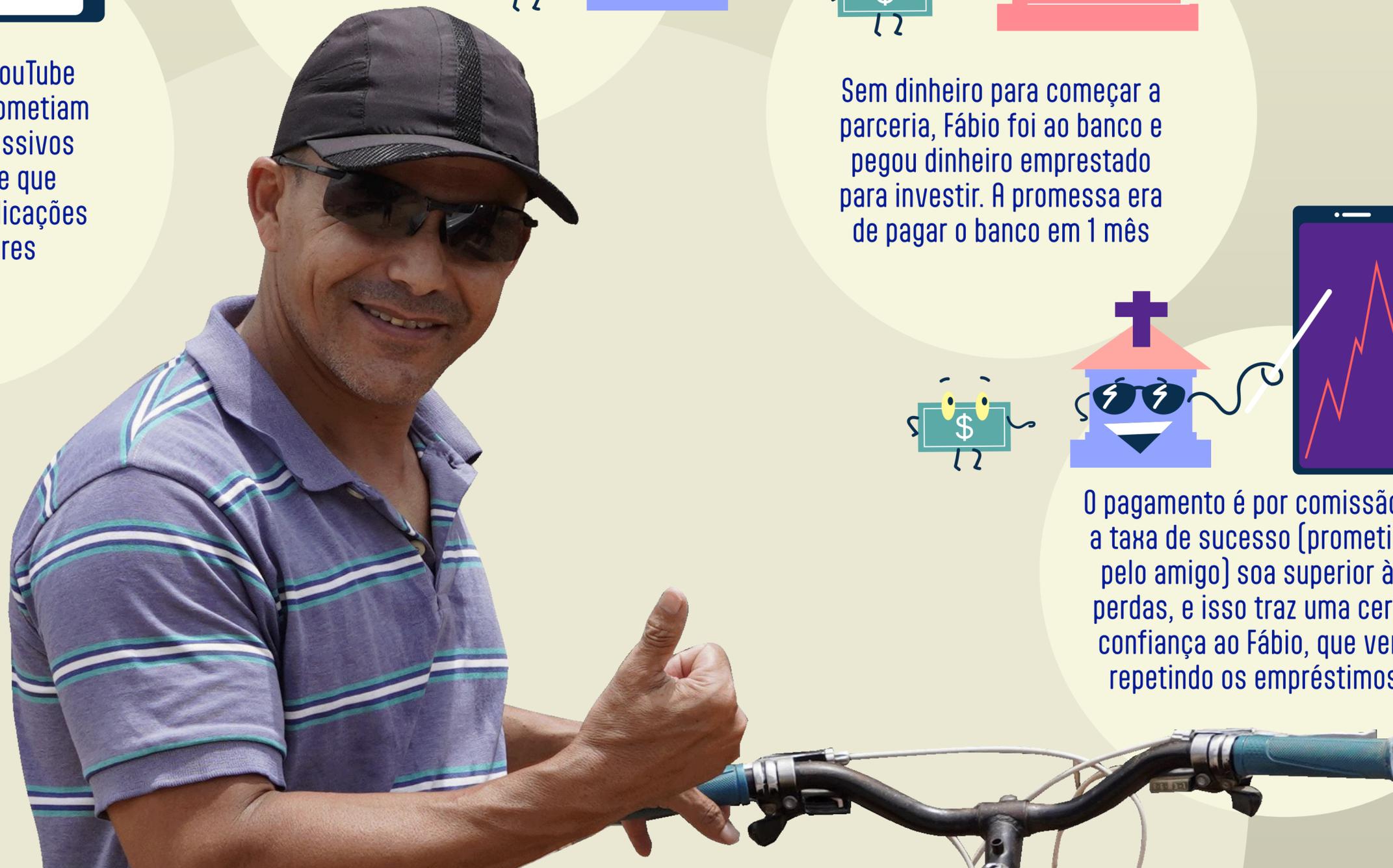
Sem dinheiro para começar a parceria, Fábio foi ao banco e pegou dinheiro emprestado para investir. A promessa era de pagar o banco em 1 mês

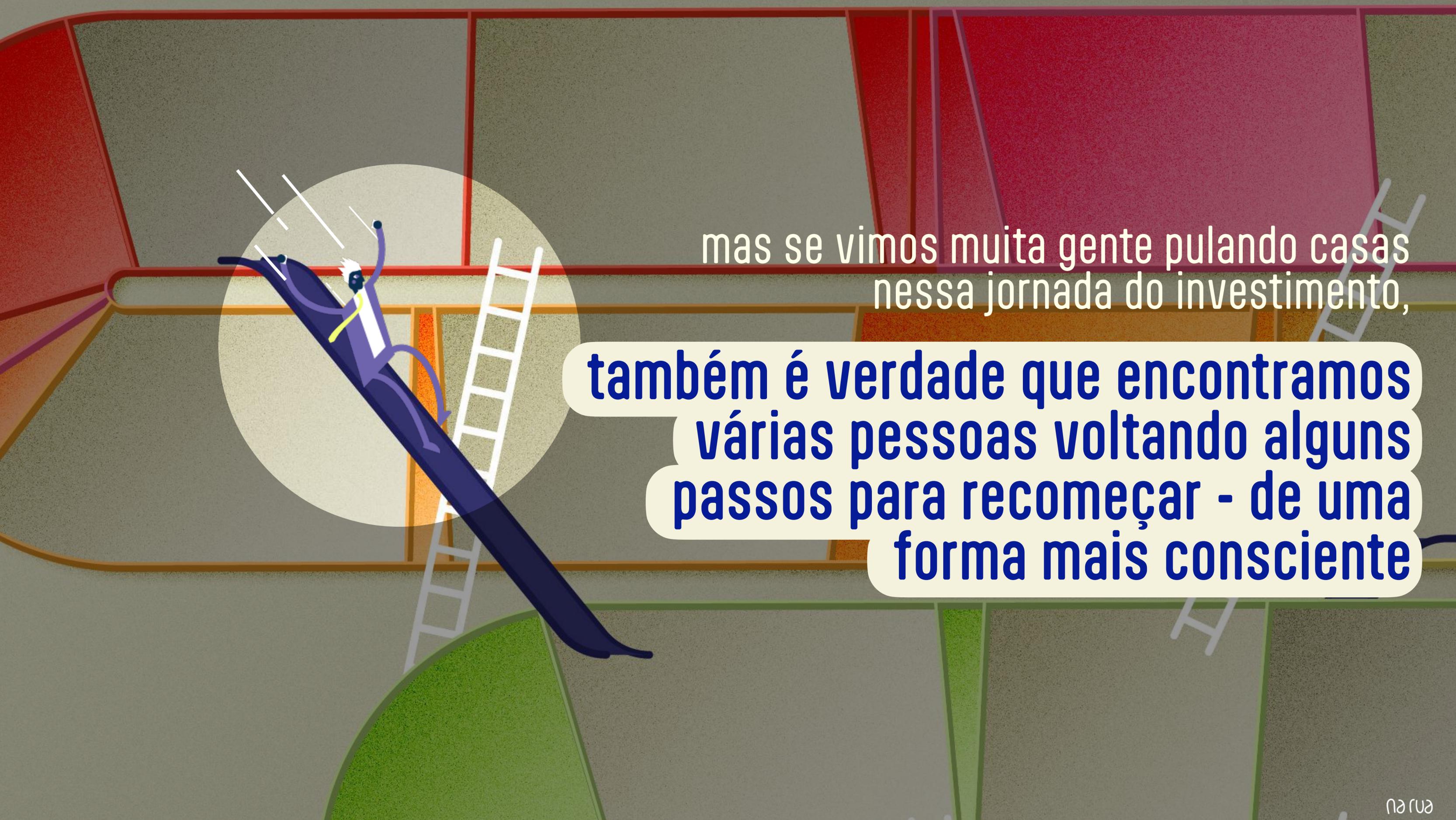


Fábio trabalha como estoquista e nunca tinha feito qualquer investimento além de aplicar na poupança



O pagamento é por comissão. E a taxa de sucesso (prometida pelo amigo) soa superior às perdas, e isso traz uma certa confiança ao Fábio, que vem repetindo os empréstimos





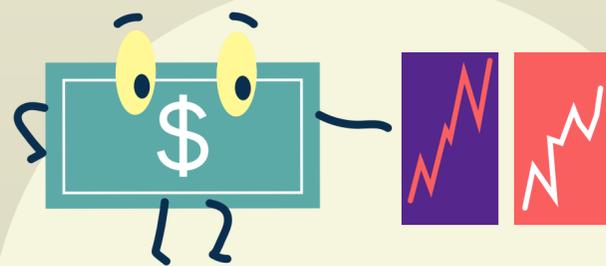
mas se vimos muita gente pulando casas  
nessa jornada do investimento,

**também é verdade que encontramos  
várias pessoas voltando alguns  
passos para recomeçar - de uma  
forma mais consciente**

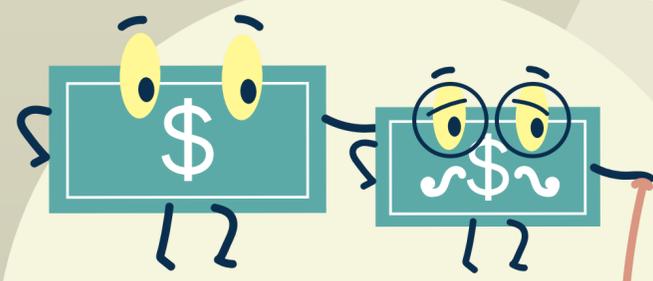
# o advogado Carlos Eduardo e o motoboy Luan

Esses são 2 exemplos de pessoas que perceberam (a duras penas) que precisavam de uma guinada para investir de forma mais sustentável e com ganhos mais a longo prazo

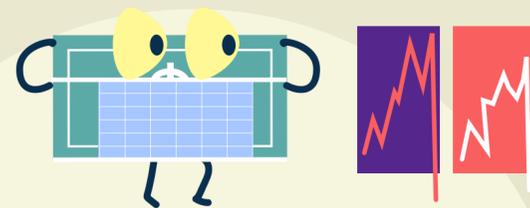




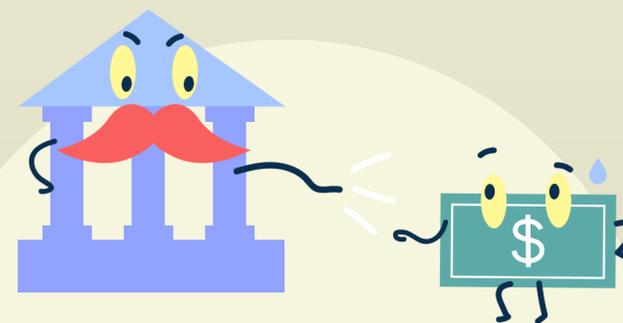
Sempre investi tudo em renda variável e conseguiu manter ganhos ao longo dos anos



Carlos Eduardo administra o dinheiro próprio e uma herança familiar



Durante a pandemia, impressionado com a queda do preço de muitas ações que ele julgava promissoras, resolveu pegar dinheiro emprestado para investir na baixa

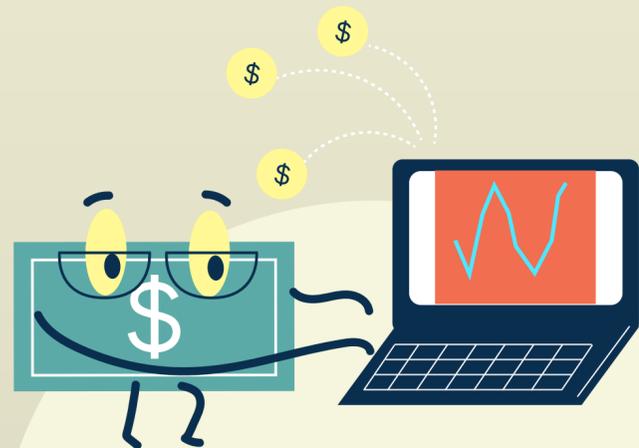


Ele só não contava que a retomada seria mais demorada do que o prazo dos pagamentos, e tentou fazer day trade para recuperar as perdas através de pequenas variações



Depois de perder muito dinheiro, se sente recomeçando com uma nova estratégia - em que não existe mais espaço para alavancagem

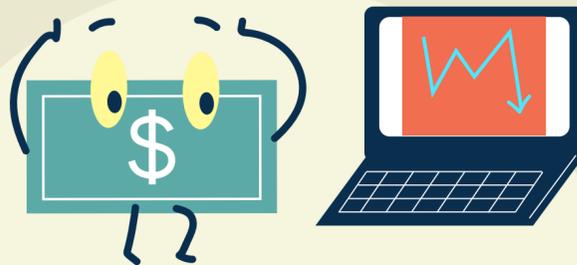




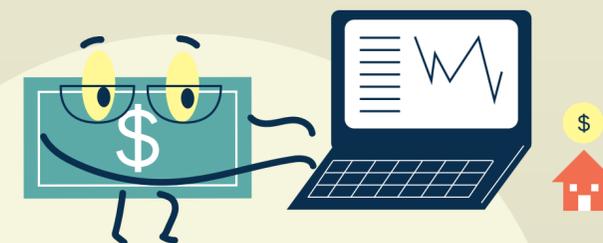
Em uma semana fez mais dinheiro na Bolsa do que se estivesse trabalhando com sua moto. Ficou eufórico e decidiu focar seu tempo diante do computador



Luan aprendeu a fazer day trade para complementar o salário de entregador de aplicativo



Depois de um tempo, não apenas perdeu o que tinha ganhado, mas perdeu também as economias de muitos anos de trabalho



Decidiu estudar mais e percebeu que precisava de uma estratégia mais viável e balanceada. Mudou o seu foco para os Fundos Imobiliários, tendo a renda fixa como uma reserva



Está focado em construir patrimônio a partir dos dividendos. Entendeu que esse crescimento não vem de repente, mas acontece continuamente



# a naturalidade com moedas digitais (e com investimentos) vem também do video game

Esse estudo, que contemplou a população em sua grande multiplicidade, também abraçou jovens investidores da Geração Z - aqueles nascidos em meados dos anos 2000, nativos de um mundo já digital.

Sendo abordados pelo nosso time, ou chegando até o ônibus por interesse próprio, eles trouxeram perspectivas interessantes sobre uma relação mais desembaraçada e fluente com o universo dos investimentos, principalmente no que tange às criptomoedas.

**Pra além da grande facilidade e espontaneidade com os meios digitais, existe também uma familiaridade com o conceito de moeda digital:** os próprios jogos exploram a abstração de um dinheiro que se converte em pontos, skins, objetos e tesouros que só existem virtualmente, na saga das aventuras cibernéticas.





uma mensagem  
entranhada nas redes

O principal ponto é que, se a relação com o investimento está se popularizando no Brasil muito em função das redes sociais, **é preciso ter em mente que os adolescentes e jovens adultos são o principal motor desse ecossistema** - e por isso também recebem esse estímulo do mercado financeiro de forma muito intensa, ainda que muitos deles não estejam em fase econômica produtiva.

Muitas vezes são esses jovens os responsáveis por **retransmitir aos pais e familiares o encorajamento para repensar a organização financeira** e a forma de guardar dinheiro, quebrando barreiras comportamentais e provocando o novo.

É o caso do Matheus, Porto Alegrense de 17 anos, que absorveu e incorporou a mensagem dos YouTubers financeiros: entendeu que precisava confrontar uma tradição familiar de pensar sobre o dinheiro com uma carga de sentimentos negativa. Se reconheceu como agente transformador e agora está ajudando o pai a pensar além da poupança.



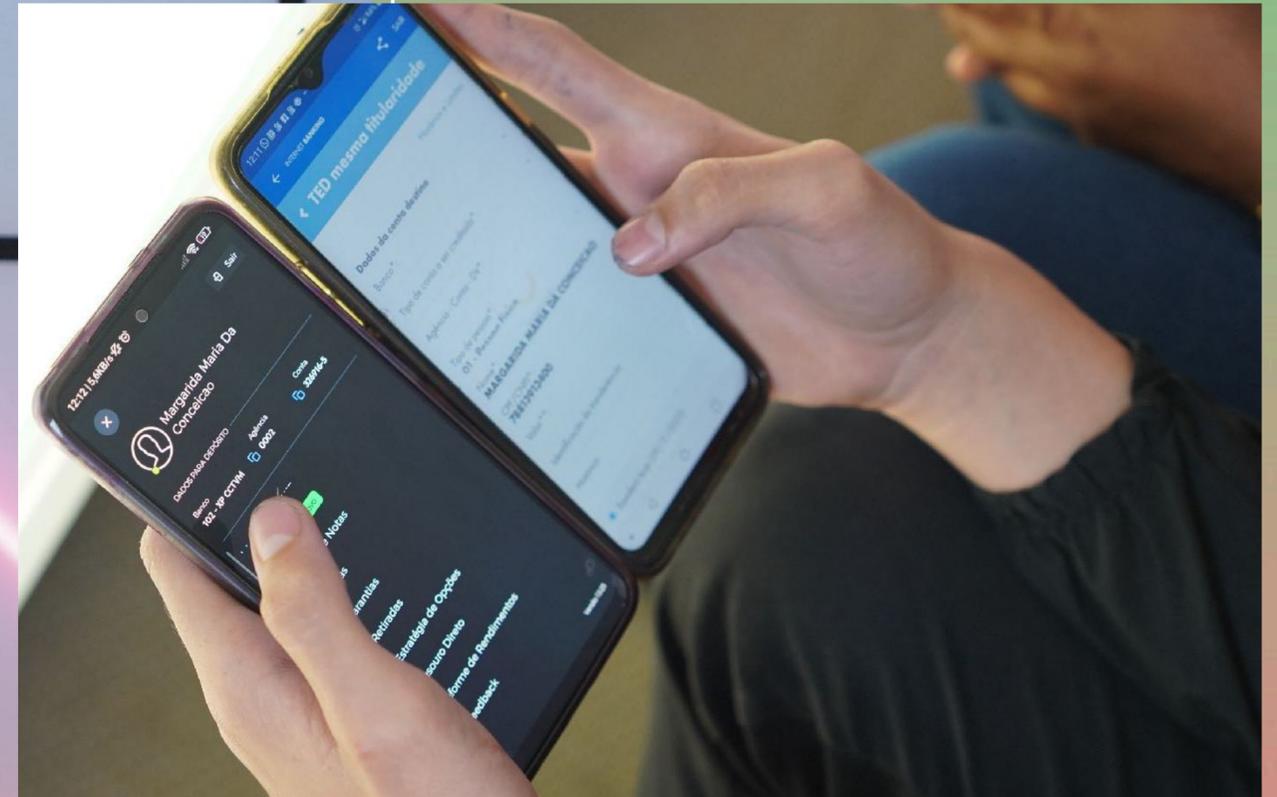
Além de estimular os pais, eles mesmos estão colocando a mão na massa e encontrando formas de fazer dinheiro - pra daí aplicar todo esse conhecimento sobre oportunidades de investimentos.

São jovens que **tendem a ser agressivos e a correr mais riscos porque, em um momento da vida em que o dinheiro é curto e as responsabilidades são menores** (muitos contam com o suporte financeiro dos pais), eles têm a vontade de fazer dinheiro rápido e não carregam muitas obrigações ou compromissos que impeçam as movimentações mais arriscadas.

Criptomoedas conversam bem com esse público porque, além de projetarem uma imagem futurista, também transmitem valores emocionais contemporâneos (liberdade, universalidade, independência de governos e de instituições bancárias) e isso causa uma conexão subjetiva.

Ricardo, de 17 anos, começou a minerar e já possui uma quantia muito expressiva em Bitcoins, mas seus pais nem imaginam que ele tenha algum dinheiro ou faça algum investimento.





Percebemos que a cadeia de empresas do mercado financeiro, no geral, não está preparada para lidar com os investidores menores de idade (e que começam a se interessar por esse tema cada vez mais cedo):

**para quem ainda não tem 18 anos existe uma dificuldade em se abrir contas em bancos e corretoras, e existem também várias barreiras burocráticas** na experiência com os aplicativos e outros canais de relacionamento com o mercado.

A história do César, de apenas 13 anos, exemplifica esses entraves em função da idade, e a dependência da autorização de um responsável que, quase sempre, não consegue alcançar o entendimento do adolescente sobre as oportunidades que ele enxerga. A Dona Margarida, mãe, ficou tão desconfiada que quase não assinou os papéis permitindo o filho a abrir conta em uma corretora.

# jogos de aposta esportivos & games financeiros

Parte do campo desse estudo aconteceu durante a Copa do Mundo de Futebol, no Qatar. Não dá para afirmar se a explosão dos jogos de aposta aconteceu apenas em função do evento, mas podemos assegurar o gigantismo desses aplicativos na vida do brasileiro porque fomos testemunhas desse crescimento acelerado.

Sem entrar no mérito sobre se esses jogos são bons ou ruins para a saúde financeira das pessoas, achamos importante salientar a linha tênue da percepção dos jogadores sobre essas atividades serem consideradas aposta ou investimento:

Existe uma percepção construída (ela não é espontânea, mas sim ensinada pelas marcas) de que esses jogos são ferramentas de investimento. Os aplicativos, talvez aproveitando brechas da legislação, roubam termos do mercado financeiro, apresentam gráficos que se espelham em análises econômicas, abusam da linguagem verbal e semiótica para aproximar a realidade desses jogos de azar ao universo das bolsas de valores.

amigos/  
parentes

Estimuladas a tropeçar nessa confusão, encontramos muitas pessoas que enxergam esse tipo de **jogo como uma parte da estratégia de diversificação dos investimentos**, porque de fato a experiência ferramental está cada vez mais integrada.

Também pudemos notar que, aqueles que já tiveram experiência no day trade, tendem a perceber as apostas esportivas como uma dinâmica muito similar: nos 2 casos existe especulação e possibilidades calculadas sob pontos de vista objetivos e subjetivos. Daí o nome popular, Trade Esportivo.

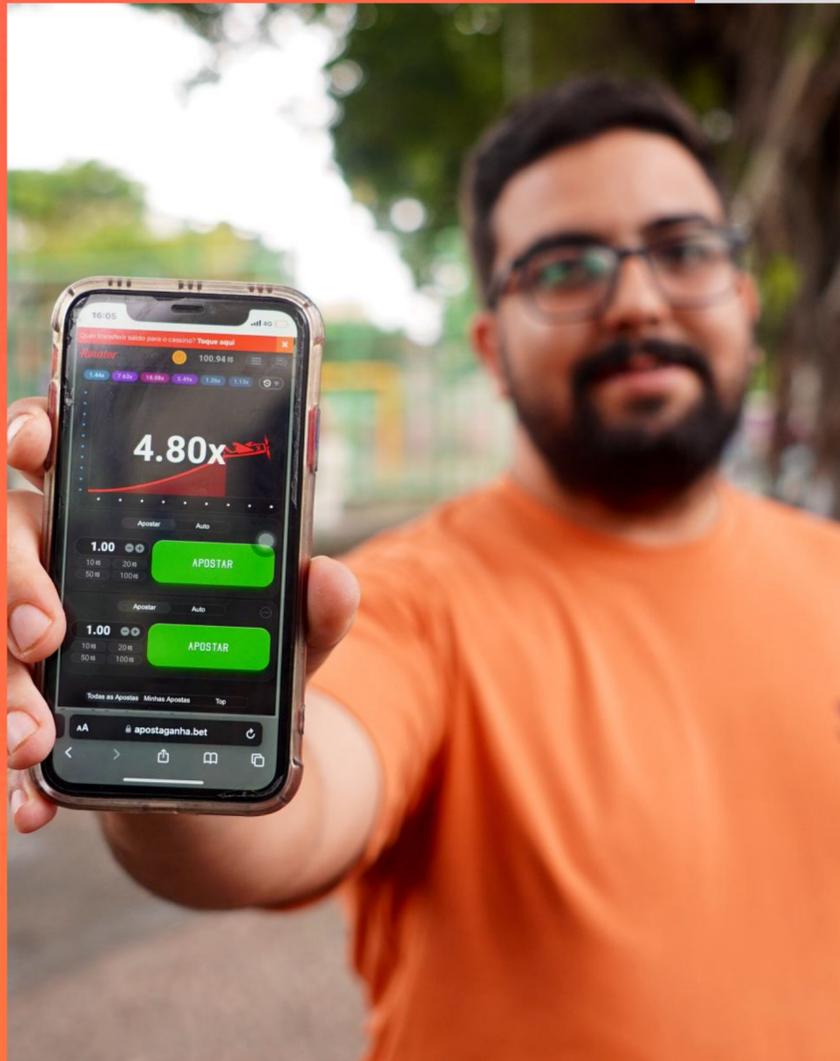




*“Eu fiz um bom dinheiro no joguinho, e depois eu consolidei esse ganho em uma aplicação no banco digital. Aí eu fico nesse vai-e-vem entre essas 2 coisas que na verdade não são coisas separadas, no fundo é uma coisa só: eu tentando crescer o meu dinheiro”*

*— Vinicius, 32, técnico de segurança  
· Porto Alegre (RS)*







*“Eu faço trade esportivo e isso é a mesma coisa de day trade, que eu também faço. Você analisa a probabilidade, você aposta no gol de um time ou no interesse das pessoas em uma determinada empresa. Qual a diferença, me diz?! ”*

*— Sérgio, 29, estoquista · Belém (PA)*

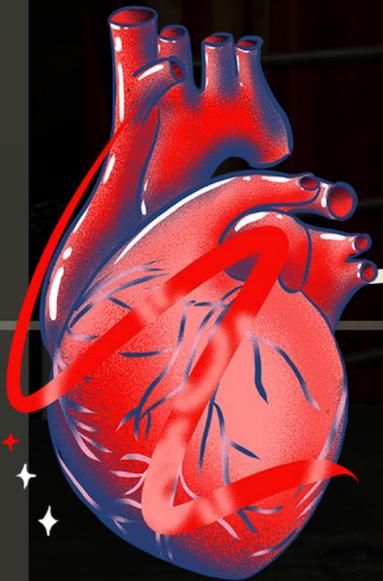
# Poupança

sob a ótica da Gisele

**Ki BU**  
HAMBUR  
& PIZZA

**Temos**  
**Pizza**  
**Hambúrguer**  
**Batata frita**

**Bebidas**  
**Sucos**  
**e refrigerante**



# Poupança sob a ótica da Gisele

## segurança

Sentimento de estabilidade, de ser confiável apesar do trauma

## separação

Ideia de tirar o dinheiro da vista e protegê-lo dos gastos impulsivos no dia a dia

## rentabilidade

Sentimento de constância, de rendimento contínuo. Mas o dinheiro fica lá para ser guardado e não pra crescer.

## disponibilidade

Ideia de ser fácil de acessar a qualquer momento, de ter o dinheiro sempre à mão

## tradição

Histórico familiar, apego emocional ao dinheiro



# Rendimento automático

sob a ótica da Ivete



### previsibilidade

Sentimento de estabilidade, de ser confiável porque o dinheiro "não sai da conta corrente"

### rentabilidade

Sentimento de ter o dinheiro rendendo mais do que a poupança

### disponibilidade

Ideia de ser fácil de acessar a qualquer momento, de ter o dinheiro sempre à mão

### separação

Ideia de tirar o dinheiro da vista e protegê-lo dos gastos impulsivos no dia a dia através do recurso de "pastas"

### dimensão emocional

Divisão do dinheiro em pastas ganha nome, objetivo e apego sentimental

### confusão

Rentabilidade atrelada ao CDI (uma sigla que ela repete sem entender o que é) equívoco com a sigla CDB

### teste

Bancos sem histórico ou agências físicas, necessidade de experimentar devagar

# Rendimento automático sob a ótica da Ivete



# Capitalização

sob a ótica do José



### relacionamento

Moeda de troca com o gerente para aumentar o pacote da conta e ganhar mais relevância no banco



### prêmio

Sorteios que mexem com o emocional e substituem ou complementam a aposta na loteria



### vinculação

Compromisso firmado, compulsório, que possibilita um acúmulo forçado



### leveza

Valores baixos, que não pesam no bolso e que poderiam escorrer pelas mãos



### surpresa

Mesmo que o rendimento não seja alto, o valor somado impacta positivamente porque é restituído inesperadamente

# Capitalização sob a ótica do José

A man with dark hair, a beard, and glasses, wearing a blue short-sleeved button-down shirt, stands in the center of the frame. He is looking directly at the camera. Behind him is a building with a decorative metal gate featuring a repeating pattern of stylized figures. To the left, there is a purple wall and a window with a globe on a stand. The scene is outdoors, possibly in a residential area.

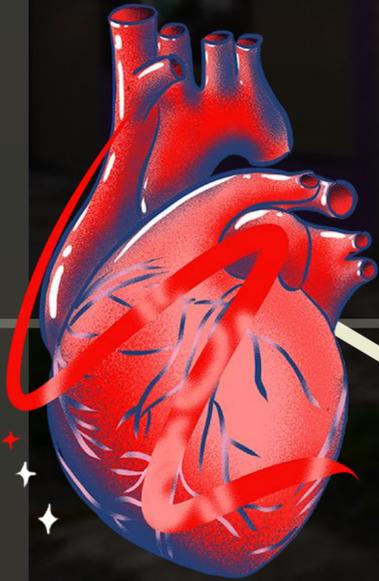
# Títulos Públicos

sob a ótica do Lúcio

# Títulos Públicos sob a ótica do Lúcio

## segurança

Ideia de ter o governo como devedor é motivadora: "se o governo quebrar é porque todo mundo já quebrou antes"



## camuflado

Nem sempre estão em evidência nos aplicativos de bancos digitais ou corretoras



## siglas

Dificuldade em entender os nomes e perceber a diferença dos produtos através da nomenclatura



## truncado

Apesar de ter melhorado muito, a experiência ainda não é intuitiva e depende de ambientes digitais externos ao app (mercado aberto, negociação na bolsa, confirmação de liquidação por email)



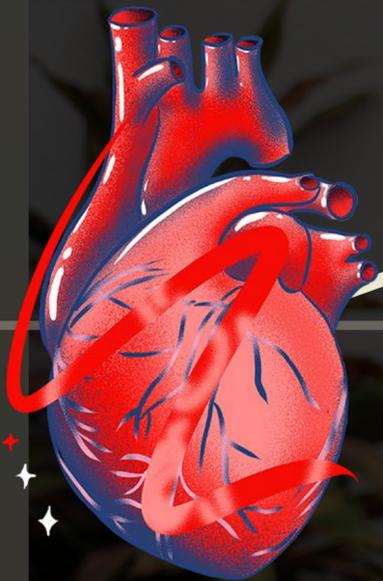
## futuro

Possibilidades de aplicar a longo prazo para viabilizar planos distantes



# Títulos Privados

sob a ótica da Laura



**evidência**  
Geralmente são as aplicações em maior destaque nos aplicativos de banco digital



**facilidade**  
Alguns aplicativos conseguem guiar a escolha, apresentar os detalhes importantes e até fazer sugestão a partir de comparações



**siglas**  
Dificuldade em entender os nomes e perceber, através deles, as diferenças entre uma infinidade de produtos parecidos



**incerteza**  
Dificuldade de calcular a real incidência de taxas (iof) e impostos porque elas dependem do tempo de permanência



**garantia**  
FGC transmite segurança e sentimento de proteção



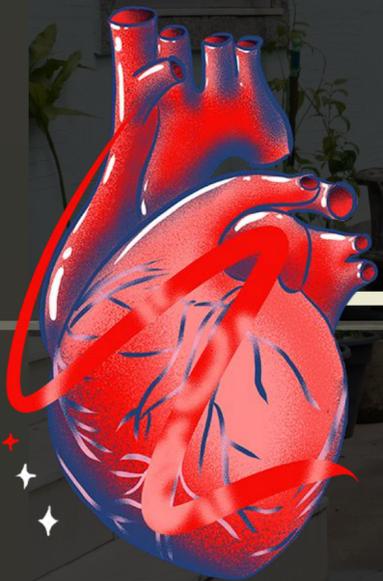
**prontidão**  
Investimentos que podem ser realizados a qualquer horário, sem depender de mercado aberto

# Títulos Privados sob a ótica da Laura

A man with a grey beard and mustache, wearing a light grey polo shirt and white shorts, stands in a narrow alleyway between houses. He has a prosthetic left leg. The alleyway is paved with concrete and has several potted plants along the sides. The houses are multi-story and have various window styles, some with metal grates. The sky is blue with some clouds. The overall scene is a residential neighborhood.

# Fundos de Investimento

sob a ótica do Bruno



### nome genérico

Soa como se não fosse um produto específico, mas sim o agrupamento deles em uma "carteira"



### desconhecimento

Ignorância sobre a dinâmica de funcionamento básica e coletiva de um Fundo: o sistema de cotas, o serviço de gestão e o custo de administração



### polivalência

Anda não alcança a percepção de que são produtos capazes de promover a diversificação nos investimentos (pouca gente alcança), mas entende que pode investir em "muitos imóveis ao mesmo tempo"



### FIs como referência

O nome Fundos Imobiliários começou a ficar mais conhecido e popular nas redes, e está tornando mais concreto o conceito de dividendos e rendimentos: aluguel



### dividendos

Possibilidade de acumular patrimônio em fundos imobiliários para, quem sabe um dia, ter uma renda passiva

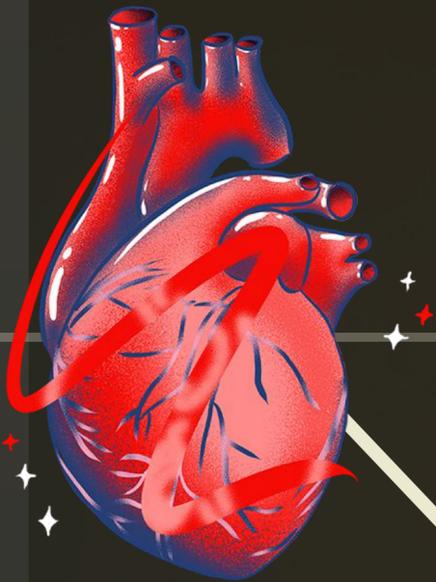
# Fundos de Investimento sob a ótica do Bruno



# Ações

sob a ótica do André

# Ações sob a ótica do André



## experiência do usuário

A parte ferramental (home broker) causa medo no início, mas depois das primeiras experiências se entende o mecanismo básico

## fundamentos

A leitura das informações objetivas é complicada e o processo de aprendizagem depende de muita pesquisa, livros

## informação

Percepção de que as ferramentas para análise e decisão estão fora do ecossistema dos aplicativos: é preciso ter tempo para procurar e lidar com as notícias pulverizadas

## subjetividade

Dificuldade em decifrar o valor para entrada e saída, uma vez que eles dependem do ânimo do mercado, e não só de análise objetiva

## instabilidade

Flutuação do mercado demanda um sangue frio que nem todos conseguem ter. É preciso possuir uma renda fixa bem estruturada para conseguir se segurar emocionalmente

## imposto a calcular

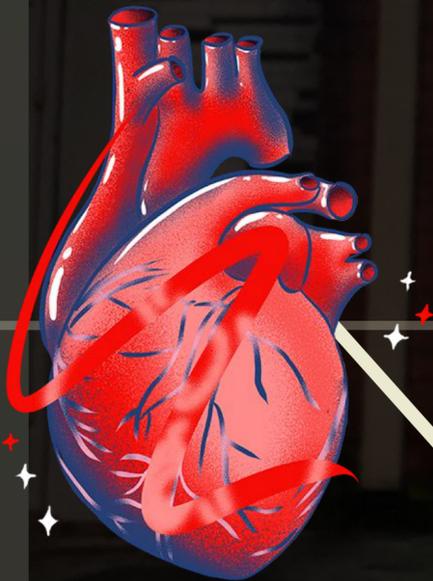
Dificuldades de entender os impostos e o processo para o pagamento deles de modo a estar em dia com a receita



# Criptomoedas

sob a ótica da Verinha

# Criptomoedas sob a ótica da Verinha



## incompreensão

Dificuldade prática de entendimento sobre o funcionamento das moedas ou de como esse investimento pode valorizar



## potencial

Sensação de existir a possibilidade de lucros elevados, na exponencialidade de crescimento das fintechs



## acessível

Aplicação pode ser feita em aplicativos simples, de uso cotidiano (como o Mercado Pago)



## projeção

Ideia de que, mesmo com perdas a curto prazo, pode ser um bom negócio no futuro por representar modernidade



## tecnologia

Sensação de ser um tipo de investimento contemporâneo, que surfa nas possibilidades do mundo digital



## disposição ao risco

Desconhecimento sobre o investimento, seus perigos, mas vontade de participar do movimento



PACO DO FEIJO

tkrs

na rua

Insights Estratégicos

Av. São Luís, 187 - 2º piso - Sala 19

[contato@vemprarua.com.br](mailto:contato@vemprarua.com.br)